



POIROT SALVA O CRIMINOSO
AGATHA CHRISTIE



PRÓLOGO

Elinor Katharine Carlisle. comparece perante este tribunal acusada de ter morto Mary Gerrard no dia 27 de Julho passado.
Confessa-se culpada ou não.»

Elinor Carlisle estava de pé, muito direita, a cabeça levantada. Era uma cabeça graciosa, de contornos finos e bem definidos. Os olhos eram de um azul intenso, o cabelo preto.

As sobrancelhas tinham sido reduzidas a uma linha leve e fina.

Houve um silêncio - um silêncio bastante marcado.

Sir Edwin Bulmer, advogado de defesa, sentiu receio, e pensou: «Meu Deus, vai confessar-se culpada... Perdeu a coragem. . .» Elinor Carlisle, entreabrindo a boca, disse: «Estou inocente.» O advogado de defesa recostou-se para trás. Passou um lenço pela testa, e pensou que fora por um triz...

Sir Samuel Attenbury estava de pé, expondo o caso ao tribunal.

«Ex.mo Sr. Dr. Juiz, srs. jurados, no dia 27 de Julho, às três e meia da tarde, Mary Gerrard morreu em Hunterbury, Maidensford...» A voz continuou, sonora e agradável de ouvir. Embalava Elinor a ponto de quase perder consciência. Da narrativa simples e concisa só uma ou outra frase penetrava no seu consciente.

...Caso particularmente simples e claro...

«...Compete a este tribunal... esclarecer o motivo e a oportunidade. . .

«...Ninguém, ao que parece, tinha motivo algum para matar a infeliz Mary Gerrard, senão a acusada. Era uma rapariga com um excelente feitio, de quem todos gostavam e sem ter, por assim dizer, qualquer inimigo...» Mary, Mary Gerrard! Que longínquo e irreal tudo parecia agora. . .

«..Chama-se a vossa atenção especialmente para os seguintes pontos:

1. Que oportunidades e meios tinha a acusada de administrar o veneno?
2. Que motivo tinha para o fazer?

«...Compete-me trazer perante vós testemunhas que vos possam ajudar a chegar a uma conclusão verdadeira sobre estas questões...

«...Quanto ao envenenamento de Mary Gerrard, tentarei mostrar-vos que ninguém tinha oportunidade de cometer este crime senão a acusada...»

Elinor sentia-se como que envolvida num denso nevoeiro.

Palavras soltas rompiam essa bruma.

«. . .Sanduíches. . .

«...Conservas de peixe...

«...Casa vazia...»

As palavras atravessavam a espessa cortina que envolvia os pensamentos de Elinor - qual picadas de alfinete através de um véu pesado que a isolava...

O tribunal. Rostos. Filas e filas de rostos! Certo rosto com um grande bigode preto e olhos espertos. Hercule Poirot, de olhar pensativo, cabeça inclinada um pouco para o lado, observava-a.

Ela pensou: está a tentar compreender qual a verdadeira razão por que fiz aquilo... Está a tentar penetrar no meu espírito para compreender o que pensei - o que senti...

O que senti... ? Uma nuvem toldou-lhe a vista e teve uma leve e desagradável sensação de choque... O rosto de Roddy - o rosto querido, com o seu nariz afilado e a boca revelando

sensibilidade... Roddy! Sempre Roddy - lembrava-se dele desde pequena... desde aqueles tempos em Hunterbury por entre as framboesas, ou no parque, ou lá em baixo próximo do regato. Roddy--Roddy--Roddy...

Outros rostos! A enfermeira O'Brien, a boca ligeiramente aberta, o rosto fresco e sardento muito espetado. A enfermeira Hopkins de aspecto impecável - impecável e implacável.

O rosto de Peter Lord Peter Lord - tão amável, tão simpático tão - tão reconfortante! Mas parecendo agora - o quê? - aflito? Sim, era isso - aflito ! Preocupado - terrivelmente preocupado com tudo aquilo! Enquanto ela própria, a figura central não se preocupava nada! Ei-la, bastante calma e indiferente, perante um tribunal, acusada de assassinio.

Qualquer coisa se moveu; a cortina que lhe envolvia o cérebro tornou-se mais leve, mais transparente. No tribunal!...

Muita gente...

Gente inclinada para a frente, a boca um pouco entreaberta, os olhos cheios de curiosidade, fixos nela, Elinor, com uma satisfação de vampiros, ouvindo, com uma espécie de prazer lento e cruel, o que aquele homem alto com nariz de judeu dizia a respeito dela.

«Os factos, neste caso, são extremamente fáceis de seguir e não estão em discussão. Vou apresentá-los de uma maneira simples. Começando pelo início...» Elinor pensou:

«O início... O início? Foi no dia em que veio aquela horrível carta anónima! Sim, foi esse o início...»

PRIMEIRA PARTE

Uma carta anónima! Elinor Carlisle, com ela na mão, ficou a olhá-la. nunca tinha recebido nenhuma Causava-lhe uma sensação desagradável. Era uma carta mal escrita, com erros ortográficos e num papel barato cor-de-rosa. Dizia o seguinte:

Tem esta o fim da avisar. ;Não digo nomes mas há uma pessoa que anda muito de roda da sua tia e se não tem cuidado fica sem nada.

As raparigas novas são muto sabidas e as senhoras de idade ficam muto derretidas guando uma pessoa nova as amima e lhes diz coisas bonitas. No meu entender devia vir cá ver com os seus olhos o que se passa não é justo que tirem o que é da senhora e do otro senhor 6 ela é muto sabida e a boa senhora pode murrer dum mumento pra outro.

Uma pessoa que lhe quer Bem.

Elinor, estava ainda de olhos fixos nesta missiva, com as sobranceiras franzidas numa expressão de desagrado, quando a porta se abriu e a criada anunciou: «O sr. Welman».

Roddy entrou.

Roddy! Como sempre que via Roddy, Elinor sentiu uma sensação de ligeira tontura, uma vibração de súbito prazer, e achou que devia mostrar que possuía um espírito prático e não era susceptível de emoções. Porque era bem evidente que Roddy, apesar de a amar, não sentia por ela o que ela sentia por ele. Vê-lo, produzia-lhe um efeito como se lhe estivessem a oprimir o coração a ponto de quase lhe fazer doer.

Era absurdo que um homem - um homem vulgar, sim, perfeitamente vulgar - conseguisse produzir aquele efeito em alguém! Que o simples facto de olhar para ele fizesse ver tudo à roda, que ouvir a sua voz desse vontade de chorar...

O amor devia ser certamente uma emoção agradável, e não tão intensa que se tornasse assim pungente... Uma coisa era evidente: era preciso ter o cuidado de mostrar que encarava a questão despreocupada e naturalmente. Os homens não gostam de dedicação nem de adoração. E Roddy não gostava com certeza.

Ela disse desprendidamente:

- Olá, Roddy!

- Olá, querida. Estás com ar trágico. Isso é alguma conta?

Elinor abanou a cabeça negativamente.

- Pensei que fosse; no Verão, bem sabes, é quando as fadas dançam e as contas lá vêm dançando também. É terrível, horroroso. É uma carta anónima.

Roddy franziu a testa. O seu rosto afilado e tristonho tornou-se duro.

- Não é possível - exclamou com repulsa: Elinor repetiu:

- É terrível, horroroso . . .

Dirigiu-se para a secretária.

- O melhor que há a fazer é rasgá-la, parece-me.

Podia fazer isso - esteve quase a fazer - porque Roddy e cartas anónimas eram incompatíveis. Podia deitá-la fora e não pensar mais nela. Ele não a impediria. O de interesse por tudo estava muito mais fortemente desenvolvido nele do que a curiosidade.

Mas num impulso Elinor resolveu outra coisa e observou:

- No entanto, talvez seja melhor tu lê-la primeiro. Depois queimo-a. É a respeito da tia Laura.

Roddy abriu muito os olhos surpreendido.

- Da tia Laura?

Pegou na carta, leu-a, fez uma expressão de desagrado e tornou a entregá-la.

- Sim, é de queimar, sem dúvida! Há pessoas muito extraordinárias!

- É de uma das criadas, não achas?

- Acho que sim. - Ele hesitou. - Não imagino quem seja a pessoa a que se referem.

- Deve ser Mary Gerrard, julgo eu.

Roddy semicerrou os olhos num esforço de memória.

- Mary Gerrard? Quem é?

- A filha do guarda. Deves lembrar-te dela em criança. A tia Laura sempre gostou muito da garota e tomou interesse por ela. Pagou-lhe os estudos e vários extras, como lições de piano e francês e outras coisas mais.

- Ah, sim, já me lembro dela: uma miudita que era só pernas e braços com uma grande cabeleira loira.

Elinor confirmou.

- Sim, provavelmente nunca mais a viste desde aquelas férias de Verão em que a mãe e o pai foram ao estrangeiro. É verdade que não tens ido a Hunterbury tantas vezes como eu, e ela esteve recentemente na Alemanha, mas nós costumávamos brincar e fazer troça dela quando éramos pequenos.

- Como está ela agora? - perguntou Roddy.

- Está uma rapariga muito bonita e bem educada. Com aquela educação ninguém dirá que é filha do velho Gerrard.

- Fez-se uma senhora, não?

- É verdade. Acho que por causa disso não vive muito bem em casa do pai. A sr^a Gerrard morreu há alguns anos e Mary e o pai não se dão um com o outro. Ele faz troça dos estudos e das «maneiras finas» dela.

Roddy comentou irritado:

- As pessoas nem sonham o mal que podem fazer em educar alguém! Às vezes é crueldade e não bondade!

- Suponho que ela passa muito tempo lá em casa... Sei que lê para a tia Laura desde que ela teve o ataque.

- Por que não lhe lê a enfermeira? - perguntou Roddy.

Elinor respondeu com um sorriso:

- A enfermeira O'Brien tem um sotaque muito marcado! Não me admiro que a tia Laura prefira a Mary.

Roddy passeou rápida e nervosamente de um lado para o outro durante uns minutos.

- Sabes, Elinor, acho que devíamos ir lá.

- Por causa disto? - perguntou Elinor após uma ligeira surpresa.

- Não, não é por causa disso. Ou por outra, sejamos francos, é! Embora essa comunicação seja idiota, pode haver alguma verdade por trás dela. Bem vêes, a pobre senhora está muito doente.

- Sim, Roddy.

Ele olhou para ela com o seu encantador sorriso, admitindo as fraquezas humanas.

- E o dinheiro tem importância para nós Elinor, para ti e para mim.

- Pois tem - concordou ela imediatamente.

Ele continuou com ar sério:

- Não é que eu seja mercenário. Mas aliás a própria tia Laura tem dito e repetido que tu e eu somos os seus únicos parentei. Tu és sobrinha, filha de um irmão, e eu sou sobrinho do

marido. Sempre nos deu a entender que por morte dela tudo o que possui ficaria para um de nós ou mais provavelmente ainda para ambos. E é uma soma considerável, Elinor.

- Sim, deve ser - disse Elinor pensativa.

- Manter Hunterbury não é brincadeira. - Fez uma pausa.

- Parece-me que o tio Henry já vivia o que se pode chamar bem, quando encontrou a tua tia Laura. Mas além disso ela era uma herdeira. Ela e o teu pai ficaram bastante prósperos. Foi pena que o teu pai se metesse em negócios e perdesse grande parte do dinheiro.

Elinor suspirou.

- Coitado do pai, nunca teve jeito para negócios. Andava muito preocupado com tudo antes de morrer.

- Sim, a tua tia Laura teve muito mais cabeça do que ele. Casou-se com o tio Henry e compraram Hunterbury, e disse-me ela uma vez que tinha sido sempre excepcionalmente feliz no emprego de capital. Praticamente nada lhe tinha falhado.

- O tio Henry deixou-lhe tudo quando morreu, não deixou?

Roddy confirmou.

- Foi trágico morrer tão cedo. E ela não tornou a casar. Envelheceu fiel. Foi sempre muito boa para nós. Tratou-me como se eu fosse sobrinho dela, pelo sangue. Sempre que estive em apuros ajudou-me, o que, felizmente, não sucedeu muitas vezes! - Para mim tem sido também muitíssimo generosa - disse Elinor com gratidão.

- A tia Laura é boa pessoa. Mas, sabes Elinor, talvez sem querer, tu e eu vivamos bastante extravagantemente, em relação aos meios de que realmente dispomos!

Ela confirmou calmamente:

- Suponho que sim... Tudo custa tão caro! Os fatos, o cabeleireiro, coisas sem importância como cinemas e cocktails e até os discos!

- Querida, tu és um dos lírios do campo, não és? Não trabalhas nem fias!

- Achas que devia, Roddy?

Ele abanou a cabeça negativamente.

- Gosto de ti como és: delicada, distante e irónica. Detestava que tomasses a vida demasiado a sério. Só digo que se não fosse a tia Laura estarias possivelmente trabalhando em qualquer emprego detestável. E o mesmo se passa comigo. O emprego que tenho não me interessa. Estar no Lewis Hume não é muito fatigante. Está mesmo a calhar para mim. Mantenho o respeito por mim próprio tendo um emprego; mas, nota bem, não me preocupo com o futuro por causa das minhas esperanças na tia Laura.

- Parecemos sanguessugas!

- Qual! Foi-nos dado a entender que um dia teríamos dinheiro, e pronto. É claro que esse facto influencia a nossa conduta.

Elinor observou, pensativa:

- A tia Laura nunca nos disse em definitivo e exactamente como deixaria o dinheiro...

- Isso não importa! Provavelmente dividiu-o por nós dois; mas se não for assim, se te deixar todo ou quase todo por seres do seu sangue, eu também o partilharei porque vou casar contigo; e se a boa senhora achar que eu devo ficar com a maior parte, como representante masculino dos Welms, também está bem, porque tu vais casar comigo.

É uma sorte gostarmos um do outro. Tu gostas de mim, não gostas, Elinor?

- Gosto - disse ela friamente, num tom quase afectado.

- Gosto! - repetiu Roddy imitando-a. - És adorável, Elinor. Esse teu arzinho distante, impenetrável... Ia Prulccssc Lointaine. Creio que são esses teus atributos que me fazem gostar de ti.

Elinor conteve um suspiro e exclamou:

- Ah, sim?

- Sim. Algumas mulheres são tão. . . não sei. . . tão terrivelmente absorventes .. tão... tão caninamente dedicadas, alardeando os seus sentimentos por toda a parte! Detestava isso. Contigo nunca sei, nunca tenho a certeza: de um momento para o outro voltas as costas com aquele teu modo frio e desprendido e dizes que mudaste de ideias, assim tal qual, friamente, sem pestanejar! És uma criatura fascinante, Elinor.

És como uma obra de arte, tão, tão completa e..

E continuou:

- Sabes, acho que o nosso casamento será um casamento perfeito... Gostamos ambos um do outro, o suficiente sem ser demasiado. Somos bons amigos. Temos muitos gostos em comum. Conhecemo-nos profundamente bem. Temos todas as vantagens de ser primos sem as desvantagens de parentesco de sangue. Nunca me cansarei de ti, porque és versátil. É verdade que podes cansar-te de mim. Sou uma pessoa tão vulgar.

- Nunca me cansarei de ti, Roddy, nunca - disse Elinor.

- Minha querida! - E beijou-a.

- Penso - disse ele ainda - que a tia Laura, lá para si, tem uma ideia do que se passa entre nós, embora não tivéssemos estado com ela desde que assentámos tudo. É uma boa desculpa para irmos lá agora, não é verdade?

- Pois é. Outro dia estive a pensar...

Roddy acabou a frase por ela.

- ...Que não vamos lá tantas vezes como devíamos. Também pensei nisso. Quando ela teve o primeiro ataque iamos lá, semana sim, semana não. E agora deve haver quase dois meses que lá não vamos.

- Se ela nos tivesse chamado tínhamos ido imediatamente - afirmou Elinor.

- Isso é verdade. E sabemos que ela gosta da enfermeira O'Brien e é bem tratada. Contudo, talvez tenhamos sido um pouco descuidados. Agora não estou a falar sob o ponto de vista do dinheiro, mas do mero aspecto humano.

- Compreendo.

- Afinal essa repelente carta fez algum bem! Vamos lá para proteger os nossos interesses e porque gostamos da boa senhora! Acendeu um fósforo e deitou fogo à carta que tirou da mão de Elinor.

- Fazes ideia de quem a escreveu? - perguntou. - Não é que isso tenha importância... Foi com certeza alguém que estava «do nosso lado» como nós costumávamos dizer quando éramos pequenos. Talvez nos tenham feito um favor. A mãe de Jim Partington foi para a Riviera tratar-se, apaixonou-se pelo médico assistente que era um clínico italiano novo e simpático, e deixou-lhe todo o dinheiro que possuía. Jim e as irmãs tentaram modificar o testamento mas não conseguiram.

- A tia Laura gosta do novo médico que foi para o lugar do Dr. Ransome mas não a esse ponto! Aliás aquela horrível carta mencionava uma rapariga. Deve ser Mary.

- Vamos até lá ver com os nossos próprios olhos...

A enfermeira O'Brien saiu silenciosamente do quarto da sr^a Welman para a casa de banho.

- É só pôr a água a ferver - disse - com certeza sabe-lhe bem uma chávena de chá, antes de se ir embora.

A enfermeira Hopkins exclamou com satisfação:

- Pois sim, filha, a mim sabe-me sempre bem uma chávena de chá. E costumo dizer que não

há nada que chegue a uma boa chávena de chá, bem forte!

A enfermeira O'Brien enquanto enchia a chaleira e acendia o fogão de gás explicou:

- Tenho tudo aqui neste armário: bule, chávenas e açúcar; e a Edna traz-me leite fresco duas vezes por dia. Não é preciso ficar um tempo sem fim a tocar a campainha. Este fogão de gás é bom; ferve uma chaleira num instante.

A enfermeira O'Brien era uma mulher de trinta anos alta, ruiva, com dentes brancos e brilhantes, o rosto sardento e um sorriso simpático. A sua boa disposição e vitalidade tornavam-na querida dos doentes. A enfermeira Hopkins, enfermeira da localidade, que vinha todas as manhãs ajudar a fazer a cama e a toilette da pesada doente, era uma mulher de meia idade de feições grosseiras com ar eficiente e modos bruscos.

Esta disse, então, elogiando:

- Nesta casa está tudo muito bem feito.

- Pois está - concordou a outra. - Apenas algumas coisas são antiquadas. Por exemplo, não há aquecimento central, embora haja muitos fogões de sala. Quanto às criadas são todas raparigas prestáveis e a sr^a Bishop dirigia-as bem.

- Estas raparigas de agora, não tenho paciência para as aturar - exclamou a enfermeira Hopkins. - Não sabem o que querem, e não fazem um dia de trabalho que se veja.

- Mary Gerrard é boa rapariga - disse a enfermeira O'Brien. - Realmente não sei o que seria da sr^a Welman sem ela. Nunca a ouviu chamar por ela? Bem, devo dizer, que a rapariga é encantadora e sabe lidar com a senhora.

- Tenho pena de Mary. O pai dela faz tudo para a humilhar.

- Não sabe o que é uma palavra delicada, o diabo do homem. Pronto, a chaleira já está a assobiar. Assim que ferver é só deitar-lhe o chá.

Fez o chá e serviu-o quente e forte. As duas enfermeiras pegaram nas chávenas e foram sentar-se para o quarto da enfermeira O'Brien contíguo ao da sr^a Welman.

- O sr. Welman e Miss Carlisle vêm cá, - informou a enfermeira O'Brien. - Chegou um telegrama esta manhã.

- Agora percebo. Achei que a nossa doente estava entusiasmada com qualquer coisa. Há muito tempo que cá não vem, pois não?

- Estiveram cá há dois meses ou mais. O sr. Welman é tão novo e tão simpático! Mas tem um certo ar orgulhoso.

- Vi o retrato dela no Tatler um dia destes, em Newmarket com uma amiga - disse a enfermeira Hopkins.

- Ela é muito conhecida na sociedade, não é? E anda sempre muito bem vestida. Acha que é realmente bonita?

- É difícil saber como realmente são estas raparigas sem maquilhagem! Na minha opinião não pode sequer comparar-se com a formosura de Mary Gerrard!

A enfermeira O'Brien cerrou os lábios e inclinou a cabeça para um lado.

- Pode ser que tenha razão. Mas à Mary falta-lhe classe! O hábito faz o monge - sentenciou a enfermeira Hopkins.

- Quer outra chávena de chá?

- Pois sim, obrigada.

Com as chávenas fumegantes na mão aproximaram-se um pouco mais uma da outra, e a enfermeira O'Brien disse:

- A noite passada, aconteceu uma coisa estranha. Como é costume entrei no quarto às duas da manhã para colocar a nossa doente numa posição confortável, e ela estava acordada. Mas devia ter estado a sonhar, pois mal entrei disse: «A fotografia. Quero a fotografia».

Então eu observei-lhe «Pois sim, sr^a Welman. Mas não prefere esperar pela manhã?» «Não, quero vê-la agora» respondeu-me. Então perguntei: «E onde está essa fotografia? É a do sr. Roderick?» «Roderick? Não, Lewis» disse ela e começou a querer mexer-se. Ajudei-a a soerguer-se, tirou as chaves da caixinha que está ao lado da cama e disse-me que abrisse a segunda gaveta do toucador, e lá estava, realmente uma fotografia grande numa moldura de prata. Era a fotografia de um homem muito interessante e tinha Lewis esCrito a um canto. Era antiga, deve ter sido tirada há muitos anos. Levei-lha, ela agarrou-a e ficou a contemplá-la muito tempo. Murmurava apenas, «Lewis... Lewis»- Depois suspirou, deu-ma e mandou-me pô-la no mesmo sítio. E quer crer que quando me voltei outra vez para ela, tinha adormecido Suavemente como uma criança?

- Como que era o marido dela? - perguntou a enfermeira Hopkins.

era! Porque esta manhã perguntei casualmente shop, qual era o primeiro nome do sr. Welman e ela dsse-me que era HenrY !

As duas trocaram olhares. A enfermeira Hopkins tinha o nariz comprido e a ponta tremeu-lhe um pouco de agradável emoção. Por fim disse pensativamente:

- Lewis... Lewis... Não sei. Não me lembro desse nome aqui por estes sítios.

- Deve ter sido há muitos anos - lembrou a outra.

- Sim, é claro, e eu estou aqui apenas há um par de anos. Não sei.

- Era um homem muito interessante. Parecia ser oficial de cavalaria!

- É muito curioso! - exclamou a enfermeira Hopkins, sorvendo o chá: - Talvez quando eram ambos novos tivessem inclinação um para o outro e um pai cruel os separasse... - conjecturou romanticamente a enfermeira O'Brien.

- Talvez ele tivesse morrido na guerra... - alvitrou a enfermeira Hopkins suspirando profundamente.

Quando a enfermeira Hopkins agradavelmente excitada pelo chá e pelas especulações românticas saiu finalmente, Mary Gerrard veio a correr ao encontro dela.

- Posso ir até à vila consigo, sr^a Hopkins?

- Pois pode, minha filha.

- Preciso de lhe falar. Estou tão preocupada com tudo isto - disse Mary Gerrard ofegante.

A outra olhou para ela ternamente.

Com os seus vinte e um anos, Mary Gerrard era uma rapariga encantadora, com um pouco da imaterialidade de uma rosa selvagem: um pescoço longo e delicado, cabelo de um louro pálido, em leves ondas naturais emoldurando-lhe a cabeça, estranhamente modelada, os olhos de um azul intenso.

- Que há? - perguntou a enfermeira Hopkins.

- Há que o tempo passa e eu sem fazer nada.

- Tem muito tempo - exclamou secamente a enfermeira Hopkins.

- Não, mas sinto-me tão, tão pouco segura. A sr^a Welman foi muitíssimo boa, dando-me todos aqueles estudos dispendiosos. Acho que devia agora começar a ganhar a vida. Devia arranjar qualquer trabalho para ir praticando.

A enfermeira Hopkins fez um aceno de compreensão e simpatia.

- É desperdiçar tudo se não faço alguma coisa. Tentei explicar o que sinto à sr^a Welman, mas é difícil, ela parece não compreender. Diz sempre que tenho muito tempo.

- Lembre-se de que ela é uma pessoa doente.

Mary corou, embaraçada.

- Sim, eu sei. Sei que não devo causar-lhe aborrecimentos.

Mas estou preocupada, e o meu pai fala disto tão brutalmente! Está sempre a implicar

comigo por causa das minhas «maneiras finas». E realmente eu não quero andar à boa vida!

- Eu sei que não quer.

- O pior é que adquirir prática de qualquer coisa é quase sempre dispendioso. Sei bem alemão e podia aproveitar esse conhecimento. Mas o que eu desejava verdadeiramente era ser enfermeira. Gosto de enfermagem e de pessoas doentes.

- Lembre-se de que tem de ser forte como um touro! - disse prosaicamente a enfermeira Hopkins.

- Eu sou forte! E gosto muito de enfermagem. A irmã da minha mãe, que vive na Nova Zelândia, foi enfermeira. Como vê, está-me na massa do sangue.

- Que diz a massagens? - sugeriu a enfermeira Hopkins. - Ou puericultura, já que gosta de crianças. Nas massagens ganha-se muito dinheiro.

- É caro praticar, não é? Eu tinha esperança de que. . . mas, é claro, é muita ambição minha... ela já fez muito por mim.

- Refere-se à sr^a Welman, não é? Então não diga disparates. A meu ver ela deve-lhe isso. Deu-lhe uma educação excelente mas de pouca utilidade prática. Não quer ser professora?

- Não me acho suficientemente inteligente para isso.

- Há inteligência e inteligência! Se quer um conselho, Mary, por agora tenha paciência. Como lhe disse, na minha opinião a sr^a Welman tem obrigação de a ajudar a arranjar um modo de vida. E não tenho dúvidas de que tenciona fazê-lo. Mas a verdade é que gosta muito de si e não a quer perder.

- Acha que é isso? - perguntou Mary contendo a respiração.

- Não tenho a mínima dúvida! A pobre senhora está para ali mais ou menos inválida, paralítica de um lado e sem nada nem ninguém que a distraia. Para ela é uma grande coisa ter em casa uma pessoa nova, bonita e fresca como você. E a Mary tem muito jeito para lidar com doentes.

- Se realmente acha que é isso, já me sinto melhor... Querida sr^a Welman, gosto tanto dela! Foi sempre tão boa para mim! Faria tudo por ela!

- Então o melhor que tem a fazer é deixar-se estar onde está e não se preocupar, não será por muito tempo - disse a enfermeira Hopkins secamente.

- Tem a impressão de que... ?

Os olhos de Mary ao esboçar a pergunta pareciam maiores e assustados.

A enfermeira Hopkins acenou com a cabeça.

- Ela refez-se com facilidade, mas está por pouco. Terá Segundo ataque e terceiro. Sei bem como estas coisas são. Tenha paciência, minha filha. Se preencher e tonar felizes os últimos dias da pobre senhora é a melhor acção que pode fazer. Depois terá tempo para outras coisas.

- A senhora é muito boa.

- Lá está o seu pai à porta de casa, e não é com certeza para gozar este belo dia!

Estavam precisamente a chegar aos grandes portões de ferro. Na entrada da casa do guarda um homem de idade, curvado e coxeando, descia a custo os dois degraus.

A enfermeira Hopkins saudou alegremente.

- Bom dia, sr. Gerrard.

Ephraim Gerrard resmungou:

- Viva!

- Lindo dia.

- Talvez para si - disse o velho Gerrard com mau modo.

- Para mim não. O meu lumbago tem andado a atacar-me que é um caso sério. - Isso deve

ter sido do tempo húmido que esteve a semana passada. Agora este tempo quente e seco vai curá-lo depressa.

O tom brusco e profissional dela pareceu aborrecer o velho que disse num tom desagradável:

- Enfermeiras... As enfermeiras são todas iguais. Com o mal dos outros podem elas bem. Que importa! E ainda a Mary fala em ser enfermeira também. Pensei que quisesse ser alguma coisa melhor do que isso, com o que sabe de francês e alemão e piano e tudo o que aprendeu nas boas escolas por onde andou e nas viagens ao estrangeiro.

- Ser enfermeira está muito bem para mim! - disse Mary com entusiasmo.

- Sim, e melhor seria ainda não fazer nada, não é? Andares para aí a pavonear-te com esses ares e essas maneiras de senhora fina, que não tem nada que fazer. De mandriar é que tu gostas, minha menina!

Mary protestou com as lágrimas nos olhos:

- Isso não é verdade, pai. Não é justo que diga isso!

A enfermeira Hopkins interveio com ar de ponderação e de gracejo forçado:

- Estamos a destoar do tempo esta manhã, não estamos? Não tem razão no que diz, Gerrard. Mary é boa rapariga e boa filha.

Gerrard olhou para a filha quase com aversão.

- Ela é lá minha filha... com falar delico-doce. . . Uf ! Virou as costas e entrou para casa.

- Vê como é difícil? - disse Mary ainda de lágrimas nos olhos. - Ele é tão incompreensivo. Nunca gostou de mim, mesmo quando eu era pequenina. A mãe estava sempre a defender-me.

- Deixe lá e não se preocupe. Estas coisas são-nos mandadas para nos experimentar! Meu Deus, tenho que me despachar. As voltas que ainda tenho que dar esta manhã! Enquanto ficou olhando a figura desenvolta que se afastava, Mary Gerrard pensou desconsoladamente que não havia ninguém verdadeiramente bom ou que pudesse realmente ajudar-nos. A enfermeira Hopkins apesar de toda a sua bondade, estava perfeitamente satisfeita de apresentar uma série de banalidades e oferecê-las como ideias novas.

E Mary pensou: «Que hei-de fazer?»

CAPÍTULO SEGUNDO

A sr^a Welman estava recostada nos almofadões cuidadosamente empilhados. A respiração era um pouco pesada mas não estava a dormir. Os olhos, uns olhos ainda profundos e azuis como os da sobrinha Elinor, contemplavam o tecto.

Era uma senhora forte, pesada com um belo perfil aquilino.

Um rosto revelador de orgulho e decisão.

Baixou os olhos que foram pousar na pessoa sentada perto da janela. Pousaram nela ternamente, quase ansiosamente, e chamou por fim:

- Mary.

A rapariga voltou-se imediatamente.

- Ah, está acordada.

- Sim, acordei há pouco... - disse Laura Welman.

- Eu não sabia. Se não teria...

A sr^a Welman interrompeu-a:

- Não faz mal. Estive a pensar... a pensar em várias coisas.

- Ah, esteve?

O olhar simpático, a voz interessada, despertaram no rosto da boa senhora uma expressão de ternura e disse suavemente:

- Gosto muito de ti, filha. És muito boa para mim.

- Oh sr^a Welman, a senhora é que tem sido boa para mim. Não sei que seria de mim se não fosse a senhora! Devo-lhe tanto!

- Não sei. . . Não sei, parece-me que. . . - A doente moveu-se desassossegadamente, o braço direito contraiu-se, e o esquerdo permaneceu inerte e sem vida. - Cada qual julga que faz tudo pelo melhor; mas é tão difícil saber o que é o melhor, o que é justo. Agi sempre com demasiada confiança em mim própria...

- Tenho a certeza de que sabe sempre o que é melhor e o que é mais justo que se faça.

Mas Laura Welman abanou a cabeça negativamente.

- Não, não. E isso preocupa-me. Tive sempre um defeito secreto, Mary: sou orgulhosa. O orgulho pode ser o diabo.

E é de família. Elinor também o tem.

- Vai ser muito agradável para a senhora ter cá Miss Elinor e o sr. Roderick. Vai dar-lhe muita alegria. Há já bastante tempo que cá não vêm.

- São bons pequenos, muito bons pequenos - disse a sr^a Welman suavemente. - E gostam ambos de mim. Sei que basta chamá-los, vêm imediatamente. Mas não quero fazer isso demasiadas vezes. São novos e felizes, têm a vida à sua frente. Não há necessidade de os aproximar da decadência e do sofrimento antes de tempo.

- Tenho a certeza de que não sentiam nada disso - afirmou Mary.

A sr^a Welman, falando talvez mais para ela própria do que para a rapariga, continuou:

- Sempre tive esperanças de que se casassem. Mas nunca tentei sequer insinuar nada disso. Os jovens são tão contraditórios! Afastavam-se logo um do outro. Tenho, desde há muito tempo, ainda eles eram crianças, a ideia de que Elinor gosta de Roddy. Mas não estou nada certa sobre ele. É uma pessoa estranha. Henry era assim, muito reservado e tristonho... Sim, Henry...

Ficou por algum tempo silenciosa, pensando no marido que morrera, e por fim murmurou:

- Já lá vai tanto tempo... tanto tempo... Estávamos casados há cinco anos apenas quando ele

morreu. Uma pneumonia dupla... Éramos felizes, sim, muito felizes; mas não sei porquê essa felicidade parece-me pouco real. Eu era então uma garota estranha e grave, com a cabeça cheia de ideais e de admiração pelos grandes homens. A realidade não existia...

- Deve ter-se sentido muito só. . . depois - murmurou Mary.

- Depois? Ah sim... terrivelmente só. Tinha vinte e seis anos... e agora tenho mais de sessenta. Já lá vão muitos anos, filha... muitos anos...- E com repentino azedume exclamou:

- E agora isto!

- A sua doença?

- Sim. Um ataque destes foi o que sempre receei. A indignidade disto! Ser lavada e tratada como um bebé! Estar impossibilitada de fazer seja o que for por mim própria! É de enlouquecer! A O'Brien é boa pessoa, diga-se a verdade. Tem paciência para mim, e não é tão pateta como a maioria das enfermeiras. Mas ter-te a ti Mary significa muito para mim.

- É realmente assim, sr^a Welman? - perguntou a rapariga corando. - Estou tão... tão contente.

Laura Welman disse em tom de suspeita:

- Tens andado preocupada, não tens? Com o teu futuro? Deixa isso comigo, filha. Eu providenciarei para que possas ser independente e escolher uma profissão. Mas tem paciência mais um tempo. Para mim é um grande prazer ter-te aqui.

- Pois sim, sr^a Welman, pois sim! Não a deixarei por nada deste mundo. Nunca, se realmente quer que eu fique...

- Se quero que fiques... - A voz era invulgarmente profunda e firme. - Tu és... tu és como uma filha para mim, Mary. Vi-te crescer aqui em Hunterbury, desde bebézinho a gatinhar até te tornares uma bonita rapariga... Orgulho-me de ti. Só espero ter procedido sempre para teu bem.

- Se pensa que ter sido tão boa para mim e ter-me educado acima... bem, acima da minha posição... se pensa que isso me tornou insatisfeita ou... ou me deu o que o meu pai chama ideias de senhora fina, creia que realmente não é assim. Só lhe estou e estarei sempre muito grata, mais nada.

E se estou ansiosa por começar a ganhar a vida, é só porque acho que não é justo que eu não... não faça nada depois de tudo que fez por mim. Não gostava que pensassem que eu estava a viver à sua custa.

A voz de Laura Welman tornou-se subitamente aguda:

- Com que então é isso que Gerrard te anda a meter na cabeça? Não dês ouvidos ao teu pai, Mary. Nunca viveste nem viverás à minha custa! Peço-te que fiques cá um pouco mais somente por minha causa. Isto acabará em breve...

Se as coisas acontecessem como devia ser, a minha vida terminava neste momento, e não haveria nada destas demoras tolas com enfermeiras e médicos.

- Não é bem assim, sr^a Welman. O dr. Lord diz que pode ainda viver muitos anos.

- Obrigada, mas não o desejo! Disse-lhe outro dia que num país devidamente civilizado, o que havia a fazer era eu declarar-lhe categoricamente que queria terminar com isto e ele liquidava-me sem dor com qualquer droga apropriada. E disse-lhe mais: Se o doutor tivesse coragem, fazia-o!

- E que disse ele?

- O descarado limitou-se a rir de mim, filha, e disse que não estava para se arriscar a ser enforcado. E acrescentou ainda- «Se me deixasse o seu dinheiro, era um caso diferente, é claro!» Ora vejam o impertinente! Mas eu gosto dele.

As suas visitas fazem-me melhor do que os remédios que me receita.

- Sim é muito simpático - concordou Mary. - A enfermeira O'Brien tem muita consideração por ele e a enfermeira Hopkins também.

- A Hopkins, com a idade dela, devia ter mais bom senso. Quanto à O'Brien toda ela sorri, e exclama: «Oh doutor!» e sacode as pontas da touca quando ele se aproxima dela.

- Coitada da enfermeira O'Brien.

- Ela realmente não é má pessoa, mas as enfermeiras aborrecem-me; julgam todas que nos há-de apetecer uma boa chávena de chá às cinco da manhã: - fez uma pausa.

- Que foi isto? Será o carro?

Mary foi ver à janela.

- Miss Elinor e o sr. Roderick chegaram agora.

- Fiquei muito contente de saber que estás noiva de Roddy, Elinor - disse a sr^a Welman à sobrinha.

Elinor sorriu-lhe.

- Sempre pensei que a tia ficaria.

- Gostas dele, não gostas, Elinor ? - perguntou a boa senhora, depois de um momento de hesitação.

Elinor ergueu as sobrancelhas finas.

- Claro que gosto.

Laura Welman apressou-se a dizer:

- Deves desculpar-me, filha. Bem sabes que és muito reservada. É muito difícil saber o que pensas ou sentes. Quando ainda eram ambos muito pequenos pareceu-me que começavas a interessar-te de mais pelo Roddy...

Elinor ergueu de novo as sobrancelhas delicadas:

- De mais?

- Sim - confirmou a boa senhora. - Gostar de mais não é sensato. E às vezes com as raparigas muito novas sucede precisamente isso... Fiquei contente quando partiste para a Alemanha a fim de pôr termo à situação. Depois, quando voltaste parecias bastante indiferente para com ele - pois bem, também tive pena! Sou uma velha difícil de contentar! Mas sempre pensei que devias ter uma natureza bastante ardente - esse género de temperamento é de família. Não traz grande felicidade aos que o possuem... Mas, como digo, quando vieste de fora tão indiferente para com Roddy, fiquei com pena, porque sempre esperei que se unissem.

E agora que vão unir-se, está tudo bem! E tu gostas realmente dele?

- Gosto bastante de Roddy sem ser de mais - disse gravemente Elinor.

A sr^a Welman fez um sinal de aprovação.

- Então parece-me que vais ser feliz. Roddy precisa de amor... mas não gosta de emoções violentas. Furtar-se-ia a uma posse excessiva.

- Conhece muito bem Roddy! - exclamou Elinor sensibilizada.

- Se Roddy gostar de ti nem que seja só um pouco mais do que tu dele, tanto melhor - disse a sr^a Welman.

- Página de conselhos da tia Agatha «Conserva o teu noivo na expectativa! Que ele não esteja demasiado seguro de ti.»

- És infeliz, minha filha? Sucedeu alguma coisa? - perguntou sobressaltada Laura Welman.

- Não, nada.

- Achaste apenas que estava sendo muito. . . banal. És nova e sensível, minha filha. Mas crê que a vida é muito banal . . .

- Suponho que sim - disse Elinor com ligeiro azedume.

- És infeliz filha? Que tens?

- Nada... absolutamente nada. - Levantou-se e dirigiu-se à janela. Meia voltada para trás, perguntou:

- Diga-me, sinceramente, tia Laura, acha que o amor é sempre uma felicidade?

O rosto da sr^a Welman tornou-se grave.

- No sentido que queres dizer, não, provavelmente não...

Gostar apaixonadamente de outra pessoa traz sempre mais tristeza do que alegria; mas em todo o caso, Elinor, ninguém devia deixar de ter essa experiência. Quem nunca amou verdadeiramente, nunca viveu...

A jovem inclinou a cabeça.

- Sim... a tia compreende... sabe o que isso é...

De repente voltando-se disse, com uma expressão interrogativa: - Tia Laura...

A porta abriu-se e a enfermeira O'Brien entrou, anunciando com um modo desembaraçado:

- Está aqui o médico para a ver, sr^a Welman.

O dr. Lord era um homem de trinta e dois anos. Tinha cabelo louro claro, um rosto feio e sardento mas agradável e um queixo acentuadamente quadrado. Os olhos eram azuis claros, penetrantes e vivos.

- Bom dia, sr^a Welman - disse ele.

- Bom dia, dr. Lord. Apresento-lhe minha sobrinha, Miss Carlisle.

Uma perturbação muito evidente estampou-se no rosto transparente do dr. Lord, que exclamou: «Muito prazer!»

Tomou muito cautelosamente a mão que Elinor lhe estendeu como se receasse quebrá-la.

A sr^a Welman continuou:

- Elinor e o meu sobrinho vieram até cá para me distraírem.

- Ótimo! - exclamou o dr. Lord. - É exactamente o que precisa! Tenho a certeza de que lhe vai fazer muito bem.

E continuava olhando para Elinor com evidente admiração.

Elinor disse, dirigindo-se para a porta:

- Ainda o torno a ver antes de se ir embora, não é verdade dr. Lord?

-...Sim. Evidentemente!

Ela saiu, fechando a porta. O dr. Lord aproximou-se da cama, com a enfermeira O'Brien «adejando» atrás dele.

A sr^a Welman disse com um piscar de olhos:

- Vamos aos malabarismos do costume: pulso, respiração, temperatura. Que maçadores que são os médicos!

- Oh, sr^a Welman, como pode dizer uma coisa dessas ao doutor! - exclamou a enfermeira O'Brien com um suspiro.

- A sr^a Welman adivinha os meus pensamentos! - disse o dr. Lord piscando o olho. - Mas apesar disso tenho que fazer a minha obrigação. O meu mal é não saber a maneira ideal de lidar com os doentes.

- A sua maneira é excelente. E o senhor tem até bastante orgulho nisso.

- Isso é o que a senhora pensa! - observou Peter Lord rindo.

Depois de fazer algumas perguntas de rotina e de ouvir as respostas, o dr. Lord recostou-se para trás na cadeira e sorriu à doente.

- Pois é verdade. Vai indo muito bem.

- E em virtude disso dentro de algumas semanas poderei correr a casa toda pelo meu pé - disse Laura Welman.

- Isso mais devagar.

- Não e não, seu maçador! Para que serve viver assim, para aqui estendida e a ser tratada com, um bebé?

- Para que serve a vida, aliás? Essa é que é a verdadeira questão. Nunca leu nada a respeito daquela bela invenção medieval que consistia numa espécie de gaiola na qual não se podia estar nem deitado, nem sentado, nem de pé? Era de supor que uma pessoa condenada àquilo morreria em poucas semanas. Nada disso. Um homem viveu dezasseis anos numa dessas gaiolas, foi liberto e morreu de velho.

- Aonde quer chegar com essa história? - perguntou Laura Welman.

- Quero dizer que a pessoa tem o instinto de viver. Não se vive porque a nossa razão resolve que vivamos. As pessoas que, como se costuma dizer «seria melhor morrerem», não querem morrer! As pessoas que aparentemente têm todas as razões para viver deixam extinguir em si a vida porque não têm energia para lutar.

Mudando bruscamente de assunto a sr^a Welman perguntou:

- Gosta de viver aqui?

- Gosto bastante - disse Peter Lord sorrindo.

- Não é um pouco aborrecido para um homem novo como você? Não deseja especializar-se? Não acha o trabalho de médico de aldeia bastante maçador?

Lord sacudiu a cabeça loura.

- Não, gosto do meu trabalho. Interesse-me pelas pessoas, e gosto das doenças vulgares de todos os dias. Não pretendo descobrir o bacilo raro de qualquer doença obscura. Gosto do sarampo, das bexigas e de outras doenças que tais. Gosto de ver como organismos diferentes reagem a elas. Gosto de ver se posso aperfeiçoar o tratamento consagrado. O meu mal é não ter ambições nenhuma. Ficarei por aqui até ter cabelos brancos e as pessoas começarem a dizer «É verdade que o dr. Lord já cá está há muito tempo e é simpático; mas está muito antiquado nos seus processos e é talvez melhor chamar o jovem fulano que está mais actualizado...»

- Parece que tem tudo isso planeado ! - comentou a Sr^a Welman.

Peter Lord levantou-se.

- Bem. Tenho de me ir embora.

- A minha sobrinha deve querer falar-lhe, julgo eu. A propósito, como lhe pareceu ela? Foi a primeira vez que a viu, não foi?

O dr. Lord fez-se subitamente escarlate. Até as pálpebras lhe ficaram vermelhas:

- Eu... enfim! É muito interessante, não acha? E... pareceu-me... inteligente e tudo isso.

A sr^a Welman estava divertida e pensou para si: «Tem ainda reacções de rapaz...» E disse alto:

- O senhor devia casar-se.

Roddy tinha andado a vaguear pelo jardim. Atravessara o largo espaço relvado, caminhara por um caminho de areia e entrara depois na horta cercada de muros. Estava bem tratada e bem provida. Pensou se Elinor e ele viveriam um dia em Hunterbury. Talvez. Ele, por si, gostava. Preferia viver no campo. Não sabia se Elinor seria da mesma opinião. Talvez e5a preferisse viver em Londres...

Com Elinor era difícil saber com o que se podia contar.

Revelava pouco da sua maneira de pensar e de sentir. Gostava disso nela... Detestara as pessoas que desfiavam perante os outros os seus pensamentos e sentimentos, que acham que toda a gente se interessa pelo seu mecanismo interno. A reserva era sempre mais interessante.

«Elinor, pensava ele criteriosamente, era uma pessoa bastante lenfeita. Nela nada havia de discordante ou chocante.

Era encantadora dever, espirituosa para conversar - em tudo a mais atraente das companheiras».

E complacentemente para si próprio: «Tenho uma sorte fantástica em casar com ela. Não consigo perceber o que ela encontra num rapaz como eu.» Na verdade Roderick Welman, apesar do seu ar enfatuado, não era vaidoso. Admirava-se francamente que Elinor tivesse acedido em casar com ele.

A vida apresentava-se-lhe bastante agradável. Sentia considerável segurança; e isso era sempre uma felicidade.

Pensava que Elinor e ele casariam brevemente - isto se Elinor quisesse; talvez ela preferisse adiar mais algum tempo.

Não devia instar com ela. Em princípio teriam pouco dinheiro.

Mas não era caso para se preocuparem. Ele desejava sinceramente que a tia Laura não morresse tão cedo. Gostava muito dela e ela tinha sido sempre muito boa para si, tendo-o ali durante as férias e interessando-se sempre pela sua vida.

Afastou do espírito o pensamento da morte dela (geralmente afastava do espírito qualquer coisa concretamente aborrecida). Não gostava de encarar de frente nada desagradável...

Mas - enfim - depois seria muito agradável viver aqui, especialmente porque haveria muito dinheiro para manter tudo. Não fazia ideia de como a tia deixaria as coisas.

Mas isso não tinha importância nenhuma. Com certas mulheres seria importante ser o dinheiro delas ou ser do marido.

Mas com Elinor não. Ela tinha muito tacto e não apreciava suficientemente o dinheiro para fazer questão por isso.

Pensou: «Não, aconteça o que acontecer, não há razão para preocupações!». Saiu da horta pela porta do fundo. Ela seguiu para o bosquezinho onde havia narcisos a desabrochar. O Sol filtrado através das árvores produzia uma luz verde muito intensa.

De repente assaltou-o uma inquietação estranha - uma perturbação da placidez anterior. Sentiu: «Há qualquer coisa... qualquer coisa que me falta... qualquer coisa que eu desejava... que eu desejava...» A luz verde dourada e a suavidade do ar produziram-lhe uma pulsação mais acelerada, uma agitação do sangue, uma súbita impaciência.

Uma rapariga surgiu de entre as árvores caminhando para ele - uma rapariga de cabelos muito claros e luminosos e de pele rosada.

Ele pensou: «Que beleza! Que beleza extraordinária!» Qualquer coisa o reteve; ficou parado, como petrificado. Sentia o mundo a andar à roda, estava tonto, estava de súbito maravilhosamente louco! A rapariga parou e depois foi-se aproximando dele que permanecia mudo, absurdamente parado e de boca aberta.

Ela disse com uma ligeira hesitação:

- Não se lembra de mim, sr. Roderick? Já lá vai muito tempo, é verdade. Sou Mary Gerrard a filha do guarda.

- Ah, sim... ah... é a Mary Gerrard?

- Sou, sim - confirmou ela. E continuou com certo acanhamento: - Mudei muito, desde que me viu a última vez.

- Sim mudou. Eu não a teria reconhecido.

Continuava a olhá-la fixamente. Não ouviu passos atrás dele. Mary ouviu e voltou-se.

Elinor ficou imóvel um instante, e depois exclamou:

- Olá, Mary.

- Como está, Miss Elinor? Muito prazer em vê-la. A sr^a Welman tem estado sempre à espera que viesse cá.

- Sim, há muito tempo que não vinha... Eu... A enfermeira O'Brien mandou-me procurá-la. Quer levantar a minha tia e diz que a Mary costuma ajudá-la.

- Vou já - disse Mary.

Desapareceu, correndo. Elinor ficou a vê-la. Mary corria bem, havia graça em cada movimento seu.

Roddy disse suavemente: «Atalanta...» Elinor não respondeu. Ficou um momento imóvel e, depois, disse:

- São quase horas de almoço. É melhor regressarmos.

Caminharam lado a lado até à casa.

- Vem daí, Mary. É um filme estupendo com a Greta Garbo, todo passado em Paris. O argumento é tirado de um livro de um escritor célebre. Já houve em tempos uma ópera.

- Agradeço-te muito, Ted, mas não vou.

Ted Bigland exclamou zangado:

- Não consigo compreender-te agora, Mary. Estás diferente... completamente diferente.

- Não estou nada, Ted.

- Ah, isso é que estás! Acho que é por teres estado na tal escola importante e na Alemanha. Já não te sentes bem aqui.

- Isso não é verdade, Ted - disse ela com veemência.

O rapaz, tipo de homem vigoroso, olhou para ela com estima, embora zangado.

- É sim. Pareces quase uma senhora, Mary.

- Falta o quase, não é? - disse Mary com amargura.

- Não, acho que não.

Mary apressou-se a dizer:

- Também quem é que hoje se importa com essa questão de verdadeiras senhoras e verdadeiros cavalheiros e tudo isso?

- Não importa tanto como dantes, não - concordou Ted, pensativo. - Contudo tem-se uma sensação qualquer. Meu Deus, Mary, tu pareces uma duquesa ou uma condessa, sei lá.

- Isso não é grande elogio. Tenho visto condessas que parecem trapeiras! - disse Mary.

- Pois sim, tu bem sabes o que quero dizer.

Uma figura imponente, de amplas proporções, elegantemente vestida de preto, passou por eles. Olhou-os com uma expressão penetrante. Ted afastou-se um pouco do caminho e cumprimentou: - Boa tarde, sr^a Bishop.

A sr^a Bishop inclinou a cabeça graciosamente.

- Boa tarde, Ted Bigland. Boa tarde, Mary.

E prosseguiu qual veleiro navegando com vento de feição.

Ted ficou a olhar para ela respeitosamente, e Mary exclamou:

- Aquela é que parece realmente uma duquesa!

- Sim. Tem muita proa. Faz-me sempre subir calor à cara.

- Não gosta de mim - disse Mary pausadamente.

- Que disparate! Não gosta. agora.

- Verdade. Não gosta. Está-me sempre a dizer coisas desagradáveis.

- Inveja - comentou Ted, inclinando a cabeça com ar de sapiência. - É o que é.

- Suponho que seja isso...

- É. Podes ter a certeza. Há anos que é governanta em Hunterbury, põe e dispõe, manda em toda a gente, e agora a sr^a Welman simpatizou consigo e isso ofusca-a! É o que é!

Mary disse com uma sombra de perturbação no rosto:

- É tolice minha, mas sofro quando alguém não gosta de mim. Quero que as pessoas gostem de mim.

- Tenho a certeza de que há mulheres que não gostam de ti, Mary! Gatas invejosas que te acham demasiado bonita!

- É horrível a inveja.

- Talvez... mas o certo é q1e existe. Vi um filme óptimo a semana passada, sabes? Com o Clark Gable. Era um destes sujeitos milionários que não ligam importância à mulher; e depois ela fingia que o enganava. E havia um outro homem...

- Desculpa Ted, tenho de ir. Já vou atrasada - atalhou Mary despedindo-se.

- Aonde vais?

- Vou tomar chá com a enfermeira Hopkins.

Ted fez uma careta.

- Que gosto o teu! Essa mulher é a maior bisbilhoteira destes sítios! Mete o nariz em tudo!

- Foi sempre boa para mim.

- Eu não digo que seja má. Mas fala muito.

- Adeus, Ted.

Despediu-se apressada, deixando-o ressentido a vê-la afastar-se.

A enfermeira Hopkins habitava uma casita no fim da vila.

Tinha acabado de chegar e estava a desatar as fitas do chapéu quando Mary entrou.

- Ora viva. Cheguei um pouco atrasada. A sr^a Caldecott esteve outra vez mal. Atrasou-me o serviço. Vi-a com Ted Bigland ao fundo da rua.

- Sim. . . - disse Mary desanimadamcnte.

A enfermeira Hopkins que estava inclinada para acender o fogão de gás por baixo da chaleira, levantou vivamente os olhos, franziu o nariz comprido e inquiriu:

- Estava a dizer-lhe alguma coisa de especial, filha?

- Não. Pediu-me só para ir com ele ao cinema.

- Compreendo - disse prontamente a enfermeira Hopkins.

- Enfim, é um rapaz simpático e vai muito bem lá na garagem onde trabalha, e o pai vive bastante melhor que a maioria dos lavradores daqui. Mas apesar disso, filha, não me parece talhada para mulher de Ted Bigland. Com uma educação como a sua, nunca. Eu no seu caso iria para as maçagens quando fosse altura. Andaria por aqui e por ali, veria gente e ainda teria bastante tempo livre.

- Vou pensar nisso. A sr^a Welman falou comigo outro dia. Compreendeu tudo muito bem. É exactamente o que a senhora disse. Não quer que eu me vá embora por enquanto. Sentiria muito a minha falta, segundo disse. Mas disse-me também que não me preocupasse com o futuro, pois tencionava ajudar-me.

A enfermeira Hopkins exclamou com ar de dúvida:

- Esperemos que deixe isso por escrito! As pessoas doentes às vezes são difíceis de entender.

- Acha que a sr^a Bishop não gosta realmente de mim ou é impressão minha? - perguntou Mary.

A enfermeira Hopkins reflectiu um momento.

- Ela mostra má cara, isso é verdade. É daquelas pessoas que não gostam de ver a gente nova a gozar a vida ou alguém a auxiliá-los. Acha, talvez, que a sr^a Welman gosta demasiado de si e está ressentida.

Riu alegremente.

- Eu no seu caso não me preocupava, Mary. Abra esse cartucho se faz favor. Trago aí uns bolinhos.

- Sua tia teve segundo ataque, a noite passada. Não há motivo para alarme mas sugiro que venham se possível Lord.

Imediatamente após ter recebido o telegrama, Elinor telefonou a Roddy, e agora iam juntos no comboio para Hunterbury.

Elinor não tinha visto muitas vezes Roddy na semana que decorrera desde a última visita. Nas duas breves ocasiões em que se encontraram tinha havido uma espécie de estranho constrangimento entre eles. Roddy tinha-lhe enviado flores - um grande ramo de lindas rosas. Não era costume. Quando jantaram os dois, ele parecerá mais atento que habitualmente, consultando-a sobre a escolha do jantar e dos vinhos, sendo invulgarmente solícito a ajudá-la a pôr e a tirar o casaco. Um pouco como se estivesse num palco a representar um papel, o papel do noivo dedicado... - pensou Elinor.

Depois dissera para consigo: «Não sejas idiota. Não aconteceu nada... Estás a imaginar coisas! É esse teu espírito estupidamente concentrado e romanesco! A atitude dela fora talvez ligeiramente mais desprendida, mais distante que o costume.

Agora, nesta súbita emergência, o constrangimento desaparecera, e eles conversavam bastante naturalmente.

Roddy disse:

- Pobre coitada, estava tão bem quando a vimos no outro dia.

- Custa-me tanto vê-la assim - disse Elinor. - Sei quanto ela detesta estar doente e agora creio que ainda terá ficado mais impossibilitada e não poderá aguentar! Tem-se a sensação, Roddy, de que as pessoas deviam ser libertadas do sofrimento, se realmente quisessem.

- Concorde. É a única coisa civilizada que há a fazer. Acaba-se com o sofrimento nos animais. Suponho que não se faz isso com os seres humanos, simplesmente porque sendo a natureza humana como é, as pessoas seriam enterradas pelos zelosos parentes, por causa do seu dinheiro, mesmo quando não estivessem realmente mal.

- Isso estaria na mão dos médicos, é claro - disse Elinor, pensativa.

- Um médico pode ser um malandro.

- Num homem como o dr. Lord podia ter-se confiança.

- Sim, parece bastante honesto. E é simpático - disse Roddy desprendidamente.

O dr. Lord estava debruçado sobre a cama. A enfermeira O'Brien rondava por trás dele. De testa franzida ele procurava compreender os sons murmurados que saíam da boca da doente.

- Sim. Sim. Vamos, não se excite. Temos muito tempo. Levante-se um pouco a mão direita quando quiser dizer sim. Tem alguma coisa que a preocupe? Recebeu um sinal afirmativo.

- Alguma coisa urgente? Sim. Alguma coisa que quer que se faça? Quer que se mande chamar alguém? Miss Carlisle? O sr. Welman? Eles vêm aí.

A sr^a Welman tentou novamente falar. O dr. Lord ouvia atentamente:

- Quer que venham, mas não é isso? É outra pessoa? Um parente? Não? Um assunto importante? Compreendo.

Relaciona-se com dinheiro? Advogado? É isto não é? Quer que mande chamar o seu advogado? Quer dar-lhe instruções a respeito de qualquer coisa? «Pronto, pronto, está bem. Esteja calma. Temos muito tempo. Que diz... Elinor? - Percebeu a palavra estropiada.

- Ela sabe quem é o advogado? Ela falará com ele? Pois sim. Deve cá estar daqui a meia hora. Digo-lhe o que quer, venho cá com ela e arranja-se tudo. Não se preocupe mais. Deixe tudo comigo. Tratarei de tudo como quer.

Ficou um momento até ela se acalmar e depois afastou-se devagar e saiu para o patamar. A enfermeira O'Brien seguiu-o.

A enfermeira Hopkins vinha justamente a subir as escadas.

Ele cumprimentou-a e ela saudou-o ofegante:

- Boa noite, doutor.

- Boa noite.

Foi com as duas ao quarto da enfermeira O'Brien, na porta ao lado, e deu-lhes as suas instruções. A enfermeira Hopkins ficaria durante a noite para ajudar a enfermeira O'Brien.

- Amanhã tenho de arranjar outra enfermeira permanente. Terrível, aquela epidemia de difteria em Stamford. As clínicas de lá estão com falta de pessoal.

Depois, dadas as suas ordens que foram ouvidas com reverente atenção (que às vezes o irritava), o dr. Lord desceu, pronto para receber a sobrinha e o sobrinho que, segundo o relógio dele, deviam estar a chegar de um momento para o outro.

No vestíbulo encontrou Mary Gerrard, de rosto pálido ansioso. que lhe perguntou:

- Ela está melhor?

- Posso proporcionar-lhe uma noite tranquila, é tudo o que se pode fazer - respondeu o dr. Lord.

- Parece tão cruel. .. tão injusto.. - balbuciou Mary com voz entrecortada.

Ele mostrou concordar.

- As coisas são assim...

Calou-se e em seguida exclamou:

- Ali vem o carro.

Saiu e Mary subiu as escadas a correr.

Elinor perguntou logo que entrou:

- Está muito mal?

Roddy estava pálido e apressado.

O médico disse com ar grave:

- Reccio que seja um grande choque para si. Está completamente parálitica. Não se percebe quase nada do que diz. E a propósito, ela está preocupada com qualquer coisa. Relaciona-se com mandar chamar o advogado. Sabe quem é, Miss Carlisle?

Elinor apressou-se a dizer:

- O sr. Seddell, de Bloomsbury Square. Mas não está lá a esta hora da noite, não sei a morada de casa dele.

- Há tempo amanhã - disse o dr. Lord tranquilizando-a:

- Mas estou desejoso de acalmar o espírito da sr^a Welman o mais depressa possível. Se viesse comigo lá acima agora, Miss Carlisle, acho que ambos conseguiríamos acalmá-la.

- Pois sim. Vamos então.

- Eu não sou preciso, pois não? - perguntou Roddy na esperança de uma negativa.

Sentia-se um pouco envergonhado de si próprio, mas tinha um receio histérico de ir ao quarto da doente, de ver a tia Laura ali estendida inerte e inválida.

O dr. Lord sossegou-o logo:

- Não há necessidade nenhuma de vir, sr. Welman. É melhor até não estar muita gente no quarto.

O alívio de Roddy transpareceu claramente.

O dr. Lord e Elinor subiram. A enfermeira O'Brien estava com a doente.

Laura Welman, com uma respiração profunda e uma espécie de estertor estava como assombrada. Elinor ficou a olhar para ela, impressionada com aquele rosto exausto e

crispado.

De súbito a pálpebra direita da sr^a Welman estremeceu e abriu-se. Notou-se-lhe no rosto uma ligeira transformação quando reconheceu Elinor.

Tentou falar.

«Elinor...» A palavra teria sido indecifrável para quem não adivinhasse o que ela queria dizer.

Elinor apressou-se a dizer:

- Estou aqui, tia Laura. Está preocupada com alguma coisa? Quer que mande chamar o sr. Seddon?

Ouviu-se outro daqueles sons cavos e roucos. Elinor adivinhou-lhe o sentido e perguntou:

- Mary Gerrard ?

Lentamente a mão direita, trémula, moveu-se, confirmando.

Um longo murmúrio saiu dos lábios da doente. O dr. Lord e Elinor franziram a testa desanimados. Repetiu-se outra vez e outra. Então Elinor percebeu uma palavra.

- Doação? Quer fazer-lhe uma doação, no seu testamento? Quer que ela fique com algum dinheiro? Compreendo, tia Laura. Isso vai ser simples. O sr. Seddon vem cá amanhã e tudo se arranjará exactamente como quer.

A doente pareceu aliviada. A expressão de aflição desapareceu daquele olhar suplicante. Elinor segurou a mão dela entre as suas e sentiu uma leve pressão dos dedos.

A sr^a Welman disse com grande esforço:

- Tu... tu...

- Sim, sim, deixe tudo comigo. Tratarei de tudo que quiser! - disse Elinor.

Sentiu de novo a pressão dos dedos. Depois afrouxou.

As pálpebras desceram e fecharam-se.

O dr. Lord pousou uma mão no braço de Elinor e conduziu-a suavemente para fora do quarto. A enfermeira O'Brien retomou o seu lugar junto do leito.

Cá fora, no patamar, Mary Gerrard falava com a enfermeira Hopkins. Ao vê-los, dirigiu-se-lhes e perguntou:

- Dá-me licença que eu vá para o pé dela, dr. Lord?

Este acedeu.

- Mas não faça barulho e não a incomode.

Mary entrou para o quarto da doente, e o dr. Lord observou:

- O seu comboio chegou atrasado. Chegou... - Calou-se.

Elinor tinha voltado a cabeça para olhar para Mary.

De repente notou o silêncio abrupto dele. Voltou-se de novo e olhou-o interrogativamente. Ele tinha os olhos fixos nela com uma expressão de surpresa. Elinor corou e apressou-se a dizer: - Desculpe. Que disse?

- Que estava eu a dizer? Não me lembro. Portou-se admiravelmente bem ali dentro, Miss Carlisle! - Falava calorosamente. - Compreendeu rapidamente, soube tranquilizar, exactamente o que tinha a fazer.

Ouviu-se a enfermeira Hopkins fungar muito ao de leve.

Elinor disse:

- Pobre coitada. Custa-me muitíssimo vê-la assim.

- Está bem. Mas não o exteriorizou. Deve ter um grande auto-domínio.

- Apreendi a não exteriorizar os meus sentimentos - disse Elinor cerrando os lábios.

Contudo, a máscara está sujeita a cair uma vez ou outra.

A enfermeira Hopkins tinha entrado para a casa de banho. Elinor, erguendo as sobrancelhas

delicadas e olhando para ele de frente perguntou.

- A máscara?

- O rosto humano, afinal, não é nem mais nem menos que uma máscara.

- E por baixo?

- Por baixo está o homem natural, primitivo, ou a mulher.

Ela voltou-se bruscamente e começou a descer as escadas adiante delc.

Peter Lord seguiu-a, intrigado e sério, como raramente estava. Roddy veio ao encontro deles no vestíbulo.

- Então? - perguntou ansiosamente.

- Pobre Senhora! Faz muita pena vê-la... Eu no teu caso Roddy, não iria lá até... até... ela perguntar por ti.

- Queria alguma coisa... de especial? - perguntou Roddy.

Peter Lord disse dirigindo-se a Elinor:

- Tenho de retirar-me. Por agora não posso fazer mais nada. Virei amanhã de manhã cedo. Adeus, Miss Carlisle. Não esteja preocupada.

Conservou a mão dela nas suas um momento. Tinha uma forma extraordinariamente tranquilizadora e reconfortante de apertar a mão. olhou para ela de um modo bastante curioso como se... como se tivesse pena dela, pensou Elinor.

Quando a porta se fechou atrás do médico, Roddy repetiu a pergunta.

Elinor explicou:

- A tia Laura está preocupada por causa... por causa de uns assuntos. Tentei aca!má-la e disse-lhe que o sr. Seddon viria cá amanhã com certeza. Temos de lhe telefonar logo de manhã.

- Quer fazer novo testamento? - perguntou Roddy.

- Ela não disse isso.

- Que é que...?

Parou no meio da pergunta.

Mary Gerrard descia as escadas a correr. Atravessou o vestíbulo e desapareceu pela porta que dava para os lados da cozinha.

Elinor disse num tom áspero:

- Então? O que é que ias perguntar?

- Eu, o quê? Esqueci-me o que era.

Continuava a olhar para a porta por onde Mary Gerrard tinha desaparecido.

Elinor cerrou os punhos. Sentia as unhas compridas e afiadas cravarem-se-lhe nas palmas das mãos. Pensou:

- Não posso suportar isto... Não posso suportar isto...

não é imaginação... é verdade... Roddy... Roddy, não posso perder-te. . .

E continuou a pensar: O que é que aquele homem, o médico, viu na minha cara, lá em cima? Viu qualquer coisa... Oh meu Deus como a vida é horrível, como é horrível sentir o que eu sinto agora. Diz qualquer coisa, pateta. Domina-te! Finalmente disse alto e numa voz calma:

- A respeito do jantar, Roddy. Não tenho muito apetite. Vou para o pé da tia Laura e as enfermeiras podem vir ambas para baixo.

- Não jantas comigo? - perguntou Roddy alarmado.

- Não te mordem! - exclamou Elinor friamente.

Mas e tu? Tens de comer qualquer coisa. Por que é que não jantamos primeiro e vêm elas depois para baixo.

- Não, é melhor como eu disse - exclamou Elinor, e acrescentou rudemente: - Elas são muito susceptíveis, sabes.

E pensou: «Não posso estar sentada ao pé dele uma refeição inteira - sozinha conversando - procedendo como de costume...

Por fim exclamou impaciente:

- Deixa-me fazer as coisas à minha maneira!»

CAPÍTULO QUARTO

Não foi uma criada qualquer que acordou Elinor na manhã seguinte. Foi a sr^a Bishop em pessoa, com o seu vestido preto antiquado e chorando copiosamente.

- Ai, Miss Elinor, ela morreu...

- Quê?

Elinor sentou-se na cama.

- A sua querida tia. A sr^a Welman. A minha querida senhora. Morreu durante a noite.

- A tia Laura? Morreu?

Elinor ficou de olhar parado. Parecia incapaz de compreender.

A sr^a Bishop chorava agora mais à vontade.

- Só de pensar... - soluçava. - Depois de tantos anos! Há dezoito anos que aqui estou. Mas na verdade nem parece...

Elinor disse pausadamente:

- A tia Laura morreu durante a noite. . . muito tranquilamente... Que felicidade para ela!

A sr^a Bishop continuava a chorar.

- Não de repente! O médico a dizer que vinha esta manhã outra vez, tudo como era costume.

- Não foi bem de repente. Vendo bem há já tempo que está doente. Estou muito reconhecida por lhe ter sido poupado mais sofrimento.

A sr^a Bishop concordou lacrimosa que realmente se devia estar reconhecido por isso, e acrescentou:

- Quem dá a notícia ao sr. Roderick?

- Dou eu - disse Elinor.

Vestiu um roupão, dirigiu-se à porta do quarto dele e batcu.

A voz dele respondeu, dizendo:

- Entre.

Ela entrou.

- A tia Laura morreu, Roddy. Morreu durante a noite.

Roddy, sentando-se na cama, suspirou profundamente.

- Pobre tia Laura! Louvado seja Deus! Não podia suportar vê-la continuar a sofrer no estado em que estava ontem.

- Não sabia que a tinhas visto - disse Elinor mecanicamente.

Ele fez um tímido sinal afirmativo.

- A verdade é que me sentia horrivelmente cobarde por me ter furtado a ir vê-la! Fui vê-la ontem à noite. A enfermeira, a gorda, foi buscar qualquer coisa, desceu com uma botija de água quente parece-me, e eu entrei. Ela não deu por mim, é claro. Fiquei um pouco e vi-a. Depois quando ouvi a Sr^a Não-Sei-Quê subir outra vez a escada escapei-me. Mas era terrível!

- Sim, era - confirmou Elinor.

- Ela devia detestar viver assim! - exclamou Roddy.

- Compreende-se.

- É extraordinário como ambos encaramos sempre as coisas da mesma maneira.

- Pois é.

- Ambos sentimos o mesmo neste momento: absoluta gratidão por o seu sofrimento ter acabado...

- Que é? Anda à procura de alguma coisa ? - perguntou a enfermeira O'Brien.

A enfermeira Hopkins, com o rosto muito vermelho, procurava qualquer coisa dentro da pequena mala-estojo que tinha deixado no vestíbulo na véspera à noite.

- Que aborrecimento. Não sei como fiz isto! - lamentou-se.

- Que foi?

A enfermeira Hopkins explicou pouco claramente:

- É o caso de Eliza Rykin - um sarcoma. Tem de levar duas injeções de morfina, uma de manhã e outra à noite. Dei-lhe a última pastilha de um tubo antigo, a noite passada, antes de vir para cá, e ia jurar que tinha aqui um tubo novo.

- Veja outra vez. Esses tubos são tão pequenos!

A enfermeira Hopkins deu mais uma volta ao conteúdo da maleta.

- Não, não está cá! Devo tê-lo deixado no armário lá em casa! Com franqueza, sempre julguei que podia confiar mais na minha memória! Ia jurar que o tinha trazido!

- Não deixou a maleta em parte nenhuma antes de vir para aqui? - Pois não! - afirmou a enfermeira Hopkins vivamente.

- Bem - disse a enfermeira O'Brien - deve aparecer.

- Com certeza! O único sítio onde pousei a maleta foi aqui no vestíbulo e ninguém cá em casa roubaria nada! Deve ser a minha memória. Mas, como deve compreender, é aborrecido. Além disso ainda tenho de ir a minha casa, que é no fim da vila, e voltar.

- Oxalá não tenha um dia muito fatigante, depois da noite que passou. Pobre senhora! Sempre pensei que não duraria muito.

- Também eu. Mas parece-me que o médico vai ficar surpreendido!

A enfermeira O'Brien disse num tom de desaprovação:

- É sempre muito optimista com os casos dele.

Enquanto se preparava para Hopkins comentou:

- É muito novo! Não tem a nossa experiência.

E com esta sentença, partiu.

ir embora, a enfermeira

III

O dr. Lord levantou-se nos bicos dos pés. Com as sobrancelhas claras levantadas até quase mergulharem no cabelo, disse, surpreendido:

- Com que então acabou... hem?

- Sim, doutor.

A enfermeira O'Brien tinha na ponta da língua pormenores exactos para dar, mas com rígida disciplina esperava.

- Acabou - murmurou Peter Lord pensativo.

Continuou ainda a pensar uns momentos, e depois disse com um modo sacudido:

- Traga-me água a ferver.

A enfermeira O'Brien ficou surpreendida e intrigada, mas fiel ao espírito da profissão obedeceu sem fazer perguntas.

Se um médico lhe tivesse dito que fosse buscar uma pele de crocodilo, ela teria murmurado automaticamente: «Sim, doutor», e sairia do quarto obedientemente para resolver o problema.

- Quer dizer que a minha tia morreu sem ter feito testamento... que nunca fez testamento? - inquiriu Roderick Welman.

- como diz - confirmou o sr. Seddon limpando os óculos.
- Mas que extraordinário! - exclamou Roddy.

O sr. Seddon teve uma tosse fraca.

- Não é tão extraordinário como pensa. Acontece mais frequentemente do que se julga. Há nisto uma espécie de superstição. Geralmente as pessoas pensam que têm muito tempo. Parece-lhes que o simples facto de fazer testamento os aproxima da morte. É muito curioso, mas é assim!

- Mas nunca. . . enfim. . . discutiu o assunto com ela?
- Frequentes vezes - respondeu o sr. Seddon secamente.
- E que dizia ela?

- As coisas do costume. Que havia muito tempo! Que não tencionava morrer por enquanto! Que ainda não tinha resolvido definitivamente como havia de deixar o dinheiro!

Elinor interveio:

- Mas, com certeza, depois do primeiro ataque...?

O sr. Seddon abanou a cabeça.

- Pelo contrário, foi pior ainda. não podia ouvir falar no assunto!
- É deveras curioso! - exclamou Roddy.
- Não, não é - disse novamente o sr. Seddon. - Evidentemente a doença tornou-a ainda mais nervosa.

- Mas ela queria morrer . . . - observou Elinor intrigada.

- Minha cara senhora, a mente humana é uma curiosa parte de um mecanismo. A sr^a Welman podia pensar que queria morrer; mas ao mesmo tempo tinha esperança de melhorar completamente. E por causa dessa esperança, creio eu, achava que fazer testamento traria infelicidade. Não é que não tencionasse fazê-lo, simplesmente ia sempre adiando.

Compreende, não é verdade - continuou o sr. Seddon, dirigindo se de repente a Roddy de uma maneira quase pessoal - como se adia e se evita uma coisa que é desagradável... que não se quer encarar?

Roddy corou e disse:

- Sim, sim, é claro. Percebo o que quer dizer.
- Pois era isso justamente. A sr^a Welman sempre teve ideia de fazer testamento, mas para ela havia sempre tempo!

Elinor disse pausadamente:

- Era por isso que estava tão aflita ontem à noite, e num tal desassossego para o mandarem chamar...
- Com certeza! - afirmou o sr. Seddon.

- Mas que sucede agora? - perguntou Roddy, com ar atónito.
- Aos bens da sr^a Welman? - o advogado tossiu. - Uma vez que a sr^a Welman morreu sem testamento, todos os seus bens vão para o parente mais próximo ou seja para Miss Elinor Carlisle.

- Tudo para mim?

- O Estado cobra uma percentagem - explicou o sr. Seddon.

Deu mais pormenores e terminou:

- A sr^a Welman não empregou todo o dinheiro que tinha. Conservou parte para fazer dele o que quisesse. Passa, portanto, directamente para Miss Carlisle. Receio que os direitos de transmissão sejam um pouco pesados, mas mesmo depois de pagos, a fortuna será ainda considerável, e parte dela está bem aplicada em fundos públicos perfeitamente seguros.

- Mas Roderick... - observou Elinor.

- O sr. Welman é apenas sobrinho do marido da sr^a Welman. Não há parentesco de sangue - disse o sr. Seddon com uma tossezinha de desculpa.

- É claro - concordou Roddy.

- Também não importa qual de nós herda, uma vez que vamos casar um com o outro - disse Elinor pausadamente.

Mas não olhou para Roddy.

Foi a vez do sr. Seddon exclamar: «É claro!», e fê-lo bastante rapidamente.

- Mas não importa realmente, pois não? - perguntou Elinor quase suplicando.

O sr. Seddon tinha-se retirado.

O rosto de Roddy contraiu-se nervosamente ao responder:

- O dinheiro deve ser para ti. É perfeitamente justo que seja. Por amor de Deus, Elinor, não penses que to invejo! Não quero o diabo do dinheiro para nada!

- Em Londres concordámos que não tinha importância qual de nós herdava, uma vez que íamos casar um com o outro...? - disse Elinor com a voz ligeiramente frémula.

Ele não respondeu e ela continuou:

- Não te lembras de dizer isso, Roddy?

- Sim, lembro.

F, ficou de cabeça baixa. O seu rosto estava pálido e taciturno, e havia amargura nos traços firmes da boca de lábios finos.

Elinor erguendo de repente a cabeça graciosamente, disse:

- Não importa, se vamos casar um com o outro... mas iremos, Roddy?

- Iremos o quê?

- Iremos casar-nos?

- Julguei que isso estivesse assente.

E continuou no mesmo tom de indiferença com um ligeiro acinte.

- É claro que se tens agora outras ideias...

- Oh, Roddy por que não és franco?

Ele retraiu-se e depois disse, confuso, em voz baixa:

- Não sei o que se passa comigo...

- Eu sei...

- Talvez seja isso - disse ele de chofre. - Afinal não gosto muito da ideia de viver à custa da minha mulher...

- Não é isso... É outra coisa... - Fez uma pausa e depois disse: - É Mary, não é?

- Acho que sim. Como soubeste? - murmurou Roddy tristemente.

- Não foi difícil. . . Sempre que olhas para ela. . . Vê-se no teu rosto, vê toda a gente que queira ver... - disse Elinor com um sorriso forçado.

A calma dele desapareceu subitamente.

- Oh, Elinor. . . Não sei o que é! Parece-me que vou endoidecer! Foi quando a vi... a primeira vez... no bosque... bastou o seu rosto... para transformar tudo à minha volta.

Não podes calcular...

- Posso sim. Continua.

Roddy continuou, incapaz de conter-se:

- Apaixonei-me por ela sem querer... Eu não queria, era bastante feliz contigo. Oh, Elinor, que garotice a minha, falar-te disto a ti...

- Não digas disparates. Continua. Dize lá... - incitou Elinor.

Ele foi dizendo aos poucos.

- És maravilhosa . . . Faz bem conversar contigo. Gosto tanto de ti, Elinor! Acredita. Esta outra coisa é uma espécie de encantamento! Perturbou tudo: o meu conceito de vida... a minha maneira de apreciar as coisas e . . . toda a ordem razoável e natural das coisas...

- O amor não é muito razoável...

- Pois não. . .

- Disseste-lhe alguma coisa a ela? - perguntou Elinor com a voz tremendo um pouco.

- Esta manhã... como louco... perdi a cabeça...

- E então?

- Fez-me calar imediatamente, é claro! Ficou chocada. Por causa da tia Laura e de ti... - explicou Roddy.

Elinor tirou o anel de brilhante e pérola do dedo.

- É melhor devolver-to, Roddy - disse.

Ao recebê-lo, ele murmurou sem olhar para ela:

- Não podes fazer ideia que estúpido me sinto, Elinor.

- Achas que ela casará contigo? - perguntou Elinor na sua voz calma.

Ele abanou a cabeça.

- Não faço ideia nenhuma. Pelos tempos mais próximos, creio que não. Parece-me que lhe sou agora completamente indiferente mas posso deixar de o ser...

- Acho que tens razão. Deves dar-lhe tempo. Não a veres por uns tempos e depois... tentar novamente.

- Querida Elinor! És a melhor amiga que pode haver. - Pegou na mão dela e beijou-a. - sabes, Elinor, gosto muito de ti... como sempre gostei! As vezes Mary parece-me apenas um sonho. Como se eu pudesse acordar dele, e ver que ela não existia...

- Se Mary não existisse. . .

- As vezes chego a desejar que não existisse... Tu e eu fomos feitos um para o outro, não fomos Elinor?

- Sim. Fomos feitos um para o outro - concordou ela baixando lentamente a cabeça.

E pensou: «Se Mary não existisse...»

CAPÍTULO QUINTO

- Foi um lindo funeral! - exclamou a enfermeira Hopkins emocionada.
- Realmente foi - replicou a enfermeira O'Brien. - E as flores! Já viu flores mais lindas? Aquela palma de lírios brancos e a cruz de rosas amarelas? Que lindas!
- A enfermeira Hopkins suspirou e serviu-se de bolo. As duas enfermeiras estavam sentadas no Café Blue Tit.
- Miss Carlisle é uma pessoa generosa. Deu-me um bonito presente, embora não tivesse obrigação nenhuma - disse a enfermeira Hopkins.
- É generosa e é uma ótima pessoa - concordou a enfermeira O'Brien entusiasticamente. - Detesto gente avarenta.
- Bem, ela herdou uma grande fortuna.
- Sempre há coisas...! - exclamou a enfermeira O'Brien e calou-se.
- Que coisas? - perguntou a outra para lhe dar coragem.
- Foi estranho aquela senhora não ter feito testamento.
- Foi maldade - disse a enfermeira Hopkins vivamente.
- As pessoas deviam ser obrigadas a fazer testamento! Só traz complicações desagradáveis, quando não o fazem.
- Sabe-se lá a quem teria deixado o dinheiro se tivesse feito testamento?
- Uma coisa era certa - disse a enfermeira Hopkins firmemente.
- O quê?
- Teria deixado uma certa quantia a Mary. . . a Mary Gerrard.
- Sim, isso realmente é verdade - concordou a outra.
- E acrescentou excitada:
- Eu não lhe contei o estado em que a pobre senhora estava naquela noite, e o doutor a fazer o possível por acalmá-la! Miss Elinor segurava a mão da tia e jurava - disse a enfermeira O'Brien, dando livre curso à sua imaginação irlandesa - que mandaria chamar o advogado e tudo se faria como ela desejava. «Mary! Mary!», dizia a pobre senhora. «É de Mary Gerrard que fala?», perguntou Miss Elinor, e imediatamente jurou que Mary teria o que lhe era devido!
- Isso passou-se assim? - perguntou a enfermeira Hopkins em tom de dúvida.
- Assim tal e qual. E digo-lhe mais: na minha opinião se a sr^a Welman não tem morrido e tem feito testamento era possível que tivéssemos surpresas! Quem sabe se não deixaria toda a sua fortuna a Mary Gerrard?
- Não me parece que fizesse isso. Não creio que se deva deserdar os parentes de sangue.
- Há parentes de sangue e parentes de sangue - disse a enfermeira O'Brien em tom de oráculo.
- Que quer dizer com isso?
- A enfermeira O'Brien respondeu com dignidade:
- Não sou pessoa de bisbilhotices! E longe de mim denegrir o nome de alguém que já morreu.
- Tem razão. Concordo consigo. Quanto menos se fala menos se erra.
- Encheu o bule.
- A propósito, achou o tal tubo de morfina em sua casa? - perguntou a enfermeira O'Brien.
- A enfermeira Hopkins franziu o sobrolho e respondeu:
- Não. Dava tudo para saber ao certo o que foi feito dele, mas acho, que deve ter sido o

seguinte: pousei-o talvez na beira da chaminé como fazem muitas vezes, enquanto fecho o armário, e talvez tenha rolado e caído no cesto dos papéis que estava cheio e que foi despejado no caixote precisamente quando saí de casa. - fez uma pausa. - Deve ter sido assim, porque não vejo outra maneira.

- Pois é - disse a enfermeira O'Brien. - Deve ter sido assim. Não se deu o caso de ter deixado a maleta em parte nenhuma, senão no vestíbulo em Hunterbury, por isso também acho que deve ser isso. Foi no caixote do lixo.

- Não pode ter sido outra coisa - afirmou a enfermeira Hopkins impetuosamente.

Serviu-se de um bolo coberto de açúcar cor-de-rosa e começou a dizer: «ErLiim é...», e depois calou-se.

A outra concordou imediatamente - talvez demasiado depressa.

- Eu no seu caso não me preocupava mais com isso - disse ela reconfortando-a.

- Não estou preocupada... - disse a enfermeira Hopkins.

Muito jovem e digna no seu vestido preto, Elinor estava sentada à pesada secretária da sr^a Welman na biblioteca.

Na sua frente estavam espalhados vários papéis. Tinha acabado de falar com os criados e com a sr^a Bishop. Era Mary Gerrard quem agora entrava, hesitando um momento no limiar da porta.

- Deseja falar comigo, Miss Elinor?

Elinor levantou a cabeça.

- Sim, Mary. Venha cá e sente-se se faz favor.

Mary aproximou-se e sentou-se na cadeira que Elinor lhe indicou. Ficou meia virada para a janela e a luz incidia-lhe no rosto, mostrando a surpreendente pureza da pele e salientando o dourado pálido do cabelo.

Elinor ocultou um pouco a cara com a mão. Por entre os dedos podia ver o rosto da outra e pensou: «Será possível odiar-se tanto alguém sem o mostrar?» Por fim disse alto, numa voz agradável e decidida:

- Sabe bem, Mary, que minha tia sempre teve muita estima por si e com certeza se preocupava com o seu futuro.

- A sr^a Welman foi sempre muito boa para mim - murmurou Mary na sua voz suave.

Elinor continuou numa voz fria e desprendida:

- Sei que se minha tia tivesse tido tempo de fazer testamento, teria feito várias doações. Uma vez que morreu sem o fazer, a responsabilidade de realizar os seus desejos é minha. Consultei o sr. Seddon e a conselho dele estabelecemos uma lista de quantias para os criados conforme o tempo que tinham de serviço. - Fez uma pausa. - Você, é claro, não está bem neste caso.

Tinha uma certa esperança que aquelas palavras encerrassem um estilete, mas o rosto que ela contemplava não revelou modificação alguma. Mary aceitou as palavras tal qual foram ditas e esperou o que se seguia.

Elinor prosseguiu:

- Embora minha tia não pudesse falar com coerência, conseguiu fazer-se compreender na última noite em que viveu. E decididamente queria garantir o seu futuro.

- Era muito boa - disse Mary calmamente.

- Assim que o testamento for executado providenciarei para que lhe sejam entregues duas mil libras. Essa quantia para si e pode fazer dela o que quiser.

Mary corou.

- Duas mil libras? Oh, Miss Elinor, que bondade a sua! Nem sei o que hei-de dizer.

- Não é por bondade, e por favor não diga nada - exclamou Elinor vivamente.

Mary corou novamente.

- Nem calcula o arranjo que me faz.

- Ainda bem - disse Elinor.

Hesitou. Desviou a vista de Mary e perguntou com um ligeiro esforço:

- Tem alguns planos?

- Tenho sim. Vou trabalhar. Em massagens, talvez. É o que me aconselha a enfermeira Hopkins.

- Parece-me uma ótima ideia - disse Elinor. - Vou ver se arranjo as coisas com o sr. Seddon para que o dinheiro lhe seja entregue o mais depressa possível, imediatamente até, se for viável.

- Muito e muito obrigada, Miss Elinor.

- Era o desejo da tia Laura - disse sucintamente e acrescentou depois de uma hesitação. - Bem, era só isto, obrigada.

Desta vez a despedida radical que as palavras implicavam penetrou a epiderme sensível de Mary, que se levantou e disse calmamente:

- Muito obrigada, Miss Elinor.

E retirou-se.

Elinor ficou sentada imóvel, olhando fixamente em frente.

O seu rosto estava completamente impassível. Não se via nele qualquer indicação do que se passava no seu espírito. Continuou muito tempo ainda, imóvel, sentada onde estava...

Finalmente Elinor foi à procura de Roddy. Encontrou-o na sala. Estava de pé, olhando pela janela. Voltou-se bruscamente quando Elinor entrou.

Esta disse:

- Já acabei! Quinhentas libras para a sr^a Bishop que está cá há muitos anos. Cem para a cozinheira e para Milly e Olive cinquenta para cada. E Cill(o libras para cada um dos outros. Vinte e cinco para Stephens, o jardineiro-l hefe;

e falta ainda o guarda, o velho Gerrard. Ainda não tratei de nada para ele. Suponho que tem de se lhe dar uma pensão.

Fez uma pausa e continuou falando rapidamente:

- Vou dar duas mil libras a Mary Gerrard. Achas que é o que a tia Laura gostaria? Parece-me uma boa quantia.

- Sim, está bem. Sempre foste uma pessoa com critério, Elinor - disse Roddy sem olhar para ela.

Voltou-se novamente para a janela.

Elinor conteve a respiração um momento, depois começou a falar com uma rapidez nervosa, as palavras saindo incoerentemente:

- Ainda há outra coisa. Claro... enfim é justo... isto é tens direito a ficar com a tua parte, Roddy.

Enquanto ele se virava com uma expressão de cólera, ela apressou-se a dizer:

- Não Roddy, ouve. É de pura justiça! O dinheiro que era do teu tio e que ele deixou à mulher, possivelmente sempre julgou que virias a herdá-lo. A tia Laura tinha também essa ideia. Sei que a tinha por muitas coisas que disse. Se eu fico com o dinheiro dele tu devias ficar com o que era dele. Assim é que é justo. Eu... eu não posso suportar a ideia que te roubei... só porque a tia Laura não chegou a fazer testamento. Deves ver que tenho razão!

O rosto comprido de Roddy tornara-se branco.

- Meu Deus, Elinor, queres fazer com que me sinta um perfeito garoto? Como podes pensar que eu era capaz de receber esse dinheiro de ti?

- Não to estou a dar. É apenas honestidade.

- Não quero o teu dinheiro! - exclamou Roddy.

- Não é meu!

- É teu por lei e isso é que importa! Por amor de Deus, sejamos práticos! Não receberei um centavo de ti. Não vais armar em minha protectora!

- Roddy!

- Desculpa, querida. Não sei chocado, tão desanimado...

- Pobre Roddy. . .

Ele tinha-se voltado outra vez para a janela e brincava com a borla do reposteiro. Perguntou num tom diferente, desprendido: - Sabes o que é que Mary Gerrard tenciona fazer?

- Vai praticar para massagista.

- Oh, sim.

Houve um silêncio. Elinor lavantou a cabeça. A voz dela ao falar tornou-se subitamente persuasiva.

- Roddy, quero que me ouças com atenção!

Ele voltou-se para ela ligeiramente surpreendido.

- Pois sim, Elinor.

- Gostava que seguisses o meu conselho se fosse possível.

- F. qual é o teu conselho?

Elinor disse calmamente:

- Não estás muito ocupado, pois não? Podes em qualquer ocasião arranjar umas férias, não podes?

- Posso.

- Então faz isso. Vai viajar durante. . . digamos, três meses. Vai sózinho. Arranja novos amigos e vê novos lugares. Falemos francamente. Neste momento achas que estás apaixonado por Mary Gerrard. Talvez estejas. Mas não é altura de te aproximares dela... bem o sabes. O nosso noivado está definitivamente rompido. Por isso vai viajar como homem livre que és, e no fim dos três meses toma livremente uma decisão. Saberás então se amas realmente Mary ou se era apenas um entusiasmo passageiro. E se estiveres perfeitamente certo de que realmente a amas... então, volta, procura-a e diz-lhe isso e mais que tens a certeza absoluta, e talvez nessa altura ela te ouça.

que digo. Sinto-me tão

Roddy aproximou-se dela e pegou-lhe na mão.

- És maravilhosa, Elinor! Tão sensata ! Tão extraordinariamente objectiva! Não há sombra de tacanhez ou maldade em ti. Não consigo exprimir toda a admiração que me mereces. Vou fazer exactamente o que sugeriste. Parto, separo-me de tudo... e verificarei assim se o mal de que sofro é autêntico ou se tenho andado a fazer uma tremenda figura de pateta. Oh, Elinor querida, não imaginas como gosto de ti! Creio que nunca te mereci. Deus te recompense pela tua bondade.

Rapidamente, impulsivamente, beijou-a no rosto e saiu da sala.

Foi bom não ter olhado para trás e visto a cara dela.

Uns dias mais tarde Mary Gerrard comunicou à enfermeira Hopkins que as suas perspectivas de futuro tinham melhorado.

Aquela mulher de espírito prático deu-lhe calorosamente os parabéns.

- Teve muita sorte, Mary - disse ela.- A boa senhora podia ter tido óptimas intenções a seu respeito mas quando as coisas não estão escritas, as intenções de pouco valem! Podia ter ficado sem nada!

- Miss Elinor disse que na noite em que a sr^a Welman morreu lhe disse que fizesse alguma coisa por mim.

A enfermeira Hopkins fungou.

- Talvez dissesse. Mas muita gente ter-se-ia propositadamente esquecido depois. Os herdeiros são assim. Falo porque tenho visto muita coisa. Pessoas a morrerem dizendo que sabem que podem encarregar o seu querido filho ou filha de cumprir os seus desejos. Noventa e nove por cento das vezes o querido filho ou filha descobrem qualquel boa razão para não cumprir desejos nenhuns. A natureza humana . assim, é ninguém gosta de se privar de dinheiro se não é legalmente obrigado a isso. Digo-lhe que teve muita sorte, filha. A maioria das pessoas não é tão honesta como Miss Carlisle.

- E no entanto... não sei porquê... mas sinto que ela não gosta de mim - disse Mary pausadamente.

- E tem razão, parece-me. Ora vamos lá Mary, não se faça inocente! O sr. Roderick olha para si de uma maneira!

Mary corou.

A enfermeira Hopkins continuou:

- Creio que lhe deu forte. Apaixonou-se por si, mal a viu. E você, filha? Sente alguma coisa por ele?

- Eu... eu não sei. Creio que não. Mas, realmente, acho-o muito simpático.

- Hum, não é o meu tipo! - disse a enfermeira Hopkins.

- É destes homens de constituição delicada que são um feixe de nervos. Provavelmente esquisito com a comida. Na melhor das hipóteses, os homens não são grande coisa. Não tenha pressa, filha. Com a sua cara pode dar-se ao luxo de escolher. A enfermeira O'Brien observou-me outro dia que você devia ir para o cinema. Sempre ouvi dizer que gostam das loiras.

Mary perguntou, franzindo ligeiramente a testa:

- Que acha que devo fazer com o meu pai? Ele acha que eu devia dar-lhe parte deste dinheiro.

- Não faça uma coisa dessas - disse a enfermeira Hopkins, furiosa. - Não era intenção da sr^a Welman que esse dinheiro fosse para ele. Julgo mesmo que se não fosse você ele já tinha perdido o emprego há anos. Nunca se viu homem mais indolente! - É curioso que tendo ela tanto dinheiro nunca fizesse testamento para lhe dar destino - observou Mary.

A enfermeira Hopkins abanou a cabeça.

- As pessoas são assim. Não é de admirar. Vão sempre adiando.

- Parece-me disparate.

- E a Mary já fez testamento? - inquiriu a enfermeira Hopkins com um ligeiro pestanejar.

Mary olhou para ela espantada:

- Eu não.

- E no entanto já é maior.

- Mas eu. . . eu não tenho nada para deixar. . . isto é, agora talvez tenha.

- Claro que tem. E até uma soma bem bonita - disse a enfermeira Hopkins vivamente.

- Não há pressa. . .

- Ora aí está - exclamou a enfermeira Hopkins secamente. - É assim que todos pensam. Lá porque é uma rapariga nova e saudável não é razão para não ser vítima de um desastre de

autocarro ou não ser atropelada na rua de um momento para o outro.

Mary riu-se.

- Nem sequer sei como se faz testamento - disse.

- É fácil. Na estação dos correios há impressos. Vamos lá buscar um agora mesmo.

Em casa da enfermeira Hopkins abriu-se o impresso e discutiu-se o importante assunto. A enfermeira Hopkins estava gozando muitíssimo. Na sua opinião, mais interessante que uma morte só um testamento.

- Para quem ficaria o dinheiro se eu não fizesse testamento? - perguntou Mary.

- Para o seu pai, julgo eu.

- Não será para ele. Prefiro deixá-lo à minha tia que vive na Nova Zelândia.

- Aliás não serviria de muito ao seu pai. Parece-me que não anda por cá muito tempo - disse a enfermeira Hopkins num tom éalegre.

Mary tinha ouvido a enfermeira Hopkins fazer este prognóstico tantas vezes que já não se impressionava com ele.

- Não me lembro da morada da minha tia. Há anos que não sabemos nada dela.

- Creio que não tem importância. Basta saber o nome de baptismo.

- Mary. Mary Riley.

- Está bem. Escreva que deixa tudo a Mary Riley, irmã da falecida Eliza Gerrard de Hunterbury, Maidensford.

Mary inclinou-se sobre o papel, escrevendo. Quando chegou ao fim estremeceu. Uma sombra tinha-se interposto entre ela e o sol. Levantou a cabeça e viu Elinor Carlisle do lado de fora da janela a olhar para dentro da casa.

- Que está a fazer tão atarefada? - perguntou Elinor.

- Está a fazer testamento - informou a enfermeira Hopkins rindo.

- A fazer testamento? - Elinor desatou a rir, um riso estranho, quase histérico, e exclamou: - Com que então está a fazer testamento, Mary. Essa tem graça. Tem muita graça!...

Ainda a rir, virou as costas e continuou o seu caminho, andando rapidamente.

A enfermeira Hopkins ficou a olhar espantada.

- Já viu aquilo? Que é que lhe deu?

Elinor não tinha dado mais que meia dúzia de passos ria ainda - quando uma mão por trás dela lhe agarrou o braço. Parou abruptamente e voltou-se.

O dr. Lord olhou a direito para ela, com a testa franzida, e inquiriu peremptoriamente:

- De que se está a rir?

- Francamente. . . não sei . . . - respondeu Elinor.

- Essa resposta é bastante pateta!

Elinor corou.

- Acho que ando nervosa... ou não sei - disse Elinor.

- Olhei para dentro da casa da enfermeira e. . . e Mary Gerrard estava lá a fazer testamento. Deu-me vontade de rir; não sei porquê!

- Não sabe? - disse Lord de chofre.

- Foi patetice minha... já lhe disse... estou nervosa.

- Eu receito-lhe um tónico - ofereceu Peter Lord.

- É muito prestável - disse Elinor com voz cortante.

Ele sorriu concordando.

- Realmente não é fazer muito, concordo. Mas é a única coisa que se pode fazer quando a pessoa não nos diz o que tem!

- Não tenho nada.

- Isso é que tem - disse Peter lord calmamente.
- Tenho andado numa certa tensão nervosa...
- Numa grande tensão mesmo - disse ele . Mas não é disso que se trata. - Fez uma pausa. - Fica por cá ainda muito tempo?
- Vou-me embora amanhã.
- Não vem viver para cá?

Elinor abanou a cabeça negativamente.

- Não... de maneira nenhuma. Penso vender a casa se conseguir uma boa ofcrta.
- Compreendo. . .
- Vou andando para casa - disse ela e estendeu-lhe a mão firmemente.

Peter Lord conservou-a certo tempo e disse com ar muito sério: - Miss Carlisle, pode dizer-me em que estava a pensar quando há pouco se ria?

Ela retirou imediatamente a mão.

- Em que havia de estar a pensar?
- Era o que eu gostava de saber.

O rosto dele estava sério e um pouco Lriste.

- Achei engraçado, e mais nada - disse Elinor impaciente.
- Que Mary Gcrrard estivesse a fazer testamento? Porquê? Fazer testamento é até um acto muito sensato. Evita muitos aborrecimentos. As vezes também os causa, é certo!
- É claro que toda a gente devia fazer testamento. Não era isso que eu queria dizer.
- O sr. Welman, por exemplo, devia ter feito testamento - disse o dr. Lord.
- Realmente devia - exclamou Elinor convictamente e corando.
- E você? - perguntou inesperadamente o dr. Lord.
- Eu o quê?
- Sim, acabou de dizer que toda a gente devia fazer testamento. Já fez?

Elinor olhou para ele admirada e depois riu.

- É extraordinário! Não fiz. Não pensei nisso! Estou exactamente no mesmo caso da tia Laura. Lembrou bem, dr. Lord, vou para casa e vou escrever ao sr. Seddon por causa disso.
- Muito bem - disse Peter Lord.

VI

Na biblioteca Elinor acabara precisamente de escrever uma carta.

Ex.mo sr. Seddon: - Queira fazer-me o favor de lavrar um testamento para eu assinar. É muito simples. Quero deixar tudo a Roderick Welman.

Com muita considração Elinor Carlisle Olhou para o relógio. O correio seguia dentro de minutos.

Abriu a gaveta da secretária, depois lembrou-se que tinha utilizado o último selo nessa manhã.

Tinha quase a certeza, porém, de que havia alguns no seu quarto.

Foi lá acima. Quando voltou à biblioteca com o selo na mão, Roddy estava ao pé da janela e exclamou:

- Vamos então amanhã embora! Deixamos esta velha casa. Passamos bons tempos aqui em Hunterbury.

- Importas-te que a venda? - perguntou Elinor.

- Não, de maneira nenhuma. Compreendo perfeitamente que é o melhor que há a fazer.

Houve um silêncio. Elinor pegou na carta, releu-a para ver se estava bem clara. Depois fechou-a e selou-a.

CAPÍTULO SEXTO

Carta da enfermeira O'Brien para a enfermeira Hopkins, a 14 de Julho:

Laborough Court

Cara colega Hopkins:

- Há dias que tenciono escrever-lhe. Esta residência é encantadora e as gravuras nela bastante famosas, mas não posso dizer que seja tão confortável como Hunterbury, não sei se me entende. Como fica em pleno campo é difícil conseguir criadas e as que cá estão são raparigas inexperientes e algumas pouco prestáveis. Embora eu tenha a certeza de que não sou pessoa que dê trabalho, as refeições que trazem numa bandeja pod'zam ao menos ser quentes: 'rambém não há facilidade de ferver água, e o chá nem sempre é feito com água a ferver! Mas enfim tudo isso é suportável! O doente um homem calmo e simpático - uma pnemonia dupla, mas a crise passou e o médico diz que está a melhorar.

O que tenho a dizer-lhe, que lhe interessa com certeza, é a coincidência mais fantástica que possa imaginar. Na sala cá de casa, sobre o enorme piano, há uma fotografia numa moldura grande de prata, e calcule que é a mesma fotografia de que lhe falei - aquela assinada LeLvis que a Sr^a Welman me pediu. É claro que fiquei intrigada - quem não ficaria? Perguntei ao mordomo quem era, e ele respondeu imediatamente que era o irmão de Lady Rattery-- Sir Lewis Rycroft. Parece que vivia perto daqui - e morreu na guerra.

É triste, não acha? Perguntei casualmente se era casado e o mordomo disse que sim, mas que Lady Rycroft tinha sido internada num manicómio pouco tempo depois do casamento. Ainda é viva, scgundo me disse. Não é interessante isto? Estávamos enganadas em todas as nossas hipóteses. Devem ter gostado muito um do outro, ele e a Sr^a Welman e não puderam casar por causa da mulher estar no manicómio.

Tal e qual como nos filmes, não acha? E ela viveu de recordações todos estes anos e contemplou a fotografia dele pouco antes de morrer.

Ele morreu em 1917 disse o mordomo. Um verdadeiro romance, acho eu.

Já viu o novo filme da Myrna Loy? Soube que corria aí em MaidensfoTd esta semana. Aqui não há sequer cinemas perto! É terrível estar desterrada no campo. Não admira que não arranjem criadas em termos! Bem, adeus por hoje, escreva e conte-me todas as novidades.

Sua afectuosamente Eiken O'Brien

Carta da enfermeira Hopkins para a enfermeira O'Brien a 14 de Julho:

Chalé Rosa

Querida colega O'Brien:

- Por aqui vai tudo como o costume.

Hunterbuy está sem ninguém - os criados foram-se todos embora e está lá uma placa que diz: «Vende-se». Outro dia vi a sr^a Bishop que vive agora em casa de uma irmã a um quilómetro daqui. Como se pode calcular ficou muito impressionada quando soube que a propriedade ia ser vendida. Parece que para ela era coisa assente que Miss Carlisle casaria com o sr. Welman e viveriam ali. Mas diz que o noivado se desfez! Miss Carlisle partiu para Londres logo depois de r,oceA se ter ido embora. De vez em quando a atitude dela era muito estranha. Eu não sabia verdadeiramente o que havia de pensar! Mary Gerrard partiu para Londres e está a começar a praticar para massagista. Acho que fez muito bem. Miss Carlisle vai entregar-lhe duas mil libras o que acho muito simpático da parte dela e um

procedimento pouco vulgar.

A propósito, é curioso como as coisas se sabem. Lembra-se de me ter falado numa fotografia assinada Lewis que a sr^a Welman lhe mostrou? Tive um dia destes uma conversa com a sr^a Slattery (que foi governanta em casa do velho dr. Ransome médico daqui antes do Dr. Lard). Ela viveu aqui toda a vida e sabe muita coisa acerca das pessoas destes sítios. Puxei a conversa naturalmente, e falando de nomes de baptismo disse que o nome de Lewis não era vulgar, e logo ela mencionou entre outros Sir Lewis Rycroft de Forbes Park. De parte do décimo-sétimo regimento de lanceiros que esteve na guerra e morreu quase no fim desta. Então perguntei se não era ele que era muito amigo da Sr^a Welman de Hunterbury. Olhou para mim imediatamente e disse: «Sim foram amigos muito íntimos e diz-se que foram mesmo mais do que amigos», mas ela não era pessoa que gostasse de ficar... e por q2ce é que não haviam de ser amigos? Então eu disse que estava muito bem, tanto mais que a Sr^a Welman era viúva nessa altura, e ela disse que sim que ela era viúva. Vi logo que queria dizer alguma coisa com aquilo e observei e que achava estranho que não se tivessem casado, e ela disse imediatamente que não podiam casar porque ele tinha a mulher internada num manicómio! De modo que já soubemos tudo agora!É curioso como as coisas se sabem, não é? Dada a facilidade com que se obtêm divórcios actualmente, parece impossível que a loucura não tenha sido motivo suficiente para isso naquele tempo.

Lembra-se de um rapaz novo e bem parecido chamado Fred Bigland que costumava andar muito atrás de Mary Gerrard? Tem andado de volta de mim para eu lhe dar a direcção dela em Londres mas não lha tenho dado.

A meu ver Gred Bigland não está à altura de Mary.

Não sei se reparou, mas o sr. R. W. andava muito entusiasmado com ela. É pena porque causou aborrecimentos. Lembre-se do que lhe digo, não foi outra a razão de se ter rompido o noivado entre ele e M^liss Carlisle. E se me perguntar digo-lhe que esta ficou muito abalada.

Não sei o que ela lhe encontra - garanto que não era o meu ideal - mas soube de fonte segura que sempre gostou loucamente dele.

É um pouco confuso, não é? E agora cla fica com aqvele dinheiro todo. E no entanto ele tinha razão para ter esperança que a tia lhe deixasse alguma coisa de substancial.

O guarda, o velho Gerrard está por pouco - tem tido várias crises más. Continua bruto e casca grossa como sempre. Outro dia chegou a dizer que Mary não era filha dele. «Pois então» disse-lhe, «eu no seu caso tinha vergonha de dizer uma coisa dessas da minha mulher».

Limitov.-se a olhar para mim e a dizer: «A senhora é parva. Não compreende nada». Muito delicado, não foi? Dei-lhe uma descompostura. A mulher dele antes de casar foi criada de quarto da sr^a Welman, creio eu.

Vi A Terra Bendita a semana passada. É maravilhoso. Parece é que as mulheres sofrem bastante lá na China.

Sua muito amiga Gessie Hopkins

Postal da enfermeira Hopkins para a enfermeira O'Brien:

Foi engraçado as nossas cartas terem-se cruzado! Que me diz a este tempo horrível?

Postal da enfermeira O'Brien para a enfermeira Hopkins: Recebi a sua carta esta manhã. Que coincidência!

Carta de Roderick Welman para Elinor Carlisle a 15 de Julho:

Querida Elinor:

- Acabo de receber a tua carta. Não, sinceramente não me custa que Hunterbury seja vendido. E simpático da tua parte consultares-me. Acho que é o melhor que tens a fazer, se não pensas viver lá o que é certamente o caso. Dezes, no entanto, ter certa dificuldade em encontrar comprador. É uma casa muito grande para as necessidades actuais, enfim, tenha sido modernizada, e tenha tudo o que é preciso, bons quartos de criados, gás, luz eléctrica, etc. Desejo que tenhas sorte! Aqui está um tempo deliciosamente quente. Passo horas dentro de água. Há muita gente bastante curiosa mas em geral mantenho-me à parte. Disseste-me uma vez que eu não era muito sociável. Parece-me bem que é verdade. Acho a maioria da espécie humana bastante repelente. Os outros provavelmente sentem o mesmo. Há muito que descobri que és uma das únicas representantes Derradeiramente satisfatórias da humanidade. Estou a pensar em ir até à Dalmácia dentro de uma ou duas semanas. A direcção é Thomas Cook, DuSrolnik, do dia 22 em diante. Se precisares de alguma coisa, diz.

Afectuosamente Roddy

Carta do sr. Seddon, de Seddon, Blathenwick e Seddon para Miss Carlisle, a 20 de Julho:

Bloomsbury Square 104

Excelentíssima senhora:

- Creio, sem a mínima dúvida, que deve aceitar a oferta do major Somerwell que lhe dá doze mil e quinhentas libras (£ 12,500) por Hunterbury. As propriedades grandes, hoje, são extremamente difíceis de vender, e o preço estabelecido parece-me ser bastante vantajoso. A oferta depende, porém, da posse imediata e eu sei que o major Somerwell tem andado a ver outras propriedades nesses arredores, por isso aconselho-a a aceitar imediatamente.

O major Somerwell deseja, julgo eu, instalar-se na casa mobilada durante três meses, altura em que as formalidades legais serão cumpridas e a venda será efectuada.

Quanto ao guarda, Gerrard, e a questão de lhe dar uma pensão, soube pelo dr. Lord que o velho está seriamente doente e que não é provável que escape.

O testamento ainda não foi aprovado legalmente, mas já adiantei mil libras a Miss Mary Gerrard por conta da soma a entregar-lhe.

Com muita consideração Edmund Seddon

Carta do dr. Lord para Miss Carlisle a 24 de Julho:

Ex.ma Senhora:

- O velho Gerrard morreu hoje. Há alguma coisa em que possa ser-lhe útil? Soube que tinha vendido a casa ao major Somerwell, o nosso novo deputado.

Com os mais cumprimentos sou Peter Lard

Carta de Elinor Carlisle para Mary Gerrard a 25 de Julho:

Cara Mary:

- Lamento muito a morte de seu pai. Tenho um comprador para Hunterbury- Um sr. major Somerwell. Está desejoso de se instalar o mais depressa possível. Vou até lá para dar uma vista de olho, aos papéis de minha tia e arranjar tudo. Gostava que tirasse também, o mais depressa possível, as coisas do seu pai da casa que ele habitava no parque. Desejo que tudo lhe vá correndo bem e que não ache a prática das massagens muito árdua.

Com os meus cumprimentos Elinor Carlisle

Carta de Mary Gerrard para a enfermeira Hopkins a 26 de Julho: Senhora Hopkins:
- Obrigada por me ter dado a notícia do falecimento de meu pai. Ainda bem que não sofreu.
Miss Elinor escreveu-me a dizer que a casa está vendida e que gostava que eu tirasse as coisas da nossa habitação o mais depressa possível. Poderia ficar em sua casa quando for amanhã para o feneal? Se puder ser, não se incomode a responder.
Sou afectuosamente Mary Gerrard

CAPÍTULO SÉTIMO

Elinor Carlisle saía do King's Arms na manhã de quinta-feira, 27 de Julho e ficou parada um momento na rua principal de Maidensford, olhando para um lado e para o outro?.

De repente, com uma exclamação de prazer, atravessou a rua.

Aquela figura alta e digna, e aquele porte sereno, tal um galeão a toda a vela, não oferecia dúvidas.

- Sr^a Bishop!

- Miss Elinor por aqui! Que surpresa! Não sabia que estava cá! Se soubesse que vinha a Hunterbury teria lá ido logo! Quem é que lhe trata das coisas? Trouxe alguém de Londres? Elinor fez um sinal negativo com a cabeça.

- Não estou lá em casa. Estou no King's Arms.

A sr^a Bishop olhou para o outro lado da rua e fungou.

- Pode-se ficar lá, tenho ouvido dizer - admitiu ela.

- Parece que é limpo. E dizem que a cozinha é boa, mas não é nada daquilo a que está habituada, Miss Elinor.»

Elinor disse, sorrindo:

- Pois estou bastante bem. É só por um dia ou dois.

Tenho de fazer uma escolha lá em casa. Separar as coisas pessoais da minha tia; e também há uns certos móveis que queria levar para Londres.

- Então a casa está realmente vendida?

- Está. Ao nosso novo deputado, o major Somerwell. Sir George Kerr morreu, sabe, e houve uma eleição especial.

- Não houve oposição - disse a sr^a Bishop com ar importante. - Nunca tivemos senão conservadores por Maidensford.

- Estou contente por ter vendido a casa a uma pessoa que realmente a quer habitar. Teria pena de vê-la transformada num hotel ou adaptada.

A sr^a Bishop fechou os olhos e toda a aristocrática figura estremeceu.

- Sim, isso seria horrível, realmente seria horrível! Já custa bastante pensar que Hunterbury vai para a mãos de estranhos.

- Pois é, mas compreende, é uma casa demasiado grande para eu viver... sozinha.

A sr^a Bishop fungou e Elinor apressou-se a dizer:

- Queria perguntar-lhe se gostava de ficar com algum móvel em especial. Se assim for, tenho muito prazer em dar-lho.

A Sr^a Bishop rejubilou e disse cortêsmente:

- É muito amável, Miss Elinor... muito amável. Se me permite...

Fez uma pausa.

- Faça favor - encorajou-a Elinor.

- Sempre gostei muito da secretária que está na sala.

Acho-a um móvel muito elegante.

Elinor lembrava-se dele, era um móvel de embutidos que dava um tanto nas vistas.

- Pois sim, é para si, sr^a Bishop. Mais alguma coisa? - perguntou Elinor.

- Não, Miss Elinor. Já tem sido bastante generosa.

- Há umas cadeiras no mesmo estilo da secretária. Quere-as?

A sr^a Bishop aceitou as cadeiras com os devidos agradecimentos e explicou:

- Agora vivo com a minha irmã. Quer que a ajude em alguma coisa lá em casa, Miss

Elinor? Posso ir lá consigo se quiser.

- Não, obrigada.

Elinor falou depressa e bastante bruscamente.

- Não é maçada nenhuma para mim, pode ter a certeza. É um prazer. É triste ter de ir dar volta às coisas da boa senhora.

sua avantajada

- Obrigada, sr^a Bishop, mas preciso de pôr mãos à obra sozinha. Há coisas que se fazem melhor só.

- Como quiser - disse a sr^a Bishop empertigando-se.

E continuou:

- A filha do Gerrard está cá. O funeral foi ontem. Está em casa da enfermeira Hopkins. Ouvi dizer que iam lá a casa dela esta manhã.

Elinor confirmou:

- Sim, fui eu quem pediu a Mary que viesse cá tratar disso.

O major Somerwell quer instalar-se o mais depressa possível.

- Ah, sim.

- Bem, tenho de ir andando - disse Elinor. - Muito prazer em vê-la sr^a Bishop. Não me esqueço da secretária e das cadeiras.

Apertou-lhe a mão e seguiu.

Entrou no padeiro e comprou um pão. Depois entrou na leitaria e comprou leite e duzentos e cinquenta gramas de manteiga.

Finalmente foi à mercearia.

- Quero conservas de peixe para sanduíches, se faz favor.

- Muito bem, Miss Carlisle.

O sr. Abbot pessoalmente adiantou-se solícito, afastando para o lado o empregado.

- Que deseja? Salmão ou camarão? Peru ou língua? Salmão ou sardinha? Presunto ou paio?

Tirou um boião e mais outro e colocou-os em cima do balcão.

Elinor disse com um leve sorriso:

- Apesar dos nomes serem diferentes, acho que sabem todos um pouco ao mesmo.

O sr. Abbot concordou imediatamente.

- Realmente é, isso é. Mas na verdade são muito saborosas... muito saborosas.

- Geralmente tem-se medo de comer conservas de peixe.

Tem havido casos de envenenamento, não tem? - disse Elinor.

O sr. Abbot fez uma expressão de horror.

- Posso garantir-lhe que esta marca é excelente e da máxima confiança. N1nca tivemos reclamações.

- Vou levar uma de salmão e anchovas e outra de salmão e camarão. Obrigada.

Tr Elinor Carlisle entrou na cerca de Hunterbury pelo portão de trás.

Era um dia de Verão claro e quente. Havia ervilhas-de-cheiro em flor. Elinor passou perto de um canteiro delas.

Horlick o ajudante do jardineiro, que continuou ao serviço para manter as coisas arranjadas, cumprimentou-a respeitosamente.

- Bom dia, menina. Recebi a sua carta. A porta do lado está aberta. Abri as persianas e quase todas as janelas.

- Obrigada, Horlick.

Quando ia a afastar-se, o rapaz disse nervosamente, tremendo-lhe o queixo:

- Desculpe, menina, mas. . .

Elinor voltou-se.

- Que é?

- É verdade que assente?

- Está sim!

Horlick disse nervosamente:

- Pensei se a menina podia falar de mim ao major Somerwell. Ele deve precisar de jardineiros. Talvez ele me ache muito novo para jardineiro-chefe, mas eu trabalhei com o sr. Stephens quatro anos e parece-me que sei um bocado disto, e tenho tratado muito bem das coisas desde que estou cá sozinho.

- Pois sim, Horlick, vou fazer o que puder. Já tencionava falar de si ao major Somerwell e dizer-lhe que é um bom jardineiro.

- A casa está vendida? Já está realmente

O rosto de Horlick fez-se muito vermelho.

- Obrigado, menina. Agradeço-lhe muito. Isto já se vê foi um choque... a sr^a Welman morreu e depois a casa vendida tão depressa... e eu, enfim, estava para casar este Outono mas uma pessoa tem de ter a certeza que...

Calou-se.

Elinor disse amavelmente:

- O major Somerwell deve ficar consigo. Pode confiar em mim que eu farei todo o possível.

- Obrigado, menina. Enfim, todos esperávamos que a família ficasse com a casa. obrigado, menina.

Elinor continuou o seu caminho.

Subitamente, invadindo-a como um rio que rebentasse a represa, inundou-a uma onda de cólera, de feroz ressentimento.

«Todos esperámos que a família ficasse com a casa...» Ela e Roddy poderiam habitá-la um dia. Ela e Roddy...

Roddy gostaria. Ela própria gostaria também. Ambos tinham sempre adorado Hunterbury. O querido Hunterbury...

Nos anos que antecederam a morte dos pais, quando tinham estado na Índia, ela costumava vir para aqui passar as férias.

Brincava no bosque, passeava pelas margens do ribeiro, apanhava grandes braçadas de ervilhas-de-cheiro, comia deliciosas groselhas e doces Iramboesas muito vermelhas.

Mais tarde vinham as maçãs. Havia recantos onde ela se aninhava horas e horas a ler um livro.

Adorava Hunterbury nesse tempo. Sempre tivera uma íntima certeza de viver ali um dia permanentemente. A tia Laura alimentara essa ideia com pequenas frases, com certas palavras: «Talvez um dia mandes cortar aqueles teixos, Elinor.

São um pouco lúgubres!» «Devia haver aqui uma estufa.

Talvez venhas a fazê-la.» E Roddy? Roddy também esperara que Hunterbury viesse a ser a sua casa. Talvez mesmo o que sentia por ela não fosse alheio a isso. Sentira possivelmente no seu subconsciente que ficava bem e era justo viverem ambos em Hunterbury.

E teriam vivido ambos aqui. Estariam ambos aqui agora, não preparando a casa para vender, mas fazendo uma nova decoração, planeando novas maneiras de arranjar a casa e o jardim, caminhando lado a lado, gozando o agradável prazer da propriedade - felizes - ambos felizes sim - se não fosse o acaso fatal do aparecimento de uma rapariga bela como uma rosa silvestre. . .

Que sabia Roddy, de Mary Gerrard? Nada - pouco mais que nada! - Que importância tinha

para ele a verdadeira Mary? Era uma rapariga com admiráveis qualidades, mas tinha Roddy conhecimento delas? Era a velha história, o velho truque da Natureza! Não tinha o próprio Roddy dito que era um «encantamento»? Não desejava o próprio Roddy - realmente - libertar-se dele? Se, por exemplo, Mary Gerrard morresse, não reconheceria Roddy um dia que tinha sido melhor assim, pois compreendia então que não tinham nada em comum...

Acrescentaria, talvez, com suave melancolia: «Era uma criatura adorável! . . .» Que fosse para ele uma recordação suave, uma ideia de beleza e de alegria para sempre...

Se acontecesse alguma coisa a Mary Gerrard, Roddy voltaria para ela. Tinha a certeza disso! Se acontecesse alguma coisa a Mary Gerrard...

Elinor abriu a porta lateral. Passou da claridade quente de fora para a luz sombria da casa. Sentiu um arrepio.

Fazia frio, estava tudo escuro e sinistro... Era como se qualquer coisa estivesse à espera dela naquela casa...

Atravessou o vestíbulo e empurrou o guarda-vento que dava para a copa.

Cheirava ligeiramente a bolor. Abriu a janela de par em par.

Pousou os embrulhos - a manteiga, o pão, a pequena garrafa de leite e pensou: «Estúpida! Esqueci-me de comprar café.» Procurou nas latas que estavam numa prateleira. Havia um pouco de chá numa delas, mas não havia café.

Pensou: «Não tem importância.» Desembrulhou os dois boiões de conservas e ficou um momento a olhar para eles. Depois saiu da copa e subiu ao primeiro andar. Foi direita ao quarto da sr^a Welman. Começou pela cómoda grande, abriu gavetas, tirou coisas, arrumou, dobrou roupas e pôs em monte.

Na casa do guarda, Mary Gerrard olhava à sua volta bastante desanimada.

Não imaginara o estado em que tudo se encontrava.

A sua vida passada voltou-lhe de repente à memória.

A mãe fazendo vestidos para as bonecas. O pai sempre rabugento e grosseiro. Jamais gostara de si. Sim, não gostara nunca de si...

- O meu pai não disse nada, não me quis falar antes de morrer? - perguntou ela à enfermeira Hopkins.

A enfermeira Hopkins disse numa voz simultaneamente alegre e dura:

- Não, filha, que ideia! Ficou inconsciente uma hora antes de morrer.

- Estou arrependida de não ter vindo tratá-lo. Apesar de tudo era meu pai.

- Ouça, Mary - disse a enfermeira Hopkins com visíveis sinais de embaraço - se ele era seu pai ou não não vem agora para o caso. Hoje em dia os filhos não se preocupam muito com os pais, pelo que se vê, e muitos pais também não se preocupam com os filhos. A sr^a Lambert, da escola secundária, diz que assim é que deve ser. Segundo ela a vida de família é um erro, e as crianças deviam ser educadas pelo Estado.

Há-de vir a ser assim - um maravilhoso orfanato - mas, apesar disso, é uma perda de tempo ficar a olhar para o passado e entregarmo-nos a sentimentalismos. Temos de viver a vida - é a nossa missão - e às vezes não é muito fácil!

- Deve ter razão. Mas tenho a impressão de que talvez fosse minha a culpa de não nos darmos melhor - disse-lhe, pausadamente.

- Não diga disparates! - exclamou a enfermeira Hopkins com autoridade.

A frase explodiu como uma bomba e tranquilizou Mary.

A enfermeira Hopkins encaminhou a conversa para questões mais práticas.

- Que vai fazer à mobília? Guardá-la ou vendê-la?

- Não sei. Que acha? - perguntou Mary hesitante.

Lançando em volta um olhar de avaliação a enfermeira Hopkins aconselhou:

- Algumas coisas são bastante boas e sólidas. Podia guardá-las, e um dia mobilar um apartamentozinho para si, em Londres. O que não presta venda. As cadeiras são boas e a mesa também. R aquela secretária é bonita, é um gênero fora de moda, mas é de mogno, e dizem que aquele estilo da época da rainha Vitória ainda há-de voltar a usar-se. Eu no seu caso, vendia aquele guarda-fato grande, que é demasiado grande e difícil de arrumar. Com o tamanho que tem ocupa metade do quarto.

Fizeram as duas uma lista das coisas para guardar e para vender.

- O sr. Seddon, o advogado, foi muito amável - disse Mary.

- Adiantou-me algum dinheiro para eu pagar logo de início as despesas que tivera com a prática das massagens e outras coisas de que eu precisasse. Segundo ele disse ainda demora mais ou menos um mês antes que o dinheiro seja definitivamente meu.

- Que tal acha o seu trabalho? - perguntou a enfermeira Hopkins.

- Creio que vou gostar muito. É bastante fatigante a princípio. Chego a casa estafada.

- Julguei que morria quando estive a fazer pela primeira vez serviço de enfermagem no Hospital de St. Luke. Pensei que não aguentava três anos. Mas aguentei.

Tinham separado as roupas do velho, e encontraram então uma caixa de lata cheia de papéis.

- Acho que devemos passar a vista por estes papéis - disse Mary.

Sentaram-se, cada uma de seu lado da mesa.

A enfermeira Hopkins resmungou, agarrando uma porção de papéis:

- É extraordinário as porcarias que se guardam! Recortes de jornal! Toda a espécie de coisas! Mary disse, desdobrando um documento:

- Aqui está a certidão de casamento do pai e da mãe.

Em St. Albans,

1919.

- É uma certidão antiquada. Muitas pessoas cá na vila ainda usam esse tipo de certidões.

- Mas... - disse Mary surpreendida.

A outra levantou bruscamente a cabeça. Viu tristeza nos olhos da rapariga e perguntou:

- Que é?

- Não vê? É de 1919. E eu tenho vinte e um anos. Em 1919 tinha eu um ano. Quer dizer... quer dizer... que o meu pai e a minha mãe só se casaram depois... depois de eu nascer.

A enfermeira Hopkins franziu a testa e disse energicamente:

- E então, que tem isso? Não se preocupe com isso agora!

- Mas não posso deixar de me preocupar.

Então a enfermeira Hopkins disse com autoridade:

- Há muitos casais que só vão à igreja um pouco depois de lá deverem ter ido. Mas desde que vão, que mal tem? É assim mesmo!

- Acha que era por isso que o meu pai nunca gostou de mim? Talvez porque foi forçado a casar com a minha mãe? A enfermeira Hopkins hesitou, mordendo o lábio:

- Creio que não foi bem assim. - Fez uma pausa. - Bem, se se vai preocupar com isso, digolhe a verdade: não é filha de Gerrard.

- Então era por isso! - exclamou Mary.

- Talvez.

Mary disse, com uma roseta vermelha em cada face:

- Talvez não me fique bem, mas estou contente! Sempre senti remorsos de não me preocupar mais com o meu pai, mas se ele não era meu pai, então está tudo bem! Como

soube?

- Gerrard falou muito sobre isso antes de morrer. Mande-o calar bastante àsperamente, mas ele não ligou importância. Não lhe teria dito nada a si, se isso não tivesse aparecido.

- Quem seria o meu pai...

A enfermeira Hopkins hesitou. Abriu a boca para falar e tornou a fechá-la. Pareceu ficar indecisa.

Nesta altura uma sombra projectou-se no quarto e as duas voltaram-se, e viram Elinor Carlisle do lado de fora da janela.

- Bom dia - exclamou Elinor.

A enfermeira Hopkins retribuiu a saudação:

- Bom dia, Miss Carlisle. Está um dia lindo, não está?

Mary disse:

- Bom dia, Miss Elinor.

- Estive a fazer sanduíches - disse Elinor. - Não querem vir comer algumas? É uma hora e é uma maçada muito grande terem de ir a casa almoçar. Trouxe o suficiente para três, já a contar.

- Foi muito providente, Miss Carlisle - disse a enfermeira Hopkins agradavelmente surpreendida. - É uma maçada ter de se interromper o que se está a fazer, para ir à vila e voltar. Esperávamos que isto ficasse pronto esta manhã.

Fui fazer as minhas visitas aos doentes bastante cedo. Mas air de casa deles demora sempre mais do que se julga.

- Obrigada, Miss Elinor, agradeço-lhe muito - disse Mary reconhecida.

Dirigiram-se as três para a casa. Elinor tinha deixado a porta da frente aberta. Entraram na frescura do vestíbulo.

Mary tremeu. Elinor olhou para ela e perguntou:

- Que foi?

- Nada. Foi um arrepio. Foi de vir de lá de fora, do calor...

- É curioso. Sucedeu o mesmo comigo esta manhã - observou Elinor em voz baixa.

A enfermeira Hopkins rindo, disse com uma voz sonora e alegre:

- Bem, daqui a pouco dizem que há fantasmas cá em casa.

A mim não me sucedeu nada!

Elinor sorriu. Dirigiram-se para a sala que ficava direita da porta da entrada. As persianas estavam abertas e as janelas também. Era um ambiente alegre.

Elinor atravessou o vestíbulo, e trouxe da copa um prato grande com sanduíches, que ofereceu a Mary, dizendo:

- Sirva-se.

Mary tirou uma. Elinor ficou um momento observando-a, enquanto ela trincava a sanduíche com os seus dentes brancos muito certos.

Conteve a respiração e depois expeliu-a num leve suspiro.

Ficou uns segundos abstracta, segurando o prato, depois, ao ver a boca entreaberta e a expressão de apetite da enfermeira Hopkins, corou e ofereceu-lhe o prato.

Elinor tirou também uma sanduíche e disse desculpando-se:

- Tencionava fazer café mas esqueci-me de o trazer.

Mas se quiserem têm cerveja em cima daquela mesa.

- Se ao menos me tivesse lembrado de trazer chá - disse a enfermeira Hopkins tristemente.

- Há ainda um pouco de chá numa lata lá na copa - disse Elinor de um modo alheio.

O rosto da enfermeira Hopkins iluminou-se.

- Então vou lá num instante pôr água a ferver. Não há leite, pois não?

- Há sim. Eu trouxe.

- Bem, está bem - disse a enfermeira Hopkins. E saiu apressada.

Elinor e Mary ficaram sós.

Uma estranha tensão carregou a atmosfera. Elinor com um esforço visível, tentou fazer conversa. Os seus lábios estavam secos, passou a língua por eles e perguntou agrestemente:

- Gosta do seu trabalho em Londres?

- Gosto sim, obrigada. Estou... estou-lhe muito grata...

Ouviram-se um som rouco e brusco. Era Elinor que ria, com um riso tão dissonante, tão inesperado que Mary olhou para ela surpreendida.

- Não há razão para me estar agradecida!

Mary disse bastante atrapalhada:

- Eu, enfim, não, isto é...

Calou-se.

Elinor olhava para ela com um olhar tão penetrante, tão estranho que Mary hesitou.

- Tem alguma coisa? - perguntou.

Elinor levantou-se rapidamente e disse voltando-se:

- Que havia de ter?

- Parecia tão... - murmurou Mary.

Elinor disse, dando uma pequena gargalhada:

- Estava com o olhar fixo? Peço desculpa. As vezes acontece-me quando estou a pensar noutra coisa.

A enfermeira Hopkins assomou à porta e observou alegremente: «Já pus a água a ferver», e saiu outra vez.

Elinor teve um súbito ataque de riso.

- Lembra-se daquela cantiga que cantávamos em pequenas: «Oh, Maria faz o chá, oh, Maria faz o chá»

- Sim. Lembro-me.

- Quando éramos pequenas... É pena não se poder voltar atrás, não é Mary?

- Gostava de voltar atrás? - perguntou Mary.

- Gostava, gostava muito. . .

O silêncio recaiu entre elas por algum tempo e por fim Mary disse, muito corada:

- Miss Elinor, não pense...

Calou-se, ao notar a atitude de superioridade que Elinor assumira de repente. Esta disse numa voz gelada e metálica:

- Que é que não devo pensar?

- Eu... esqueci-me o que ia a dizer - murmurou Mary.

Elinor descansou, como se um perigo que estivera iminente tivesse passado.

A enfermeira Hopkins entrou com uma bandeja na qual vinha um bule castanho e três chávenas, e disse, absolutamente inconsciente do anticlímax que estabelecia:

- Aqui está o chá!

Colocou a bandeja em frente de Elinor. Esta abanou a cabeça negativamente.

- Não quero chá.

Empurrou a bandeja para Mary que encheu duas chávenas.

A enfermeira Hopkins suspirou de contentamento.

- Está bem forte.

Elinor levantou-se e dirigiu-se para a janela. A enfermeira Hopkins disse persuasiva.

- Não quer realmente uma chávena de chá, Miss Carlisle? Fazia-lhe bem.

- Não, obrigada - exclamou Elinor.

A enfermeira Hopkins esvaziou a sua chávena, tornou a colocá-la no pires e disse:

- Vou apagar o gás porque deixei água a ferver, caso precisássemos de encher novamente o bule.

Retirou-se.

Elinor voltou de junto da janela e principiou numa voz que continha um apelo desesperado:

- Mary. . .

Mary Gerrard respondeu logo:

- Sim?

Lentamente a luz desapareceu do rosto de Elinor. Os lábios cerraram-se-lhe. A súplica desesperada «tinguiu-se, e deixou uma simples máscara, gelada e rígida.

- Não é nada - disse.

Um silêncio pesado espalhou-se na sala.

Mary pensou: «É tudo tão estranho hoje! Parece que... que se está à espera de qualquer coisa.» Elinor, por fim, quebrou a imobilidade.

Saiu de onde estava, e agarrou na bandeja do chá depois de nela ter posto o prato das sanduíches vazio.

Mary levantou-se.

- Eu levo Miss Elinor.

- Não, deixe-se estar. Eu trato disto.

Pegou na bandeja e saiu da sala. Mas antes, virou-se para trás para ver Mary Gerrard que ficara perto da janela, Jovem, bela e cheia de vida...

A enfermeira Hopkins estava na copa. Limpava o rosto com um lenço. Quando Elinor entrou levantou vivamente a cabeça e exclamou:

- Está calor aqui!

Elinor respondeu mecanicamente:

- Pois é, a copa está virada ao sul.

enfermeira Hopkins tirou-lhe a bandeja das mãos.

- Vou lavar isto. Miss Carlisle não nasceu para fazer estes serviços.

- Por que não? - e agarrando num pano da loiça. - Eu limpo.

A enfermeira Hopkins tirou os punhos, e deitou água quente da cafeteira para o lavadouro.

Elinor disse casualmente, olhando para o pulso dela:

- Picou-se.

A enfermeira Hopkins riu.

- Foi naquela roseira grande que fica ao pé da casa do guarda; um espinho. Depois o tiro.

A roseira que fica ao pé da casa do guarda... Uma onda de recordações invadiu Elinor. Ela e Roddy brigavam - era a Guerra das Rosas. Ela e Roddy brigavam - e faziam as pazes. Maravilhosos dias, risonhos e felizes. Depois, sentiu uma onda de revolta. A que tinha chegado agora? A que negro abismo de ódio... de maldade... Estremeceu e pensou: Que loucura... que loucura.

A enfermeira Hopkins olhava fixamente para ela com um olhar curioso.

«Tinha um ar esquisito...» assim a descrevia mais tarde «Falava como se não soubesse o que estava a dizer, e tinha os olhos brilhantes e estranhos.» As chávenas e os pires tilintavam no lavadouro. Elinor pegou num dos boiões vazios que estava em cima da mesa e pô-lo dentro do lavadouro. Ao fazer isto disse, admirando-se da firmeza da sua voz:

- Estive lá em cima a separar umas roupas da tia Laura, e pensei que talvez a senhora me pudesse informar a quem fariam arranjo na vila.

- Pois posso. Há a sr^a Parkinson, a velha Nellie e aquela pobre criatura que vive em Ivy Cottage. Essas coisas caem-lhes do céu.

Arrumaram as duas, a copa, e depois foram ao primeiro andar.

No quarto da sr^a Welman havia roupas dobradas e postas cuidadosamente em montes: roupa de baixo e algumas peças elegantes de vestuário, vestidos de veludo, um casaco de peles.

Este casaco, explicou Elinor, pensei dá-lo à sr^a Bishop.

A enfermeira Hopkins concordou.

Reparou que os casacos de vison da sr^a Welman estavam em cima da cómoda.

«Vai mandá-los arranjar para ela com um corte moderno» - pensou para consigo.

Deitou um olhar ao toucador. Pensou se Elinor teria encontrado aquela fotografia assinada «Lewis», e se tinha encontrado, que lhe fizera.

«Foi engraçado» pensou para consigo, «a carta da O'Brien ter-se cruzado com a minha. Nunca pensei que pudesse suceder uma coisa assim. Ela dar com aquela fotografia precisamente no dia em que lhe escrevi a falar da sr^a Slattery.

Ajudou Elinor a separar as roupas para as diferentes famílias e ofereceu-se para as entregar, dizendo:

- Posso tratar disto enquanto Mary vai lá abaixo à casa acabar a arrumação. Só falta passar a vista por uma caixa de papéis. E a propósito onde está ela? Teria ido já lá para baixo?

- Estava na sala... - disse Elinor.

- Não ficou lá este tempo todo. - Olhou para o relógio.

- Há quase uma hora que estamos cá em cima!

Desceu apressadamente as escadas e Elinor seguiu-a.

Dirigiram-se à sala.

- Olha, adormeceu! - exclamou a enfermeira Hopkins.

Mary Gerrard estava sentada numa poltrona grande perto da janela. Descansara um pouco.

Na sala havia um som estranho: um respirar difícil de estertor.

A enfermeira Hopkins aproximou-se da rapariga e abanou-a.

- Acorde, filha...

Parou. Baixou-se mais, fechou um dos olhos. Depois começou a abanar a rapariga com tremenda energia.

Voltou-se para Elinor, e na sua voz havia alguma coisa de ameaçador quando disse:

- Que vem a Ser isto?

- Não sei o que quer dizer. Ela está doente?

- Onde é o telefone? Chame o dr Lord, o mais depressa possível - ordenou a enfermeira Hopkins.

- Que sucedeu? - perguntou Elinor.

- Que sucedeu? A rapariga está mal. Está a morrer.

Elinor recuou.

- A morrer?

- Foi envenenada... - disse a enfermeira Hopkins e os seus olhos, carregados de suspeita, brilhantes e ferozes pousaram em Elinor.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO PRIMEIRO

Hercule Poirot, a cabeça em forma de ovo ligeiramente inclinada para um lado, as sobrancelhas levantadas inquisitorialmente, as mãos apoiadas uma na outra pelas pontas dos dedos, observava o rapaz que passeava furiosamente no quarto de um lado para o outro, o rosto sardento e simpático franzido e preocupado.

- Ora bem, meu amigo, de que se trata? - perguntou ele.

Peter Lord deixou de passear, ficou imóvel e explicou:

- Sr. Poirot, o senhor é o único homem que me pode ajudar. Ouvi Slillingfleet falar de si; disse-me o que fez naquele caso de Benedict Farley. Quando toda a gente pensava que se tratava de um suicídio e o senhor provou que era crime.

- Tem então entre os seus doentes algum caso de suicídio dum idoso?

Peter Lord abanou a cabeça negativamente e sentando-se em frente de Poirot disse:

- Trata-se de uma rapariga. Foi presa e vai ser julgada como assassina! E eu quero que descubra provas de que não foi ela a autora do crime!

Poirot levantou ainda mais as sobrancelhas. Depois assumiu uma atitude discreta e confidencial e perguntou:

- Você e essa rapariga... estão noivos... não? Gostam um do outro?

Peter Lord riu-se - um riso agudo e amargo.

- Não, não é isso! Ela tem o mau gosto de preferir um tipo com ar enfatuado, de nariz comprido e rosto melancólico! É patética dela, mas é assim!

- Ah, sim!

- Pois é! - disse Lord amargamente. - Não há necessidade de esconder. Apaixonei-me por ela. E por isso não quero que a enforcem. Compreende?

- De que é ela acusada? - perguntou Poirot.

- É acusada de ter morto uma rapariga chamada Mary Gerrard, envenenando-a com morfina hidroclorídrica. Deve ter lido o relato do inquérito nos jornais.

- E qual o motivo?

- Ciúmes!

- E a seu ver ela não cometeu o crime?

- Pois não; claro que não.

Hercule Poirot olhou para ele um momento, pensativo e depois disse:

- Em resumo, que quer que eu faça? Que investigue este caso?

- Quero que a salve.

- Não sou advogado de defesa, meu amigo.

- Ou melhor. Quero que descubra provas que permitam ao advogado de defesa salvá-la.

- Põe a questão de uma maneira curiosa - disse Hercule Poirot.

- Não faço rodeios, é isso que quer dizer? Parece-me bastante simples. Quero que salve esta rapanga. Acho que você é o único homem capaz disso!

- Quer que eu examine os factos para descobrir a verdade? Para descobrir o que realmente aconteceu?

- Quero que descubra quaisquer factos que sejam a favor dela.

Hercule Poirot, com cuidado e precisão, acendeu um cigarro muito delgado, e disse:

- Mas não é um pouco contra a ética o que acaba de me pedir? Descobrir a verdade, sim,

isso interessa-me sempre. Mas a verdade é uma arma com dois gumes. Suponhamos que descubro factos contra essa senhora? Quer que os encubra?

Peter Lord levantou-se pálido e disse:

- Isso é impossível! Não pode descobrir nada que seja mais contra ela do que os próprios factos já são! Perfeita e absolutamente comprometedores! Há todas as provas possíveis contra ela, bem claras aos olhos de toda a gente! Não pode encontrar nada que a condene mais do que ela já está! Stillingfleet diz que você tem uma extraordinária imaginação. Utilize-a para desvendar uma saída, uma alternativa possível.

- Os advogados de; a fazem isso com certeza, não? - disse Hercule Poirot.

- Não sei se fazem - o rapaz riu com certo ar de desprezo.

- Estão vencidos de antemão! Pensam que não há nada a fazer! Encarregaram disto Bulmer, o homem das causas perdidas, o que já é em si uma desistência. Grande orador, daqueles que comovem até às lágrimas, salientando a juventude da acusada e não sei que mais! Mas o juiz não o deixará ir longe. Não há sequer uma esperança!

- Suponhamos que é culpada; mesmo assim quer que a salvem? - perguntou Hercule Poirot.

- Quero - afirmou calmamente Peter Lord.

Hercule Poirot moveu-se na cadeira.

- Você interessa-me. . . - disse.

Após uns momentos continuou:

- Acho que é melhor contar-me os pormenores exactos do caso.

- Não leu nada sobre isto nos jornais?

- Sim, vi uma notícia. Mas os jornais são tão pouco exactos que nunca me guio pelo que dizem.

Peter Lord contou:

- É muito simples. Horivelmente simples. Esta rapariga, Elinor Carlisle, tinha herdado há pouco uma residência perto daqui - Hunterbury - e uma fortuna de uma tia que morreu sem deixar testamento. O apelido da tia era Welman. Essa tia tinha um sobrinho por parte do marido - Roderick Welman, o qual estava noivo de Elinor Carlisle - um noivado antigo, pois conhecem-se desde crianças. Havia em Hunterbury uma rapariga que era Mary Gerrard, filha do guarda.

A sr^a Welman tinha-se interessado por ela, tinha-lhe pago os estudos, etc. O resultado foi que a rapariga tinha todo o aspecto de uma filha de boas famílias. Roderick Welman pareceu que se apaixonou por ela, e conseqüentemente o noivado desfez-se.

"Agora chegamos propriamente à acção. Elinor Carlisle pôs a casa à venda e um homem chamado Somerwell comprou-a. Elinor foi lá para tirar as coisas de uso pessoal da tia. Mary Gerrard, cujo pai tinha morrido pouco antes, estava a arranjar a casa do guarda. Isto foi na manhã de 27 de Julho.

"Elinor Carlisle estava hospedada na pensão da terra. Encontrou na rua a antiga governanta, a sr^a Bishop. Esta ofereceu-se para ir à casa com ela e ajudá-la. Elinor recusou com exagerada veemência. Depois entrou na mercearia e comprou conservas de peixe e aí fez uma observação sobre os envenenamentos que essas conservas às vezes produzem.

Está a ver? Uma coisa perfeitamente natural; mas, é claro, que é mais um argumento contra ela! Foi para a residência e cerca da uma hora dirigiu-se à casa do guarda, onde Mary Gerrard estava a fazer arrumações com a ajuda da enfermeira da localidade, uma bisbilhoteira chamada Hopkins, e disse-lhes que tinha lá em casa umas sanduíches. Foram com ela até lá, almoçaram sanduíches, e pouco mais ou menos uma hora depois fui chamado e encontrei Mary Gerrard inconsciente. Fiz tudo o que pude mas não serviu de

nada. A autópsia revelou que tinha ingerido uma grande dose de morfina pouco tempo antes. E a polícia encontrou um pedaço de um rótulo que tinha escrito morfina hidróclorídrica, precisamente aonde Elinor Carlisle estivera a preparar as sanduíches.

- Que mais comeu ou bebeu Mary Gerrard?

- Ela e a enfermeira beberam chá com as sanduíches. A enfermeira fez o chá e Mary deitou-o nas chávenas. Não pode ter sido aí. Eu bem sei que o advogado vai fazer um discurso por causa das sanduíches, dizendo que as três as comeram e portanto é impossível garantir que só uma pessoa ficasse envenenada. Disseram isso, naquele caso Hearne lembra-se? Poirot confirmou e disse:

- Mas realmente é simples. Puseram-se as sanduíches em monte. Uma delas tem o veneno. Oferece-se o prato. no nosso actual código de civilidade está estabelecido que a pessoa a quem se oferece o prato deve tirar a sanduíche que se encontra mais perto. Parece-me que Elinor Carlisle estendeu o prato primeiro a Mary Gerrard, não foi?

- Foi.

- Embora também lá estivesse a enfermeira que era uma pessoa mais velha.

- É verdade.

- Isso não me parece muito bem.

- Mas não significa nada, na realidade. Num almoço género piquenique não se faz cerimónia.

- Quem fez as sanduíches?

- Elinor Carlisle.

- Estava mais alguém em casa?

- Mais ninguém.

Poirot abanou a cabeça.

- Isso é mau. E a rapariga não comeu mais nada senão chá e sanduíches?

- Mais nada. Assim o demonstra o conteúdo do estômago.

Poirot reflectiu.

- Conclui-se que Elinor esperava que a morte de Mary Gerrard fosse tomada como envenenamento alimentar, não é assim? Mas como tencionava ela explicar o facto de só uma pessoa ter sido atingida?

- Às vezes acontece isso - explicou Peter Lord. - E aliás havia dois boiões de conservas de peixe, ambos bastante parecidos. A ideia podia ser que um boião estava bom, e que por coincidência só Mary Gerrard tinha comido a conserva do outro que estava estragada.

- Isso dava um estudo interessante sobre as leis de probabilidade - disse Poirot. - Acho que as probabilidades matemáticas disso não acontecer eram bastantes. Mas há uma outra questão: no caso de se querer dar a impressão de um envenenamento alimentar, porquê não escolher outro veneno? Os sintomas da morfina não são nada semelhantes aos do envenenamento alimentar. A atropina teria sido preferível!

- Sim, isso é verdade. Mas há mais outra coisa. O diabo da enfermeira da localidade afirma que lhe desapareceu um tubo de morfina!

- Quando?

- Há umas semanas, na noite em que morreu a sr^a Welman. A enfermeira diz que deixou a maleta no vestíbulo e de manhã deu por falta de um tubo de morfina. Creio que é tudo impostura. Provavelmente partiu-o em casa, em qualquer altura e esqueceu-se depois.

- Ela só se lembrou disso depois da morte de Mary Gerrard?

- Para dizer a verdade, ela falou nisso logo na ocasião à enfermeira permanente.

Hercule Poirot olhava para Peter Lord com interesse, e disse amavelmente:

- Parece-me, meu amigo, que há mais qualquer coisa...

qualquer coisa que ainda não me disse.

- Pois bem, é melhor saber tudo. Ordenaram a exumação da sr^a Welman.

- E então?

- Quando o fizerem, talvez encontrem o que procuram, isto é, morfina.

- Porque diz isso?

Peter Lord, de rosto pálido sob as sardas, exclamou:

- Suspeitava.

Hercule Poirot deu uma palmada no braço da cadeira e exclamou: - Meu Deus, não compreendo! Sabia quando ela morreu que tinha sido assassinada?

- Não, com os diabos! - gritou Peter Lord. - Nunca me passou isso pela cabeça! Pensei que fosse ela que tivesse tomado.

Poirot recostou-se para trás na cadeira.

- Ah! Julgou isso...

- Claro que julguei! Ela tinha-me falado nisso. Disse-me mais de uma vez se eu não podia acabar com aquilo. Odiava a doença, a invalidez, o que ela chamava a indignidade de jazer para ali e ser tratada como um bebé. E para mais era uma pessoa muito decidida.

Ficou silencioso um momento, e depois continuou:

- Fiquei admirado com a morte dela. Não esperava. Mande a enfermeira sair do quarto e procedi a uma investigação o mais minuciosa possível. Mas, é claro, que era impossível ter a certeza sem uma autópsia. E para que servia isso? Se ela tinha abreviado a morte, por que havia eu de fazer assunto disso e criar um escândalo? Era melhor assinar a certidão e deixá-la enterrar em paz. Aliás, não podia ter a certeza. Fiz mal, parece-me. Mas nunca me passou pela cabeça que se tratasse de qualquer mistificação! Tinha absoluta certeza de que fora ela!

- Como imaginou que ela tivesse conseguido a morfina? - perguntou Poirot.

- Não fazia a mínima ideia. Mas como lhe disse, ela era uma mulher inteligente e cheia de iniciativa, com muita imaginação e extraordinariamente decidida.

- Tê-la-ia conseguido das mãos das enfermeiras?

Peter Lord abanou a cabeça negativamente.

- Isso nunca! Não sabe como as enfermeiras são!

- E de alguém de família?

- Possivelmente. Pode tê-los convencido pelo coração.

- Disse-me que a sr^a Welman morreu sem deixar testamento. Se não tivesse morrido naquela altura, teria feito testamento? Peter Lord fez um sorriso forçado.

- Está a pôr o dedo nos pontos importantes com uma precisão diabólica, não está? Sim, é verdade, estava para fazer testamento e estava até muito preocupada por causa disso. Não se percebia bem o que dizia mas conseguiu tornar claros os seus desejos. Elinor Carlisle tinha ficado de telefonar ao advogado logo de manhã.

- Então Elinor Carlisle sabia que a tia queria fazer testamento? E se a tia morresse sem o fazer Elinor herdava tudo?

Peter Lord apressou-se a dizer:

- Ela não sabia isso. Não fazia ideia nenhuma de que a tia não tinha feito testamento.

- Isso é o que ela diz, meu amigo. Podia saber.

- Olhe lá, Poirot, você é o advogado de acusação?

- Agora sou. Tenho de saber toda a extensão do processo contra ela. Elinor Carlisle podia ter tirado a morfina da maleta?

- Podia. Mas também qualquer outra pessoa podia. Roderick Welman. A enfermeira

O'Brien. Qualquer dos criados.

- Ou o dr. Lord?

Peter Lord abriu desmesuradamente os olhos e exclamou:

- Claro. . . Mas porquê?

- Piedade, talvez.

Peter Lord abanou a cabeça.

- Assim nada feito! Tem de acreditar no que lhe digo.

Hercule Poirot recostou-se para trás na cadeira.

- Admitamos uma hipótese - disse. - Suponhamos que Elinor Carlisle tirou a morfina da maleta e a administrou à tia. Falou-se nessa altura do desaparecimento da morfina?

- As pessoas da casa, não. Só as duas enfermeiras é que sabiam.

- Qual será, a seu ver, a reacção do Tribunal? - perguntou Poirot.

- No caso de encontrarem morfina no cadáver da sr^a Welman?

- Sim.

Peter Lord disse em tom sombrio:

- É possível que, se Elinor se salvar da actual acusação, a voltem a prender acusando-a de ter morto a tia.

Poirot reflectiu:

- Os motivos são diferentes; isto é, no caso da sr^a Welman o motivo teria sido o dinheiro, ao passo que no caso de Mary Gerrard supõe-se que o motivo fosse ciúmes.

- Exactamente.

- Que directriz se propõe seguir a defesa? - perguntou Poirot.

- Bulmer tenciona partir do princípio de que não havia motivo. Apresentará a teoria de que razões de família eram o motivo do noivado entre Elinor e Roderick, para agradar à sr^a Welman, e que logo que esta morreu, Elinor o rompeu de sua livre vontade. Roderick Welman testemunhará que isto é verdade. Creio mesmo que quase está convencido disso!

- Ele supõe que Elinor não se interessa muito por ele?

- Supõe.

- E nesse caso - disse Poirot - ela não teria grande razão para matar Mary Gerrard.

- Exactamente.

- Mas então quem matou Mary Gerrard?

- Pergunta bem!

- Está difícil! - exclamou Poirot.

Peter Lord disse com ardor:

- É isso precisamente! Se não foi ela, quem foi? Há o chá; mas a enfermeira Hopkins e Mary ambas o beberam. A defesa tentará insinuar que foi a própria Mary Gerrard que tomou a morfina, depois das outras duas terem saído da sala, que se suicidou, em suma.

- Tinha alguma razão para se suicidar?

- Absolutamente nenhuma.

- Tinha características de suicida?

- Não.

- Que espécie de pessoa era Mary Gerrard?

Peter Lord reflectiu:

- Bem... era, era boa rapariga. Sim, era, sem dúvida, uma boa rapariga.

Poirot suspirou.

- Roderick Welman apaixonou-se por ela, apenas por ser boa rapariga?

Peter Lord sorriu.

- Já sei aonde e que quer chegar. Sim, era bonita.

- E você? Não sentia nada por ela?

Peter Lord olhou para ele admirado.

- Eu, não!

Hercule Poirot reflectiu um momento e depois inquiriu:

- Roderick Welman diz que entre ele e Elinor Carlisle existia apenas afeição, e nada mais. Concorde com isso?

- Como hei-de eu saber, com os diabos?

- Disse-me, quando entrou nesta sala, que Elinor Carlisle tinha o mau gosto de amar um tipo com ar enfatuado e nariz Comprido. Creio que é essa a sua descrição de Roderick Welman. Portanto, segundo você, ela gosta dele.

Peter Lord disse em voz baixa e exasperada:

- Seja, gosta dele! Gosta muitíssimo!

- Então havia um motivo... - concluiu Poirot.

Peter Lord voltou-se para ele com o rosto a arder de cólera.

- Que importa isso? Pode ser que tenha sido ela, pois P^{ode}de. Não me interessa se foi.

- Oh! - Exclamou Poirot.

- Mas não quero que a enforcem, percebe ? Suponha que foi levada pelo desespero? O amor desespera e transtorna. Pode transformar um monstro numa excelente pessoa, e pode levar um homem decente e honesto às maiores baixezas! Suponha que foi ela. Não lhe faz pena?

- Nunca aprovo o crime - disse Hercule Poirot.

Peter Lord olhou para ele espantado, desviou a vista, tornou a olhar e por fim desatou a rir.

- Não tem mais nada a dizer, senão essa frase afectada? Quem lhe pede que aprove? Não lhe peço tão-pouco que diga mentiras. A verdade é a verdade. Quando descobre alguma coisa a favor de uma pessoa acusada não resolve ocultá-la por a pessoa ser culpada, pois não?

- Claro que não.

- Então por que diabo é que não faz o que lhe peço?

- Estou perfeitamente disposto a isso, meu amigo... - disse Hercule Poirot.

CAPÍTULO SEGUNDO

Peter Lord olhou para ele fixamente, tirou o lenço, limpou o rosto, e atirou-se para uma cadeira.

- Livra! - exclamou. - Estou estafado! Não havia maneira de compreender aonde é que você queria chegar!

Poirot esclareceu:

- Estava a examinar o processo contra Elinor Carlisle. Agora conheço-o. Administraram morfina a Mary Gerrard; e pelo que percebi, deve ter sido administrada nas sanduíches. Ninguém tocou nessas sanduíches senão Elinor Carlisle. Elinor Carlisle tinha um motivo para matar Mary Gerrard, e, a seu ver, era capaz de a matar, e muito provavelmente matou-a. Não vejo razão para se duvidar disto.

«Este é um aspecto da questão, meu amigo. Passemos agora à segunda hipótese. Afastemos do nosso espírito todas aquelas considerações e encaremos o assunto sob o ângulo oposto: Se Elinor Carlisle não matou Mary Gerrard, quem foi que a matou? Ou ter-se-ia suicidado?

Peter Lord endireitou-se na cadeira, franziu a testa e comentou:

- Não está a ver bem as coisas.

- Eu? Não estou a ver bem as coisas?

Poirot pareceu ofendido.

Peter Lord continuou implacável:

- Pois não. Disse que ninguém tinha tocado nas sanduíches senão Elinor Carlisle. E isso você não o sabe.

- Não estava mais ninguém em casa.

- Por o que se sabe: mas está excluindo um breve espaço de tempo. Houve um período de tempo durante o qual Elinor Carlisle saiu de casa para ir à casa do guarda. Durante esse espaço de tempo as sanduíches estiveram num prato na copa, e alguém podia ter-lhes mexido.

Poirot respirou fundo.

- Tem razão, meu amigo - concordou. - Admito isso.

Houve um espaço de tempo durante o qual alguém podia ter tido acesso ao prato das sanduíches. Devemos tentar formar uma ideia de quem poderia ser esse alguém; quer dizer, que espécie de pessoa...

Fez uma pausa.

- Pensemos em Mary Gerrard. Alguém sem ser Elinor Carlisle deseja a morte dela. Porquê? Alguém lucraria com a morte dela? Tinha dinheiro para deixar?

Peter Lord abanou a cabeça negativamente.

- Agora não. Dentro de um mês teria duas mil libras.

Elinor Carlisle ia entregar-lhe essa quantia porque supunha que a tia assim o desejara. Mas os bens da senhora ainda não foram avaliados.

Poirot concluiu:

- Então pode pôr-se de parte o objectivo dinheiro. Mary Gerrard era bonita, disse você. Isso traz sempre complicações. Ela tinha admiradores?

- Provavelmente. Não sei muito bem.

- Quem saberá?

Peter Lord sorriu contrafeito.

- É melhor pô-lo em contacto com a enfermeira Hopkins. É o jornal da terra. Sabe tudo que

se passa em Maidensford.

- Ia agora mesmo pedir-lhe que me dissesse a impressão que tem das duas enfermeiras.
- Bem, a O'Brien é irlandesa, boa enfermeira, competente, um pouco pateta, muito dada a fantasias. O tipo imaginativo, que não tem bem o desejo de enganar, mas gosta de fazer de tudo uma boa história. A Hopkins é uma mulher de meia idade, sensata, esperta, bastante amável e competente mas demasiadamente interessada pela vida alheia!
- Se houvesse qualquer coisa com um rapaz da terra, a enfermeira Hopkins saberia?
- Com certeza! - E acrescentou: - Contudo, não creio que haja nada por esse lado. Mary esteve muito tempo ausente daqui. Esteve dois anos na Alemanha.
- Tinha vinte e um anos?
- Tinha.
- Pode ter havido qualquer complicação na Alemanha.

O rosto de Peter Lord iluminou-se, e disse com vivacidade:

- Quer dizer que qualquer tipo alemão podia ter contas a ajustar com ela? Podia tê-la seguido até aqui, esperado uma ocasião e finalmente realizado o seu objectivo?
- Parece-me um pouco melodramático - disse Hercule Poirot duvidando.
- Mas é possível?
- No entanto não é muito verosímil.
- Não concordo - disse Peter Lord. - Podia algum ter-se apaixonado pela rapariga e ficar desesperado quando ela o deixou. Pode ter-se julgado vítima dela. É uma ideia.
- Sim, é uma ideia - disse Hercule Poirot, mas o seu tom não era animador.
- Continue, sr. Poirot - pediu Peter Lord.
- Já vejo que quer que eu seja prestidigitador. Que tire do chapéu vazio coelhos e mais coelhos.
- Pois seja assim, se quiser.
- Há uma outra possibilidade - disse Hercule Poirot.
- Qual?

- Alguém tirou um tubo de morfina da maleta da enfermeira Hopkins naquela noite de Junho. Suponha que Mary Gerrard viu essa pessoa?

- Dizia com certeza.
- Não, não dizia, meu amigo. Seja razoável. Se Elinor Carlisle ou Roderick Welman, ou a enfermeira O'Brien ou mesmo qualquer dos criados abrisse a maleta e tirasse um pequeno tubo de vidro, o que pensaria toda a gente? Simplesmente que a enfermeira tinha pedido a essa pessoa que fosse ali buscar qualquer coisa. Mary Gerrard não pensaria mais no caso, mas é possível que, mais tarde, se lembrasse e mencionasse casualmente à pessoa, sem a menor suspeita, é claro. Mas calcule o efeito dessa observação para a pessoa culpada da morte da sr^a Welman! Mary tinha visto: era preciso assegurar o silêncio de Mary a todo o custo! Garanto-lhe, meu amigo, que para quem já cometeu um crime não há nada mais fácil do que cometer outro!

Peter Lord disse franzindo a testa:

- Convenci-me imediatamente que fora a sr^a Welman quem tomara a droga...
- Mas se estava paralítica... inválida... se tinha acabado de ter um segundo ataque!
- Sim, eu sei. A minha ideia era que, tendo conseguido morfina de qualquer maneira, a conservava à mão.
- Mas nesse caso devia ter obtido a morfina antes do segundo ataque, e a enfermeira só deu por falta dela depois.
- A Hopkins deu por falta da morfina só naquela manhã, mas pode ter sido tirada dias antes

e ela não ter notado.

- Como é que a sr^a Welman a teria obtido?

- Não sei. Talvez subornando uma criada. Se assim foi, essa criada nunca o dirá.

- Acha que nenhuma das enfermeiras era subornável?

Lord abanou a cabeça negativamente.

- Por nada deste mundo! Primeiro são ambas muito rígidas à ética profissional; segundo teriam um medo terrível de fazer uma coisa dessas. Sabiam o perigo que corriam.

- Isso é - concordou Poirot. E acrescentou reflectindo: - Parece que voltámos ao mesmo, não é? Qual a pessoa que mais provavelmente teria tirado o tubo de morfina? Elinor Carlisle. Pode dizer-se que queria ficar certa de herdar uma grande fortuna. Pode ser-se mais condescendente e dizer-se que foi movida pela piedade, que tirou a morfina e a administrou à tia indo ao encontro do desejo tantas vezes manifestado por esta; mas tirou-a... e Mary Gerrard viu-a fazer isso. E assim voltamos às sanduíches, à casa vazia e lá temos Elinor Carlisle outra vez, desta vez com um motivo diferente: salvar a pele.

- Isso é fantástico - exclamou Peter Lord. - Devo dizer-lhe que ela não é pessoa para fazer isso! O dinheiro não significa verdadeiramente nada para ela, nem também para Roderick Welman, estou pronto a acreditar. Ouvi-os a ambos dizer isso! - Ouviu? Isso é muito interessante. A afirmação é daquelas que eu considero muito suspeita.

- Com os diabos, Poirot, você há-de sempre dar volta às coisas de modo a reverter tudo contra a rapariga.

- Não sou eu que lhes dou volta: elas próprias é que se voltam, é como uma agulha magnética. Gira, e quando pára, aponta sempre o mesmo nome: Elinor Carlisle.

- Não é bem assim! - exclamou Peter Lord.

Hercule Poirot abanou a cabeça tristemente, e depois perguntou:

- tal Elinor Carlisle tem parentes? Irmãs, primos ? Pai ou mãe?

- Não. É órfã... vive muito só...

- Que patético! Creio que Bulmer fará fogo com isso! Quem herda então o dinheiro se ela morrer?

- Não sei. Nunca pensei nisso.

Poirot censurou:

- Deve-se sempre pensar muitas coisas. Ela fez, por acaso, testamento?

Peter Lord corou e disse hesitante:

- Não... não sei.

Hercule Poirot olhou para o tecto, apoiou as mãos uma na outra, unindo as pontas dos dedos, e observou:

- Era melhor dizer-me.

- Dizer-lhe o quê?

- Aquilo em que está a pensar... mesmo que seja prejudicial a Elinor Carlisle.

- Como sabe que... ?

- Sei, sei. Há no seu espírito qualquer coisa... qualquer incidente! Era melhor dizer-me, se não julgo a coisa pior do que é!

- A bem dizer, não é nada...

- Veremos se eu concordo que não é nada. Mas diga-me o que é.

Lentamente e contra vontade, Peter Lord deixou que lhe extorquissem a história do episódio de Elinor rindo-se ao ver Mary Gerrard a fazer testamento em casa da enfermeira Hopkins.

Poirot comentou pensativo:

- Ela disse isso, «com que então está a fazer testamento, Mary? Essa tem graça, tem muita graça.» E você viu perfeitamente em que é que ela estava a pensar... Talvez ela tivesse pensado que Mary não teria muito tempo de vida...
- Foi imaginação minha. Não sei.
- Não, não foi apenas imaginação. . - disse Poirot.

CAPÍTULO TERCEIRO

Hercule Poirot estava sentado em casa da enfermeira Hopkins.

O dr. Lord trouxera-o ali, apresentara-o e, a um sinal de Poirot, deixara-os sozinhos.

Tendo, a princípio, observado com desconfiança o seu aspecto estranciro, a enfermeira Hopkins foi-se a pouco e pouco sentindo mais à vontade e disse com um gozo lúgubre:

- Sim, foi uma coisa terrível. Uma das coisas mais terríveis que tenho visto. Mary era uma rapariga extraordinariamente bonita. Podia ser actriz de cinema, se quisesse! E além disso era simpática, ajuizada, e nada presumida, como podia ser, dadas as atenções que lhe dispensavam.

Poirot fez uma pergunta a propósito:

- Refere-se às atenções que lhe dispensava a sr^a Welman?

- Isso mesmo. A boa senhora tinha uma grande estima por ela, uma enorme estima realmente.

- É talvez de admirar, não? - exclamou Poirot.

- Depende. Também pode ser natural. Quer dizer... - a enfermeira Hopkins mordeu o lábio e pareceu atrapalhada. - o que eu quero dizer é que Mary era muito boa para ela; a sua voz suave e maneiras agradáveis faziam-lhe bem. E na minha opinião, faz sempre bem a uma pessoa de idade ter um rosto jovem ao pé.

Hercule Poirot perguntou:

- Miss Carlisle veio visitar a tia ocasionalmente, não foi?

- Miss Carlisle vinha quando podia - respondeu vivamente a enfermeira Hopkins.

- A senhora não gosta de Miss Catlisle.

- Não é de esperar que goste de uma criminosa que envenena a sangue-frio! - exclamou ela.

- Ah, já vejo que para si o caso não oferece dúvidas.

- Que quer dizer com isso de não oferecer dúvidas? - perguntou a enfermeira Hopkins com certo ar de suspeita.

- Tem a certeza absoluta de que foi ela quem administrou a morfina a Mary Gerrard?

- Que outra pessoa podia ter sido gostava eu de saber. Não está a insinuar que fui eu?

- Longe de mim tal ideia. Mas lembre-se de que a culpa dela ainda não está provada.

- Foi ela com certeza - afirmou a enfermeira Hopkins com uma segurança calma. - Aliás via-se-lhe na cara, sempre muito estranha. E levou-me ao primeiro andar e reteve-me lá, demorando o mais possível. E depois quando me voltei para ela ao encontrar Mary naquele estado, lia-se-lhe no rosto claramente. Ela sabia que eu sabia!

- É, evidentemente, difícil ver que outra pessoa possa ter sido. A menos, é claro, que fosse ela própria.

- Que quer dizer com isso de ser ela própria? Quer dizer que Mary se suicidou? Nunca ouvi tamanho disparate!

- Nunca se sabe - disse Hercule Poirot. - O coração de uma rapariga é muito sensível, muito frágil. - Fez uma pausa. - Creio que era possível. Poderia ter deitado qualquer coisa no chá dela sem que a senhora notasse?

- Deitado na chávena dela, é isso que quer dizer?

- Sim. Não estava constantemente a observá-la.

- Pois não, não estava a observá-la. Sim, creio que podia ter feito isso... Mas é um perfeito disparate! Por que havia ela de fazer uma coisa dessas?

- Enfim, o coração de uma rapariga... é muito sensível. Talvez um caso sentimental infeliz...

- sugeriu Hercule Poirot retomando a atitude anterior.

A enfermeira Hopkins fungou.

- As raparigas não se matam por questões sentimentais, a não ser que estejam à espera de um filho, e esse não era o caso de Mary deixe-me dizer-lhe!

Lançou-lhe um olhar brilhante e feroz.

- Não estava apaixonada?

- Não. Estava livre disso. Interessava-se pelo seu trabalho e gozava a vida.

- Mas se era uma rapariga tão atraente devia ter admiradores.

- Não era dessas raparigas com muito «sex-appeal». Era uma rapariga sossegada!

- Mas havia com certeza na terra rapazes que a admiravam.

- Pois havia, havia Ted Bigland - disse a enfermeira Hopkins.

Poirot obteve várias informações a respeito de Ted Bigland.

- Andava muito apaixonado por Mary - disse a enfermeira Hopkins. - Mas, como tantas vezes lhe disse a ele, não estava à altura dela.

- Deve ter ficado furioso quando ela lhe disse que não se interessava por ele, não ficou?

- Ficou aborrecido, pois ficou - admitiu ela. - Pensou que a culpa era minha.

- Pensou que a culpa era sua?

- Foi o que ele disse. Mas eu tinha todo o direito de aconselhar a rapariga. Porque enfim conheço a vida e achava que ela era mal empregada.

- E que é que a levava a ter tanto interesse por Mary? - perguntou Poirot suavemente.

- Bem, nem sei... - Ela hesitou. Pareceu ficar tímida e um pouco envergonhada. - Bem, Mary tinha em si qualquer coisa... de romântico.

- Na sua pessoa, mas não na sua vida. Era filha do guarda, não era?

- Pois era. Pelo menos...

Ela hesitou, olhou para Poirot que a contemplava numa atitude muito simpática.

- Na realidade - disse a enfermeira Hopkins num impulso de confiança - não era nada filha do velho Gerrard. Disse-mo ele. O pai dela era nobre.

- Ah, sim... E a mãe?

A enfermeira Hopkins hesitou, mordeu o lábio, e depois continuou:

- A mãe dela foi criada de quarto da sr^a Welman. Casou-se com Gerrard, depois de Mary ter nascido.

- É como disse um verdadeiro romance... um romance de mistério.

O rosto da enfermeira Hopkins iluminou-se.

- É, não é? E não podemos deixar de nos interessar pelas pessoas quando sabemos a respeito delas coisas que mais ninguém sabe. Por um mero acaso vim a descobrir muita coisa. Para falar com franqueza foi a enfermeira O'Brien quem me pôs na pista; mas isso é outra história. E, como o senhor diz, é interessante conhecer histórias de outros tempos. Há muitas tragédias que passam despercebidas. A vida é assim.

Poirot suspirou e acenou com a cabeça em sinal de aprovação.

A enfermeira Hopkins disse, subitamente alarmada:

- Mas eu não devia ter-me posto para aqui a falar.

Não gostava que se soubesse nem uma palavra de tudo isto! Aliás não tem nada a ver com o caso. Para toda a gente, Mary era filha de Gerrard e nem sequer se deve insinuar qualquer outra coisa. Seria colocá-la mal aos olhos de todos depois de morta! A mãe casou e é o bastante.

- Mas a senhora sabe por acaso quem era o pai dela? - perguntou Poirot.

- Bem, sei e não sei. Isto é, saber propriamente, não sei nada. Posso pôr uma hipótese.

Histórias e pecados velhos, como se costuma dizer! Mas eu não sou pessoa para falar da vida alheia e não digo nem mais uma palavra!

Poirot criteriosamente afastou-se da questão e abordou outro assunto.

- Há ainda outra coisa, um assunto delicado. Mas tenho a certeza de que posso confiar na sua discrição.

A enfermeira Hopkins levantou a cabeça orgulhosamente.

Um sorriso aberto apareceu no seu rosto grosseiro.

Poirot continuou:

- Refiro-me ao sr. Roderick Welman. Pelo que ouvi dizer ele sentia certa atracção por Mary Gerrard.

- Estava absolutamente louco por ela! - disse a enfermeira Hopkins.

- Embora nessa altura estivesse noivo de Miss Carlisle.

- Se quer que lhe diga, ele não era muito terno para Miss Carlisle. Não era o que se pode chamar terno para com ela.

Poirot perguntou, usando uma frase fora de moda:

- E Mary Gerrard dava-lhe esperanças?

- Portava-se muito bem. Ninguém podia dizer que o provocava!

- E gostava dele? - perguntou Poirot.

- Não, não gostava.

- Mas simpatizava com ele?

- Nem muito nem pouco.

- Talvez com o tempo pudesse sair dali alguma coisa, não?

A enfermeira Hopkins admitiu isso.

- Talvez. Mas com Mary nada se faria de repente. Ela disse-lhe, aqui, que ele não devia dirigir-se a ela naqueles termos estando noivo de Miss Carlisle. E quando ele a foi procurar em Londres, disse-lhe o mesmo.

- E pessoalmente que pensa de Roderick Welman? - perguntou Poirot com um ar de cativante simplicidade.

- É um rapaz bastante simpático, embora nervoso. Tem aspecto de vir a sofrer de dispepsia, daqui a uns anos. Acontece muitas vezes isso às pessoas assim nervosas.

- Gostava muito da tia?

- Creio que sim.

- Ele esteve muito ao pé dela quando ela já estava bastante doente?

- Quer dizer quando ela teve o segundo ataque? Na noite anterior à morte dela, quando chegaram? Não creio que tivesse ido sequer ao quarto.

- Parece impossível.

A enfermeira Hopkins apressou-se a dizer:

- Ela não perguntou por ele. E, é claro, não se fazia ideia nenhuma de que o fim estivesse tão próximo. Há muitos homens assim, como sabe: evitam o mais possível aproximar-se de pessoas que sofrem. É superior a eles. E não se trata de cobardia. É apenas porque não se querem sensibilizar.

Poirot fez com a cabeça um sinal de compreensão.

- Tem a certeza de que o sr. Welman não foi ao quarto da tia antes dela morrer? - perguntou.

- Bem, pelo menos enquanto eu estive de serviço, não foi! A enfermeira O'Brien substituiu-me às três horas da manhã, e pode tê-lo ido chamar antes dela morrer; mas se assim foi, não mo disse.

- Poderia ter entrado no quarto quando a senhora estava ausente! - lembrou Poirot.
- Nunca abandono os meus doentes, sr. Poirot - disse imediatamente a enfermeira Hopkins.
- Peço-lhe mil desculpas. Não queria dizer isso. Pensei que precisasse de ir ferver água, ou de ir lá abaixo buscar qualquer medicamento necessário.

Apaziguada, a enfermeira Hopkins explicou:

- Fui lá abaixo encher novamente as botijas. Sabia que costumava haver uma cafeteira de água a ferver na cozinha.
- Esteve ausente muito tempo?
- Talvez cinco minutos.
- Ah, sim, então o sr. Welman pode ter ido vê-la justamente nesse espaço de tempo?
- Se o fez, foi muito rapidamente.

Poirot suspirou.

- Como a senhora acabou de dizer, os homens fogem das pessoas que sofrem. São as mulheres os anjos que velam. Que seria de nós sem elas? Especialmente as mulheres com a sua profissão. É uma vocação verdadeiramente nobre.
- É muito amável em dizer isso - agradeceu a enfermeira Hopkins ligeiramente corada. - Nunca encarei o caso por esse lado. Na vida de uma enfermeira há demasiado trabalho para se pensar no lado nobre da profissão.
- E não sabe dizer-me mais nada a respeito de Mary Gerrard? - perguntou Poirot.

Houve uma pausa apreciável antes que a enfermeira Hopkins respondesse:

- Não sei mais nada.
- Tem a certeza?

A enfermeira Hopkins disse um tanto fora de propósito:

- O senhor note que eu gostava de Mary.
- E não tem mais nada a dizer-me?
- Não, não tenho! Evidentemente que não tenho.

CAPÍTULO QUARTO

Na respeitável e majestosa presença da sr^a Bishop, vestida de preto, Hercule Poirot, sentado, parecia humildemente insignificante.

Quebrar a frieza da sr^a Bishop não era coisa fácil, porque a sr^a Bishop, pessoa de opiniões e hábitos conservadores, opunha uma forte resistência a estrangeiros. E Hercule Poirot era, sem a menor dúvida, um estrangeiro. As respostas dela eram glaciais e olhava-o com má vontade e desconfiança.

A apresentação do dr. Lord fizera pouco para aplanar a situação.

- Acho - disse a sr^a Bishop quando o dr. Lord se foi embora - que o dr. Lord é um médico muito inteligente e bem intencionado. O dr. Ransome, predecessor dele esteve cá muitos anos! Queria dizer: Podia-se ter confiança que o dr. Ransome procederá de uma maneira adequada àquela terra. Ao passo que o dr. Lord, um simples rapazote irresponsável, um novato que tomara o lugar do dr. Ransome, só tinha uma coisa a recordá-lo: «inteligência» na sua profissão. E a inteligência - toda a atitude da sr^a Bishop parecia indicá-lo - não era suficiente!

Hercule Poirot foi insinuante, hábil, mas por mais sabiamente que tentasse cativá-la, a sr^a Bishop permanecia distante e solene.

- A morte da sr^a Welman fora uma pena. Tinha sido uma pessoa muito respeitada por aqueles sítios. A prisão de Miss Carlisle era "uma pouca vergonha!" e considerada como resultado "dos novos métodos policiais". As opiniões da sr^a Bishop - sobre a morte de Mary Gerrard eram extremamente vagas: «Nisto venho bem a certeza» era tudo o que respondia. Hercule Poirot fez uma última tentativa. Narrou com ingénuo orgulho uma visita recente a Sandringham. Falou com admiração da gentileza, da encantadora simplicidade e bondade de finas majestades.

A sr^a Bishop que seguia diariamente, pela gazeta da corte, os movimentos exactos da Casa Real ficou conquistada.

Enfim, se eles tinham chamado o sr. Poirot... então era outra coisa. Estrangeiro ou não, quem era ela, Ema Bishop, para resistir, quando a Realeza tinha aberto as portas? Imediatamente, ela e o sr. Poirot, se embrenharam numa conversa agradável sobre um assunto realmente interessante - nada mais que a selecção de um futuro marido adequado para a princesa herdeira.

Tende por fim posto de parte todos os possíveis candidatos por não os acharem com as qualidades necessárias, a conversa derivou para assuntos mais mezinhos.

Poirot observou sentenciosamente:

- Infelizmente o casamento acarreta perigos e armadilhas!

- Sim, realmente, com este malvado divórcio - disse a sr^a Bishop como se estivesse a referir-se a uma doença contagiosa, às bexigas por exemplo.

-Era de esperar - perguntou Poirot - que a sr^a Welman, antes de morrer estivesse ansiosa por ver a sobrinha casada?

A Sr^a Bishop baixou a cabeça.

- Sim, isso era. O noivado de Miss Carlisle e do sr. Roderick Welman deu-lhe um grande descanso. Era uma coisa em que ela sempre depositara esperanças.

Poirot alvitrou:

- Talvez o noivado tivesse sido arranjado em parte pelo desejo de lhe agradar.

- Isso não, não digo isso, sr. Poirot. Miss Carlisle teve sempre muita estima pelo sr. Roddy -

sempre desde pequenina - era um encanto vê-la. Miss Elinor possui uma índole leal e dedicada!

- E ele? - perguntou Poirot.

- O sr. Roderick estima Miss Carlisle - disse a sr^a Bishop com austeridade.

- No entanto romperam o noivado...

A cor subiu ao rosto da sr^a Bishop que exclamou:

- Devido às maquinações de uma viborazinha, sr. Poirot.

Poirot pareceu devidamente impressionado.

- Realmente?

A sr^a Bishop explicou, tornando-se vermelha ainda:

- Em Inglaterra, há o costume de observar um certo respeito quando se fala dos mortos.

Mas aquela rapariga tinha muita manha.

Poirot olhou para ela um momento reflectindo, depois disse com visível naturalidade:

- Admira-me o que diz. Tinham-me dado a entender que ela era uma rapariga muito simples e modesta.

O queixo da sr^a Bishop tremeu um pouco.

- Era manhosa, sr. Poirot. Enganava as pessoas. A enfermeira Hopkins, por exemplo! E a minha pobre patroa também!

Poirot abanou a cabeça com simpatia e fez com a língua um ruído de reprovação.

- Pois é verdade - disse a sr^a Bishop, estimulada por aqueles sons. - A pobrezinha estava a finar-se e aquela rapariga conseguiu captar-lhe a confiança. Sabia procurar as suas conveniências. Sempre de roda dela, lendo-lhe, trazendo-lhe ramos de flores. Era Mary para aqui, Mary para ali, e «Onde está Mary?» a toda a hora. E o dinheiro que gastou com a rapariga. Escolas caras e viagens de estudo ao estrangeiro, uma rapariga que era filha do velho Gerrard! Este não gostava daquilo, posso dizer-lho! Costumava lamentar os seus modos de menina fina. Não merecia a educação que tinha. Tinha uma educação boa de mais para uma rapariga da sua classe.

Desta vez Poirot abanou a cabeça e disse em tom lamentoso:

- Sempre há coisas !

- E depois as manifestações que fazia ao sr. Roderick! Ele era demasiado simples para ver o que havia por trás daquela atitude. E uma pessoa com um espírito tão delicado como Miss Carlisle, é claro que não percebia o que se passava. Mas os homens são todos iguais: entusiasmam-se facilmente quando lhes aparece uma cara bonita que os adule!

Poirot suspirou.

- Ela tinha admiradores da mesma condição social, não? - perguntou ele.

- Pois tinha. Havia Ted, o filho de Rufus Bigland, o melhor rapaz que se pode imaginar. Mas, é claro que sua excelência não o achava digno dela! Eu não tinha paciência para aqueles seus ares!

- Ele não andava zangado por causa da maneira como ela o tratava?

- Andava. Acusava-a de deitar as vistas para o sr. Roderick. Sei que isso era um facto. Não critico o rapaz por ficar zangado!

- Nem eu - disse Poirot. - A senhora desperta-me muito interesse. Há pessoas que têm o dom de descrever um carácter clara e nitidamente em poucas palavras. É um grande dom. Tenho finalmente um retrato claro de Mary Gerrard.

- Eu não disse nada contra a rapariga, note bem! - exclamou a sr^a Bishop. - Não faria uma coisa dessas, tendo ela morrido. Mas não há dúvida que causou muitos aborrecimentos!

- Nem sei o que viria a suceder - disse Poirot.

- Nem eu! Posso garantir-lhe, sr. Poirot, que se a minha querida patroa não tivesse morrido quando morreu e embora o choque naquela altura tivesse sido muito grande vejo agora que foi uma verdadeira benção, não sei que poderia suceder!

- Que lhe parece? - perguntou Poirot convidativamente.

A sr^a Bishop disse com solenidade:

- Tenho assistido a coisas destas de vez em quando. A minha irmã estava a servir numa casa em que aconteceu uma coisa assim: o velho coronel Randolph, quando morreu, não deixou nem um centavo à pobre da esposa para deixar tudo a uma atrevida que vivia em Eastbourne e a qual se tornou sr^a Dacres e por sua vez deixou tudo ao organista da igreja, um desses rapazes novos de cabelo comprido, tendo ela filhas e filhos casados.

- Suponho que quer dizer que a sr^a Welman podia ter deixado todo o seu dinheiro a Mary Gerrard.

- Não me admirava nada! Era isso que a rapariga andava a preparar, não tenha dúvidas. E digo mesmo que a sr^a Welman estava pronta a prescindir de mim, embora eu estivesse lá em casa há quase vinte anos. Há muita ingratidão neste mundo, sr. Poirot. Tentamos cumprir o nosso dever e ninguém nos dá valor.

- Infelizmente, isso é verdade! - suspirou Poirot.

- Mas a maldade nem sempre vence - disse a sr^a Bishop.

- Pois não. Mary Gerrard morreu. . .

- Agora que foi chamada a dar contas a Deus, não devemos julgá-la - sentenciou a sr^a Bishop.

- As circunstâncias da morte dela parecem bastante inesplicáveis - disse Poirot com ar intrigado.

- Esta polícia e os seus processos modernos! - criticou a sr^a Bishop. - Então é lá possível que uma menina bem formada, com uma educação excelente como Miss Carlisle andasse para aí a envenenar pessoas? Querem meter-me nisso, também, dizendo que ela afirmara que a sua atitude era estranha!

- Mas, não era estranha?

- E por que não havia de ser? - O busto da sr^a Bishop alterou-se sob o vestido negro como azeviche. - Miss Carlisle é uma menina com sentimentos. Estava a dar volta as coisas da tia o que era uma coisa dolorosa.

Poirot fez um sinal de compreensão.

- Teria sido muito mais fácil para ela se a sr^a a tivesse acompanhado.

- Eu quis, mas ela recusou bastante secamente. Bem, Miss Carlisle sempre foi uma pessoa muito orgulhosa e reservada. No entanto, antes tivesse ido com ela!

- Não pensou ir lá ter depois? - inquiriu Poirot.

A sr^a Bishop ergueu a cabeça majestosamente.

- Eu não me meto onde não sou chamada, sr. Poirot.

Poirot pareceu embaraçado.

- Além disso talvez a senhora tivesse assuntos importantes a tratar nessa manhã?

- Estava um dia de muito calor, lembro-me. Muito abafado - suspirou. - Fui a pé até ao cemitério pôr umas flores na campa da sr^a Welman, um preito de saudade, e tive de ficar lá a descansar bastante tempo. Estava estafada com o calor. Cheguei a casa tarde para o almoço, e a minha irmã ficou muito preocupada, quando viu o estado de esgotamento em que eu estava, e disse que eu nunca devia ter ido fazer aquilo num dia assim.

Poirot olhou para ela com admiração.

- Invejo-a sr^a Bishop - disse. - É realmente agradável não termos nada de tue nos arrepender

quando alguém morre. Clculo que n sr. Rodderick Welman se deve ter arrependido de não ter ido ver a tia naquela noite, embora evidentemente ele não pudesse adivinhar que ela ía falecer tão cedo.

- Está enganado, Sr. Poirot. Posso garantir-lhe um facto. O Sl. Roderick foi ao quarto da tia. Eu estava justamente no patamar, quando ouvi a enfermeira descer, e pensei que talvez fosse melhor ir verificar se a senhora precisava de alguma coisa, porque sabe o que são as enfermeiras: demoram-se sempre a tagarelar com as criadas ou então estão sempre a maçá-las com as coisas que pedem. Não que a enfermeira Hopkins fosse tão má como a irlandessa estava sempre a dar à língua e a levantar queixas, mas, como ia dizendo, pensei ir ver se estava tudo bem, e foi então que vi o sr. Roderick entrar devagar para o quarto da tia. Não sei se ela o conheceu ou não; mas fosse como fosse. assim, ele não teve nada de que se arrepender!

- Ainda bem. Ele é um pouco nervoso - disse Poirot.

- Um pouco esquisito. Sempre foi.

- A senhora é realmente uma pessoa dotada de grande discernimento - disse Poirot. - Tenho muita consideração pela sua opinião. Qual lhe parece ser a verdade sobre a morte de Mary Gcrrard?

A srª Bishop fungou.

- Muito simples. A porcaria daqueles boiões de conserva da mercearia do Abbot. Tem-nos lá nas prateleiras meses e meses! Um primo meu já esteve à morte por causa de caranguejo de conserva!

Poirot objectou:

- Mas então e morfina que encontraram no cadáver?

A srª Bishop disse com ar importante:

- Eu não percebo nada disso de morfina! Mas sei como são os médicos: se lhes disserem que procurem uma coisa, encontram-na logo! Conserva de peixe estragada não lhes basta!

- Não acha possível ela ter-se suicidado ? - perguntou Poirot.

- Ela? - fungou a srª! Bishop - Não, olha quem! Andava a preparar-se para casar com o sr. Roderick Welman, ia agora suicidar-se!

Capítulo Quinto

Como era domingo, Hercule Poirot encontrou Ted Bigland na fazenda do pai.

Não foi difícil fazer falar Ted Bigland. Pareceu bendizer a oportunidade que tinha de desabafar.

- Com que então está a tentar descobrir quem matou Mary? - disse Ted pensativo. - É um grande mistério, esse.

- Não acredita então que foi Miss Carlisle quem a matou?

Ted Bigland franziu a testa numa expressão intrigada quase infantil e disse pausadamente:

- Miss Carlisle é uma pessoa com moral. É uma pessoa que... enfim, não conseguimos imaginá-la a fazer uma coisa daquelas, uma coisa violenta, não sei se me entende? E também não é nada provável que uma pessoa tão bondosa como ela fosse fazer aquilo, pois não?

Hercule Poirot abanou a cabeça numa atitude pensativa.

- Não, não é provável... Mas quando se trata de ciúmes...

Fez uma pausa, observando o belo gigante louro que tinha na sua frente.

Ted Bigland admirou-se:

- Ciúmes? Sim, bem sei como as coisas acontecem; mas é geralmente o vinho ou a discussão que fazem uma pessoa perder a cabeça e sentir vontade de matar. Miss Carlisle... uma menina tão boa e calma...

- Mas Mary Gerrard morreu... e não morreu de morte natural. Tem alguma ideia... tem alguma coisa a dizer-me que me possa ajudar a descobrir quem matou Mary Gerrard?

O outro abanou a cabeça devagar e respondeu:

- Parece mentira. Parece impossível, não sei se me percebe, que alguém tenha morto Mary. Ela parecia... parecia uma flor.

E de repente, durante um lúcido minuto Hercule Poirot teve uma nova ideia da morta... naquela voz rústica e hesitante a jovem Mary renascia e voltava a florescer: «Parecia uma flor.» Houve, subitamente, uma pungente sensação de perda, de destruição de qualquer coisa delicada...

No seu espírito sucediam-se as diversas opiniões. A de Peter Lord: «era boa rapariga.» a da enfermeira Hopkins: «Podia ser actriz de cinema, se quisesse.» A verrinosa opinião da sr^a Bishop: «Não tinha paciência para aqueles ares dela.» E agora, finalmente, anulando essas opiniões, as suaves palavras de admiração: «Parecia uma flor.» Hercule Poirot disse, abrindo as mãos num largo gesto de apelo:

- Mas então...?

Os olhos de Ted Bigland conservavam a expressão parada e brilhante de um animal que sofre.

- Eu sei - disse ele. - Sei que o que diz é verdade. Ela não morreu de morte natural. Mas já tenho pensado se...

Fez uma pausa.

- O quê ? - inquiriu Poirot.

- Tenho pensado se não teria sido um acidente?

- Um acidente? Mas que espécie de acidente?

- Eu sei que parece um disparate, mas tenho pensado e parece-me que deve ter sido isso. Uma coisa que não se queria que acontecesse ou qualquer engano. Enfim, preeisamente, um acidente!

Lançou a Poirot um olhar suplicante, atrapalhado com a sua falta de eloquência.

Poirot ficou um momento em silêncio. Parecia reflectir e disse por fim:

- É interessante pensar isso.

Ted Bilgland disse modestamente:

- Creio que lhe parece um disparate. Mas eu por mim não consigo perceber as razões deste crime, e o que lhe disse é uma impressão que tenho.

- As impressões são, às vezes guias importantes... Peço-lhe desculpa se me refiro a coisas dolorosas, mas diga-me: gostava muito de Mary Gerrard, não gostava?

Um rubor intenso afoqueou o rosto queimado de Ted, que respondeu simplesmente:

- Toda a gente destes sítios sabe isso. Creio eu.

- Queria casar com ela?

- Queria.

- Mas ela não estava de acordo?

O rosto de Ted ensombrou-se um pouco. Disse com uma ponta de cólera reprimida:

- As pessoas são bem intencionadas, mas não deviam estabelecer confusões na cabeça de outros nem dificultar-lhes a vida e com sua interferência. Todos aqueles estudos e viagens ao estrangeiro transformaram Mary. Não quero dizer que a arastassem, ou que ela ficasse vaidosa, nada disso. Mas...

Dislumbraram-na! Deixou de receber o que queria. Enfim - diga-se embora seja cruel - eu não a merecia; mas também por seu lado ela não estava à altura de um homem como o sr. Welman.

- Não gosta do sr. Welman? - perguntou Hercule Poirot observando-o.

- Por que diabo não havia de gostar? O sr. Welman é boa pessoa. Não tenho nada a dizer dele. Não é bem o que eu

lhe chamo um homem. podia agarrar nele e fazê-lo em dois. Creio que é inteligente... mas isso não serve de muito se, por exemplo, o nosso carro tem uma avaria.. . pode-se saber o princípio que faz andar um carro o que não impede que se fique atrapalhado como uma criança quando é preciso mudar uma roda.

- É verdade que trabalha numa garagem? - Perguntou Poirot.

Ted Bigland fez um sinal afirmativo.

- Na Henderson ao fundo da rua.

- Estava lá na manhã em que o caso se deu?

- Estava a experimentar o carro de um cliente. Tinha um barulho qualquer e não consegui saber onde. Andei a dar uma volta com e;e. Parece estranho pensar nisto agora. Estava um dia maravilhoso, com os caminhos ainda cheios de madressilva... Mary gostava de madressilva. Costumávamos ir apanhá-la juntos antes de ela ir para o estrangeiro...

De novo apareceu no rosto dele a expressão intrigada e infantil.

Hercule Poirot ficou calado.

Com um movimento repentino Ted Bigland saiu do seu torpor e continuou:

- Desculpe, esqueça o que eu disse a respeito do sr. Welman. Aborrecia-me que ele andasse de volta da Mary. Devia tê-la deixado em paz. Ela não era pessoa para ele, realmente não era.

- Acha que ela gostava dele? - inquiriu Poirot.

Ted Bigland franziu de novo a testa.

- Acho que não. Mas pode ser que gostasse, não sei.

- Havia mais algum homem na vida de Mary? Alguém que ela tivesse conhecido estrangeiro, por exemplo?

- Não sei dizer. Nunca se referiu a ninguém.

- Tinha inimigos aqui em Maidensford?

- Quer dizer alguém que tivesse razão de queixa contra

ela? - Abanou a cabeça negativamente. - Ninguém a conhecia bem, mas todos gostavam dela.

- A sr^a Bishop, a governanta de Hunterbury gostava dela? - perguntou Poirot.

Com um sorriso forçado Ted respondeu:

- Bem, essa era só despeito! Não gostava que a sr^a Welman estimasse tanto Mary.

- Mary Gerrard era feliz aqui? Gostava ela sr^a Welman?

- Teria sido bastante feliz, creio eu, se a enfermeira a deixasse em paz. Refiro-me à enfermeira Hopkins. Meteu-lhe na cabeça ideias de ir ganhar a vida e aprender massagens.

- Mas ela gostava de Mary, não gostava?

- Sim, gostava bastante dela, mas é do género de pessoas que sabem sempre o que é melhor para os outros!

- Supondo que a enfermeira Hopkins soubesse qualquer coisa... qualquer coisa que, digamos, traria um certo descrédito a Mary... acha que não diria nada?

Ted Bigland olhou para ele intrigado:

- Não percebo bem o que quer dizer.

- Acha que se a enfermeira Hopkins soubesse qualquer coisa contra Mary se calaria?
- Duvido que essa mulher fosse capaz de se calar! - disse Ted Bigland. - É a pessoa mais bisbilhoteira cá da terra. Mas se fosse capaz de se calar a respeito de alguém, seria a respeito de Mary. - E acrescentou vencido pela curiosidade: - Gostava de saber por que pergunta isso.

Hercule Poirot explicou:

- Quando se fala com alguém fica-se com uma impressão. Ora a enfermeira Hopkins foi perfeitamente franca e sincera, mas tive a impressão - uma forte impressão - de que ela escondia qualquer coisa. Pode não ser uma coisa importante. Pode não ter relação com o crime. Mas há qualquer coisa que ela sabe e não disse. Tive também a impressão de que o que quer que seja é com certeza em desabono do carácter de Mary Gerrard...

Ted Bigland pareceu desanimado.

Hercule Poirot suspirou:

- Enfim. Com o tempo virei saber.

CAPÍTULO SEXTO

Poirot contemplava com interesse o rosto comprido e sensível de Roderick Welman.

Os nervos de Roderick estavam num estado lastimoso.

Torcia as mãos, tinha os olhos raiados de sangue, e a voz era rouca e irritada.

- Evidentemente que conheço o seu nome, sr. Poirot - disse olhando para o cartão. - Mas não percebo o que é que o dr. Lord acha que o senhor pode fazer neste caso! E, aliás, que tem ele com isto? Matou a minha tia mas, de resto, é absolutamente um estranho. Elinor e eu nem sequer o conhecíamos. Só o conhecemos quando lá fomos em Junho. A Seddon é que compete tratar de tudo.

- Teoricamente é como diz - replicou Poirot Roderick continuou com ar infeliz - Não é que Seddon me inspire muita confiança. Acho-o lúgubre.

- Os advogados são assim.

- Todavia - disse Roderick animando-se um pouco - encarregámos Bulmer. Parece que está em voga e tem muita fama, não tem?

- Tem fama de defender causas perdidas.

Roddy pareceu chocado.

- Espero que não lhe desagrade que eu tente ajudar Miss Carlisle ?

- Claro que não. Mas...

- Mas que posso eu fazer? Era isso que ia perguntar?

Um rápido sorriso perpassou no rosto preocupado de Roddy - um sorriso tão agradável que Hercule Poirot compreendeu o subtil encanto daquele homem.

Roddy disse desculpando-se:

- isso dito assim parece-me um pouco indelicado. Mas realmente é isso. Não farei rodeios. Que pode o senhor fazer, Poirot?

- Vou procurar a verdade - disse Poirot.

- Pois sim.

Roddy pareceu duvidar.

- É possível que descubra factos que sejam favoráveis à acusada.

Roddy suspirou.

- Se isso fosse possível!

- Estou sinceramente desejoso de ser útil - prosseguiu Hercule Poirot. - Quer ajudar-me, dizendo-me exactamente o que pensa disto tudo?

Roddy levantou-se e começou a passear no quarto agitadoamente.

- Que quer que lhe diga? É tudo tão absurdo, tão fantástico! Desconcerta-me só a simples ideia de Elinor - a Elinor que eu conheço desde criança - fazer uma coisa tão melodramática como esta de envenenar uma pessoa. É completamente ridículo! Mas como explicar isto no tribunal?

- Acha completamente impossível que Miss Carlisle tenha cometido o crime?

- Completamente! Nem se pergunta! Elinor é uma pessoa estranha, mas perfeitamente ponderada e equilibrada; não tem uma índole violenta. É intelectual, sensível e completamente incapaz de paixões selvagens. Mas ponha doze patetas enfatuados a formar um júri, e Deus sabe o que lhes podem fazer acreditar! Aliás sejamos razoáveis; não estão ali para apreciar um carácter, estão ali para avaliarem a culpa. Factos, factos, e mais factos! E os factos são terríveis! Hercule Poirot abanou a cabeça, pensativo e disse:

- O senhor é uma pessoa com sensibilidade e inteligência, sr. Welman. Os factos condenam

Miss Carlisle. Mas a sua impressão é a de que ela está inocente. Que terá acontecido então? Que é que pode ter acontecido?

Roddy abriu os braços em sinal de desespero.

- Isso é que é o diabo! Creio que não pode ter sido a enfermeira.

- Ela nunca mexeu nas sanduíches; fiz averiguações minuciosas; e não podia ter envenenado Mary sem se envenenar a si própria. Já me certifiquei disso. Além do mais, por que razão havia ela de querer matar Mary Gerrard?

- Por que razão havia alguém de querer matar Mary Gerrard? - exclamou Roddy.

- Isso parece ser uma pergunta sem resposta - disse Poirot. - Ninguém queria matar Mary Gerrard. - Acrescentou para si: - Senão Elinor Carlisle. Portanto a conclusão lógica pareceria ser: Mary não foi morta! Mas infelizmente não é assim. Foi mort!

E acrescentou, num tom ligeiramente melodramático:

- Mas ela repousa na campa. E quanto sofrimento isso me causa! - Como? - perguntou Roddy.

Hercule Poirot explicou:

- Wordsworth. Leio-o muito. Estes versos exprimem talvez o que o senhor sente, não?

- Eu?

- Peço desculpa, muita desculpa. É difícil ser detective e ao mesmo tempo verdadeiro amigo. Como se diz aqui em Inglaterra há coisas que não se mencionam. Mas, infelizmente, um detective é forçado a mencioná-las! Tem de fazer perguntas sobre os assuntos particulares e sobre os sentimentos de cada um!

- Com certeza tudo isso tem muito pouca utilidade neste caso, não lhe parece? - exclamou Roddy.

Poirot retorquiu rápida e modestamente:

- Interessa-me apenas conhecer a situação. Depois deixaremos este assunto desagradável e não voltaremos a referir-nos a ele. É sabido que o senhor admirava Mary Gerrard, não é assim? Roddy levantou-se e ficou de pé próximo da janela, brincando com a borla do reposteiro.

- É - respondeu.

- Apaixonou-se por ela?

- Suponho que sim.

- E está desolado com a morte dela...

- Enfim, julgo... parece-me que, realmente, sr. Poirot...

Voltou-se, num estado de irritação e nervosismo próprio de uma pessoa que se encontra numa situação difícil.

- Se pelo menos me dissesse... me explicasse claramente... não se falava mais nisso.

Roderick Welman sentou-se numa cadeira, e disse sem olhar para o outro e interrompendo-se a cada passo:

- É muito difícil explicar. É realmente preciso abordar este assunto?

- Nem sempre se pode voltar as costas e deixar passar as coisas desagradáveis da vida, sr. Welman! Disse supor que gostava da rapariga. Não tem então a certeza?

- Não sei... - disse Roddy. - Ela era encantadora, era um sonho... É o que isto me parece agora. Um sonho sem nada de real! Tudo - a primeira vez que a vi - enfim, o meu entusiasmo por ela! Uma espécie de loucura! E agora tudo acabou... passou... como se... como se nunca tivesse acontecido!

- Sim, percebo... - disse Poirot.

E acrescentou: - Não estava em Inglaterra quando ela morreu, pois não?

- Não, parti a 9 de Julho e regressei a 1 de Agosto. O telegrama de Elinor andou de um lado para o outro antes que eu o recebesse. Voltei à pressa assim que soube a notícia.

- Deve ter sido um grande choque para si se gostava muito da rapariga - observou Poirot.

Havia amargura e desespero na voz de Roddy ao dizer:

- Por que é que acontecem estas coisas? Não é por desejarmos que aconteçam! São tão contrárias à ordem natural das coisas! - Ah, mas a vida é assim! Não permite que a arranjemos e ordenemos ao nosso gosto. Não permite que nos furemos às emoções, que vivamos pelo intelecto e pela razão! Não se pode dizer: «Quero sentir só tanto e nada mais.» A vida, sr. Welman, pode ser tudo menos um produto da razão!

- Também me parece... - exclamou Roderick Welman.

- Uma manhã de Primavera, um rosto fresco de rapariga e adeus existência bem ordenada.

E Poirot continuou:

- às vezes basta um rosto. Que é que, por exemplo, sabia a respeito de Mary Gerrard, sr. Welman?

- Que sabia? Muito pouco, vejo agora. Ela era, creio eu, suave e meiga; mas realmente não sabia mais nada, absolutamente mais nada... Suponho que é talvez por isso que não sinto a sua falta...

O antagonismo e ressentimento tinham desaparecido.

Falava com toda a naturalidade. Poirot com o seu jeito especial tinha penetrado as defesas do adversário. Roddy parecia sentir um certo conforto. em desabafar, e continuou:

- Suave... meiga... não muito inteligente, talvez, mas sensível e boa. Tinha uma gentileza que não era de esperar numa rapariga da sua classe.

- Era o género de rapariga que criasse inimizades inconscientemente?

Roddy negou com ardor:

- Não, não creio que houvesse alguém que não gostasse dela, isto é, gostar realmente. Despeito é outra coisa.

- Despeito? Acha que havia gente despeitada?

- Devia haver... se não não se justificava a carta - disse Roddy distraidamente.

- Que carta? - inquiriu Poirot.

Roddy corou e pareceu aborrecido.

- Não tem importância - disse.

- Que carta? - repetiu Poirot.

- Uma carta anónima.

Falava com relutância.

- Quando foi recebida? A quem era dirigida?

Bastante contra vontade Roddy explicou.

- Isso tem interesse. Posso ver essa carta?

- Tenho muita pena, mas não, porque a queimei.

- Essa é boa! Por que fez isso, sr. Welman?

- Pareceu-me ser o indicado naquela ocasião - disse Roddy bastante secamente.

- Foi em virtude dessa carta que o senhor e Miss Carlisle partiram apressadamente para Hunterbury?

- Partimos de facto. Não sei se foi apressadamente.

- Mas não se sentiam muito descansados, pois não? Ficaram talvez até um pouco alarmados?

- Não posso afirmar isso.

- Mas evidentemente que era natural que assim fosse! A vossa herança... a herança que vos

estava destinada... estava em risco. Era natural que ficassem inquietos! O dinheiro é uma coisa muito importante!

- Não é tão importante como lhe parece.

- Um desinteresse assim é louvável! - exclamou Poirot.

Roddy corou.

- É claro que o dinheiro tinha importância para nós não lhe éramos completamente indiferentes. Mas o nosso principal objectivo era ver a nossa tia, e certificarmo-nos de que estava bem.

- Foi lá com Miss Carlisle. Nessa altura a sua tia ainda não tinha feito testamento. Pouco tempo depois teve outro ataque. Quis então fazer testamento, mas, felizmente para Miss Carlisle, morreu naquela noite sem o ter chegado a fazer.

- Aonde quer chegar com isso?

O rosto de Roddy revelava furor.

Poirot respondeu-lhe rápido como um relâmpago:

- O senhor disse-me a respeito da morte de Mary Gerrard que o motivo atribuído a Elinor Carlisle é absurdo, que ela não era, em suma, pessoa para fazer semelhante coisa. Mas há ainda outra interpretação. Elinor Carlisle tinha razão para temer ser deserdada a favor de uma pessoa estranha. A carta tinha-a avisado, e as palavras quase incompreensíveis da tia confirmaram esse receio. Cá em baixo no vestíbulo estava uma maleta com vários medicamentos e apetrechos médicos. Era fácil tirar um tubo de morfina. E, depois, eu soube que ela esteve sozinha no quarto da tia enquanto as enfermeiras foram jantar...

- Meu Deus, sr. Poirot, que está a insinuar agora? Que Elinor matou a tia Laura? Essa ideia ainda é mais ridícula! mas sabe que foi requerida uma licença para exumar o corpo da sr^a Welman, não sabe?

- Pois sei. Mas não encontrarão nada!

- Suponha que encontram?

- Não pode ser! - afirmou Roddy categoricamente.

- Não tenho a certeza. E só havia uma pessoa, que beneficiava com a morte da sr^a Welman naquele momento...

Roddy sentou-se. Tinha o rosto pálido e tremia um pouco.

Olhou, espantado, para Poirot.

- Pensei que o senhor era a favor dela... - disse ele.

- Seja a favor de quem for, devemos encarar os factos! - sentenciou Poirot. - Creio que o sr. Welman, na vida, tem sempre preferido não encarar as verdades desagradáveis, quando isso é possível.

- Porquê atormentarmo-nos encarando o lado pior das coisas? Hercule Poirot replicou gravemente:

- Porque às vezes é necessário...

Fez uma pausa curta e acrescentou:

- Encaremos a possibilidade de se descobrir que a morte da sua tia foi devida a administração de morfina. E então?

Roddy abanou a cabeça desanimado.

- Não sei.

- Mas deve tentar pensar. Quem podia ter-lha administrado? Deve admitir que Elinor Carlisle foi quem teve mais oportunidade de o fazer.

- E as enfermeiras?

- Qualquer delas o podia ter feito, é verdade. Mas a enfermeira Hopkins estava nessa altura

preocupada com o desaparecimento do tubo e referiu-se abertamente a isso, sem precisar de o fazer, visto que a certidão de óbito já estava assinada. Porquê chamar a atenção para a falta da morfina se fosse ela a culpada? Assim seria pelo menos censurada por descuido e se tivesse envenenado a sr^a Welman seria evidentemente idiota chamar a atenção para a morfina. Além disso que ganhava ela com a morte da sr^a Welman? Nada. E o mesmo se aplica à enfermeira O'Brien. Podia ter administrado a morfina, podia tê-la tirado da maleta da enfermeira Hopkins, mas estamos na mesma: que motivo tinha para o fazer?

- Realmente isso é verdade - concordou Roddy.

- E há ainda o senhor.

Roddy endireitou-se bruscamente.

- Eu?

- Sim, o senhor. Podia ter tirado a morfina. Podia tê-la administrado à sr^a Welman! Esteve sozinho com ela um breve espaço de tempo naquela noite. Mas igualmente por que havia de o fazer? Se ela vivesse o tempo preciso para fazer testamento, era pelo menos provável que fosse mencionado nele. Por isso, como vê, não havia motivo. Só duas pessoas tinham motivo.

Os olhos de Roddy brilharam.

- Duas pessoas?

- Sim. Uma era Elinor Carlisle.

- E a outra?

- A outra foi quem escreveu a tal carta anónima - replicou Poirot falando lentamente.

Roddy pareceu duvidar.

- Alguém escreveu essa carta, alguém que odiava Mary Gerrard ou que pelo menos não gostava dela, alguém, que estava, como se costuma dizer, «do vosso lado», isto é, alguém que não queria que Mary Gerrard beneficiasse com a morte da Sr^a Welman. Tem alguma ideia de quem possa ter escrito a tal carta?

- Não faço a menor ideia. Era carta de uma pessoa analfabeta, uma carta cheia de erros e com aspecto modesto.

Poirot fez um gesto de indiferença.

- Isso não quer dizer nada! Podia muito bem ter sido escrita por uma pessoa educada que procurasse disfarçar o facto. Por isso é que eu gostava que tivesse ainda a carta. As pessoas que tentam escrever à maneira dos analfabetos geralmente denunciam-se.

- Elinor e eu pensámos que tivesse sido um dos criados.

- Pensaram em algum em especial?

- Não, não tínhamos ideia nenhuma.

- Acha que podia ter sido a governanta, a sr^a Bishop?

Roddy pareceu chocado.

- Não, ela é a mais respeitável e solene das pessoas. Escreve cartas num estilo arrebicado e com palavras bem soantes. Além disso, tenho a certeza de que nunca...

Ao hesitar, Poirot interrompeu-o:

- Ela não gostava de Mary Gerrard!

- Suponho que não. Mas nunca notei nada.

- Mas talvez ao sr. Welman passem despercebidas muitas coisas.

- Não acha, sr. Poirot, que a minha tia podia ter tomado ela própria a morfina?

- Sim, é uma ideia - concordou Poirot.

Roddy esclareceu:

- Ela odiava a invalidez. Disse muitas vezes que desejava morrer.

- Mas, no estado em que estava, não podia ter-se levantado da cama, descer as escadas e tirado o tubo de morfina da maleta da enfermeira.

- Pois não, mas alguém lho podia ter dado - observou Roddy.

- Quem?

- Uma das enfermeiras, talvez...

- Não, as enfermeiras não, porque compreenderiam muito bem o perigo que isso representava para elas! As enfermeiras são as últimas pessoas de quem se deve suspeitar.

- Então... outra pessoa...

Ia para falar mas calou-se.

- Lembrou-se de alguma coisa, não lembrou? - perguntou calmamente Poirot.

- Sim... mas... - Roddy hesitou.

- Não sabe se me há-de dizer ou não?

- Sim...

Com um curioso sorriso aos cantos da boca, Poirot disse:

- Quando é que Miss Carlisle disse isso?

Roddy respirou fundo.

- Co'a breca, adivinhou! Foi no comboio quando íamos para lá. Tínhamos recebido o telegrama a dizer que a tia Laura tinha tido outro ataque. Elinor disse que tinha muita pena dela, que a pobre senhora detestava estar doente e que agora ficaria ainda mais impossibilitada e que seria um verdadeiro inferno para ela. E exclamou por fim. «Tem-se a sensação de que se devia abreviar a morte dessas pessoas se elas próprias realmente o desejam.»

- E o que é que o senhor disse?

- Concordei.

- Há pouco o sr. Welman rejeitou a possibilidade de Miss Carlisle ter morto a sua tia por motivos monetários. Também rejeita agora a possibilidade de a ter morto por compaixão?

- Eu, não, não posso...- disse Roddy.

Hercule Poirot baixou a cabeça.

- Sim, calculei... tinha a certeza... que ia dizer isso...

CAPÍTULO SÉTIMO

Nos escritórios dos srs. Seddon, Blatherwick & Seddon, Hercule Poirot foi recebido com extrema reserva para não dizer com desconfiança.

O sr. Seddon, tocando com o dedo indicador no queixo escanhado, mostrou-se reservado e os seus olhos sagazes observaram atentamente o detective.

- Pois evidentemente que o seu nome me é familiar. sr. Poirot. Mas custa-me a compreender a sua posição neste caso.

- Estou a agir em benefício da sua cliente - esclareceu Poirot.

- Ah, sim, e quem o encarregou disso?

- Estou aqui a pedido do dr. Lord.

O sr. Seddon franziu a testa numa expressão de espanto.

- Ora essa! Isso parece-me muito esquisito, mesmo muito. O dr. Lord foi citado como testemunha de acusação, parece-me.

Hercule Poirot encolheu os ombros.

- Que tem isso?

- As diligências para a defesa de Miss Carlisle estão inteiramente a nosso cargo. Não acho que realmente necessitemos de qualquer auxílio estranho neste caso.

- Mas porquê? Porque a inocência da sua cliente será muito facilmente provada? - perguntou Poirot.

O sr. Seddon retraiu-se e depois enfureceu-se de uma maneira muito legal e seca.

- Essa pergunta - disse - é indiscreta, bastante indiscreto.

- O processo contra a sua cliente é muito forte...

- Não consigo realmente perceber o que sabe a respeito, sr. Poirot.

Poirot explicou:

- Embora tenha sido chamado pelo dr. Lord, tenho aqui um cartão do sr. Roderick Welman.

Entregou-o com um cumprimento de cabeça.

O sr. Seddon leu as poucas linhas que ele continha e observou com má vontade:

- Isto dá, de facto, um outro aspecto à questão. O sr. Welman responsabilizou-se pela defesa de Miss Carlisle. Nós estamos ao dispor dele e cumprimos as suas ordens.

E acrescentou com visível desagrado:

- A nossa firma dedica-se pouco a... a casos de crime, mas achei que era meu dever para com a minha antiga cliente encarregar-me da defesa da sobrinha dela. Devo dizer que já chamámos Sir Edwin Bulmer.

Poirot sorriu ironicamente.

- Não se poupam a despesas. Está perfeitamente certo! - comentou ele.

Olhando por cima dos óculos o sr. Seddon disse:

- Realmente, sr. Poirot...

Poirot cortou-lhe o protesto.

- Eloquência e apelos ao sentimento não salvarão a sua cliente. Será preciso mais do que isso.

- Que aconselha? - perguntou secamente o sr. Seddon.

- A verdade vem sempre à tona de água.

- Tem razão.

- Mas neste caso a verdade ajudar-nos-á?

- Essa observação é também bastante melindrosa.

- Gostaria que me respondesse a algumas perguntas - disse Poirot.
- Não posso garantir que lhe responda sem consentimento da minha cliente.
- Naturalmente. Eu compreendo isso. - Fez uma pausa e depois inquiriu: - Elinor Carlisle tem inimigos?

O sr. Seddon mostrou uma leve surpresa.

- Que eu saiba, não.
 - A falecida sr^a Welman fez testamento em qualquer altura da sua vida?
 - Nunca. Adiou sempre.
 - Elinor Carlisle fez testamento?
 - Fez.
 - Recentemente? Já depois da morte da tia?
 - Sim.
 - A quem deixou a fortuna?
 - Isso é confidencial, sr. Poirot. Não posso dizer-lhe isso sem o consentimento da minha cliente.
 - Então terei de entrevistar a sua cliente!
 - Receio que não seja fácil - replicou o sr. Seddon com um sorriso frio.
- Poirot ergueu-se, dizendo:
- Tudo é fácil para Hercule Poirot.

CAPÍTULO OITAVO

O inspector-chefe Marsden foi amável.

- Então, sr. Poirot - disse ele - vem esclarecer-me sobre algum dos meus casos?

- Não, não. E só um pouco de curiosidade da minha parte mais nada - exclamou Poirot com ar humilde.

- Tenho muito prazer em lha satisfazer. Qual é o caso?

- Elinor Carlisle.

- Ah sim, a rapariga que envenenou Mary Gerrard. Vai a julgamento dentro de quinze dias. É um caso interessante. E, a propósito: também fez o mesmo à pobre senhora. O relatório final ainda cá não está, mas parece que não há dúvida. Encontraram morfina. É uma pessoa com extraordinário sangue-frio. Nunca mostrou sinais de perturbação ou comoção quer no momento de ser presa, quer depois. Nunca disse nada. Mas temos muitas provas contra ela. Foi ela com certeza.

- Acha que foi ela?

Marsden, um homem experiente, de aspecto bondoso, abanou a cabeça afirmativamente.

- Não há dúvida. Pôs a «coisa» na sanduíche de cima. É uma hóspeda com grande sangue-frio.

- Não tem dúvidas? Não tem dúvidas absolutamente nenhuma?

- Não. Tenho absoluta certeza. É uma sensação agradável ter-se a certeza! Gostamos tão pouco de cometer erros como os outros. Não nos agarramos a uma convicção, como algumas pessoas julgam. Desta vez posso proceder com a consciência serena.

- Compreendo - disse Poirot lentamente.

O homem da Scotland Yard olhou para ele com curiosidade.

- Há alguma coisa em contrário?

- Por enquanto não - afirmou Poirot. - Até agora tudo o que descobri sobre o caso indica que Elinor Carlisle é culpada.

- Evidentemente! - exclamou o inspector Marsden com alegre convicção.

- Gostava de a visitar - disse Poirot.

o inspector Marsden sorriu com indulgência.

- Se traz o último número da revista Home Secretary na algibeira, então vai ser fácil.

CAPÍTULO NONO

- Então? - perguntou Peter Lord.
- Então, pouco - respondeu Hercule Poirot.
- Não conseguiu descobrir nada?

Poirot disse pausadamente:

- Elinor Carlisle matou Mary Gerrard por ciúmes... Elinor Carlisle matou a tia para lhe herdar o dinheiro... Elinor Carlisle matou a tia por compaixão... Pode escolher, meu amigo!
- Está a brincar! - exclamou Peter Lord.
- Estou?

O rosto sardento de Lord pareceu irritado.

- Que quer dizer com tudo isso?
- Acha que seria possível? - interrogou Poirot.
- Acho possível o quê?
- Que Elinor Carlisle fosse incapaz de suportar diante dos olhos a desgraça da tia e a ajudasse a pôr termo à vida.
- Isso é um disparate!
- É disparate? Você mesmo me disse que a pobre senhora lhe tinha pedido que a ajudasse.
- Não era a sério. Ela sabia que eu não faria semelhante coisa.
- No entanto tinha a ideia no espírito. Elinor Carlisle podia tê-la ajudado.

Peter Lord passeava de um lado para o outro.

- Não se pode negar que isso seja possível - disse finalmente. - Mas Elinor Carlisle é uma pessoa equilibrada e lúcida. Não creio que estivesse transtornada pela piedade a ponto de perder de vista o risco. E teria percebido perfeitamente que podia ser acusada de crime.
- Então acha que ela não faria isso?
- Acho que uma mulher o poderia fazer pelo marido ou pelo filho, ou talvez pela mãe. Mas não o faria por uma tia, embora gostasse dela. E acho que em qualquer caso só faria isso se a pessoa em questão estivesse realmente sofrendo dores insuportáveis.
- Talvez tenha razão - concordou Poirot pensativo.

Depois acrescentou:

- Acha que o sr. Roderick Welman poderia ter sido levado pela compaixão a fazer semelhante coisa?
- Não teria coragem para isso! - replicou Peter Lord com desprezo.
- Não sei - disse Poirot. - O meu amigo não dá o devido valor àquele rapaz.
- Bem, creio que é inteligente, intelectual...
- Sim, e é simpático também... Reparei nisso.
- Reparou? Eu nunca reparei! Mas ouça cá, Poirot, não há realmente nada?
- As minhas investigações não são tão bem sucedidas como pensa! Vão dar sempre ao mesmo ponto. Ninguém lucrava com a morte de Mary Gerrard, ninguém odiava Mary Gerrard - senão Elinor Carlisle. Só há talvez uma pergunta a fazer a nós próprios. Devemos perguntar talvez: «Alguém odiava Elinor Carlisle?»

Peter Lord abanou a cabeça devagar.

- Que eu saiba, não... Quer dizer que alguém pode ter preparado tudo para ela ser acusada do crime?
- É uma ideia rebuscada e não se baseia em coisa alguma... senão, talvez, na demasiada lógica dos factos que a incriminam.

Contou ao outro o caso da carta anónima:

- Como vê - disse - isto torna possível elaborar um forte processo contra ela. Foi avisada de que podia ser completamente banida do testamento da tia - que aquela rapariga, uma estranha, podia vir a ficar com todo o dinheiro. Por isso, quando a tia, na sua fala ininteligível, pediu um advogado, Elinor não se arriscou e arranjou tudo para a pobre senhora morrer naquela noite!

- E Roderick Welman? Ele também perdia com isso! - exclamou Peter Lord.

- Não. Esse tinha vantagem que a sr^a Welman fizesse testamento. Se morresse sem testamento, ele não recebia nada, lembre-se disso. Elinor era a parenta mais próxima.

- Mas ele ia casar com Elinor!

- Pois sim - disse Poirot. - Mas lembre-se também que logo a seguir o noivado foi rompido e que ele lhe mostrou claramente que queria desligar-se do compromisso.

Peter Lord levou as mãos à cabeça.

- Então voltamos outra vez ao mesmo! - exclamou ele.

- Sim, a não ser que...

Ficou um minuto calado e depois continuou:

- Há uma coisa...

- O quê?

- Uma coisa - um pedacito do quebra-cabeças que falta. É uma coisa que diz respeito a Mary Gerrard, tenho a certeza.

O meu amigo ouve por aqui umas certas bibilhotices, uns certos escândalos. Já ouviu dizer alguma coisa contra ela?

- Contra Mary Gerrard? Contra o seu carácter, quer dizer?

- Qualquer coisa. Qualquer história antiga por exemplo... Qualquer indiscrição da parte dela... Um indício de escândalo... Uma dúvida a respeito da sua honestidade... Um boato malicioso a respeito dela... Qualquer coisa, enfim, mas qualquer coisa que seja positivamente em detrimento dele...

- Espero que não esteja a insinuar coisas dessa... natureza - disse Peter Lord pausadamente.

- A tentar levantar coisas a respeito de uma inocente rapariga que morreu e não se pode defender... E, aliás, acho que não tem razão para o fazer!

- Ela era uma espécie de D. Galaaz em mulher - uma vida sem mácula?

- Pelo que sei, era. Nunca ouvi dizer outra coisa.

- Não deve pensar que eu mexo na lama onde ela não existe... - disse Poirot. - Não, não é nada disso. Mas a enfermeira Hopkins não é pessoa que esconda os seus sentimentos. Gostava de Mary, e há qualquer coisa a respeito da rapariga que ela não quer que se saiba, isto é, há qualquer coisa contra Mary que ela receia que eu descubra. supõe que não tem nenhuma relação com o crime, no entanto, está convencida que este foi cometido por Elinor Carlisle, e evidentemente o tal facto, qualquer que seja, não tem nada a ver com Elinor. Como vê, meu amigo, é forçoso que eu saiba tudo. Porque pode ser que Mary tenha feito mal a uma terceira pessoa, e nesse caso, essa terceira pessoa podia ter um motivo para lhe desejar a morte

- Mas, com certeza, nesse caso, a enfermeira Hopkins também compreenderia isso - observou Peter Lord.

- A enfermeira Hopkins é uma mulher lastante inteligente dentro dos seus limites, mas o seu intelecto está longe de se comparar com o meu. Pode ser que ela não veja o que Hercule Poirot veria!

- Tenho pena, mas não sei nada - disse Peter Lord.

Poirot continuou, pensativo:

- Ted Bigland também não sabe e tem vivido sempre aqui toda a sua vida. Nem a sr^a Bishop, pois se soubesse alguma coisa desagradável a respeito da rapariga não teria sido capaz de se calar! Mas enfim, há ainda uma esperança.

- Qual?

- Vou encontrar-me hoje com a enfermeira O'Brien.

- Ela não sabe muito de coisas passadas nestes sítios. Só cá esteve um mês ou dois.

- Eu sei. Mas, meu amigo, a enfermeira Hopkins tem a língua comprida, segundo me disseram. Não falava na vila, onde as suas palavras podiam prejudicar Mary Gerrard, mas duvido que se pudesse conter sem fazer pelo menos uma alusão ao que lhe estava ocupando o pensamento, a uma desconhecida e colega! Pode ser que a enfermeira O'Brien saiba alguma coisa.

CAPÍTULO DÉCIMO

A enfermeira O'Brien abanou a cabeça ruiva e sorriu com um sorriso aberto para o homem baixo que se encontrava em frente dela, do outro lado da mesa.

Pensou para consigo: «Que figura engraçada que ele tem! Olhos verdes de gato e ainda por cima é esperto, segundo disse o dr. Lord.»

- É um prazer conhecer uma pessoa tão cheia de energia e de vitalidade. Tenho a certeza de que os seus doentes devem melhorar todos - disse Hercule Poirot.

- Não sou pessoa para mostrar cara triste, e poucos doentes meus morrem por minha causa, posso dizê-lo.

- É claro que no caso da sr^a Welman foi um fim misericordioso.

- Ah isso foi, coitada! - Os olhos dela assumiram uma expressão de esperteza quando olhou para Poirot e perguntou: - É sobre isso que me quer falar? Ouvi dizer que a iam desenterrar...

- Não teve qualquer suspeita na altura?

- Nem a menor, embora realmente pudesse ter tido, com a cara que o dr. Lord tinha naquela manhã e a mandar-me aqui, ali e acolá buscar coisas de que não precisava ! Mas apesar disso assinou a certidão!

Poirot ia a dizer que ele tinha as suas razões mas ela tirou-lhe as palavras da boca.

- Realmente tinha motivo para as ter. Não é bom para um médico pensar coisas e ofender a família, porque se se engana está desgraçado e ninguém mais o mandará chamar. Um médico tem de ter a certeza!

- Há a hipótese da sr^a Welman se ter suicidado - disse Poirot.

- Ela? Ali deitada sem se poder mexer? Só podia levantar uma das mãos e mais nada!

- Alguém podia tê-la ajudado...

- Ah, agora percebo o que quer dizer. Miss Carlisle, sr. Welman ou talvez Mary Gerrard.

- Era possível, não acha?

- Nenhum deles se atreveria! - exclamou a enfermeira O'Brien.

- Talvez não - admitiu Poirot.

E continuou:

- Quando foi que a enfermeira Hopkins deu pela falta do tubo de morfina?

- Foi nessa manhã mesmo. «Tenho a certeza de que o tinha aqui», disse ela. Primeiro estava muito certa; mas sabe como ela é. Passado um bocado baralharam-se lhe as ideias e por fim já garantia que o tinha deixado em casa.

- E mesmo então não suspeitou de nada? - perguntou Poirot.

- Não, nada! Claro que nunca me passou pela cabeça que as coisas não eram como deviam ser. E mesmo agora há apenas uma suspeita.

- A falta do tubo nunca lhe causou a si nem à enfermeira Hopkins um momento de preocupação?

- Bem, não digo que não... Lembro-me perfeitamente que a ideia me veio ao espírito e também ao espírito da enfermeira Hopkins, parece-me, quando estávamos uma vez no Café Blue Tit. Vi que o pensamento passou do meu espírito para o dela. «Não pode ter sido senão eu tê-lo deixado na chaminé do fogão e o tubo caiu no cesto dos papéis», disse ela. «Sim, foi assim com certeza!», respondi eu; e nenhuma de nós disse o que pensava e o medo com que estava.

- E que pensa agora?

- Se lhe encontram morfina haverá pouca dúvida sobre quem tirou o tal tubo nem para que foi usado, embora eu não acredite que ela mandasse também a pobre senhora para o outro mundo, até se provar que há morfina no cadáver.

- Não tem a mínima dúvida de que Elinor Carlisle matou Mary Gerrard? - inquiriu Poirot.

- Na minha opinião não há a mínima dúvida. Que outra pessoa teria razão ou desejo de o fazer?

- A questão é essa - disse Poirot.

A enfermeira O'Brien continuou dramaticamente:

- Não estava eu lá naquela noite quando a pobre senhora queria falar sem poder e Miss Carlisle lhe prometeu que tudo se faria convenientemente e de acordo com os seus desejos? E não vi eu a cara dela a olhar para Mary quando ela um dia descia as escadas, o ódio que tinha nela estampado? Tinha vontade de a matar naquele instante!

--Em sua opinião qual a razão por que Elinor Carlisle teria morto a sr^a Welman?

- Porquê? Por causa do dinheiro, é claro. Duzentas mil libras, nada menos. Era o que ganhava com isso e foi essa a razão. É uma rapariga corajosa e inteligente, não tem receio de nada e tem um espírito forte.

- Se a sr^a Welman tem vivido mais tempo e feito testamento, a quem acha que ela teria deixado o dinheiro? - perguntou Poirot.

- Não sei nada disso - disse a enfermeira O'Brien, denunciando, contudo, muitos sintomas de estar quase a dizer o que realmente disse. - Mas, a meu ver, todo o dinheiro que a boa senhora tinha seria para Mary Gerrard.

- Porquê?

O monossílabo simples pareceu perturbar a enfermeira O'Brien.

- Porquê? Perguntou porquê? Bem, parece-me que seria assim.

- Algumas pessoas podem dizer que Mary Gerrard tinha jogado as suas cartas muito inteligentemente e que tinha conseguido cativar a boa senhora a ponto de fazê-la esquecer os laços de sangue e afeição.

- Pois podem - disse a enfermeira O'Brien lentamente.

- Mary Gerrard era uma rapariga inteligente e dissimulada? - perguntou Poirot.

- Eu não achava... Tudo que fazia era bastante natural e sem segundo sentido. Não era dessas pessoas. E muitas vezes para certas coisas há razões que nunca se vêm a saber...

- Creio que a senhora é uma pessoa muito discreta - disse Hercule Poirot.

- Não sou pessoa para falar de coisas que não me dizem respeito.

Observando-a de perto, Poirot continuou:

- A senhora e a enfermeira Hopkins decidiram ambas que havia assuntos que não se devem trazer à luz.

- Que quer dizer com isso? - perguntou a enfermeira.

Poirot apressou-se a explicar:

- É uma questão, quero eu dizer, que não tem nada a ver com o crime ou crimes.

A enfermeira O'Brien disse, abanando a cabeça.

- De que serve desenterrar uma velha história, se ela era uma senhora de idade, honesta, sem uma sombra de escândalo à sua roda, e que morreu respeitada e considerada por todos? Hercule Poirot moveu a cabeça concordando.

- Como acaba de dizer a sr^a Welman era muito respeitada em Maidnsford.

A conversa tinha tomado um rumo inesperado, mas o rosto dele não exprimia surpresa nem ar intrigado.

A enfermeira O'Brien continuou:

- Foi há tanto tempo já! Todos morreram e foram esquecidos. Eu tenho um coração sensível a romances, e digo, e sempre disse, que é difícil para um homem que tem a mulher num manicômio estar preso toda a sua vida, só a morte o podendo libertar.

- Sim, é difícil... - disse Poirot, desnortado.

- A enfermeira Hopkins disse-lhe que a carta dela se tinha cruzado com a minha?

- Não me disse isso.

- Foi uma coincidência curiosa. Mas há coisas assim. Hoje ouvi-se um nome, um ou dois dias depois voltamos a deparar com ele e depois outra vez e outra. Assim, eu vi a tal fotografia em cima do piano na mesma ocasião em que a enfermeira Hopkins estava a ouvir tudo da boca da governanta do médico.

- Isso é muito curioso.

E exclamou tentadoramente:

- Mary Gerrard sabia disso?

- Quem é que lhe ia dizer? Não eu, e a Hopkins também não. Aliás de que lhe servia saber?

Levantou a cabeça ruiva e olhou para ele de frente:

Poirot disse com um suspiro:

- Sim, realmente de que lhe servia?

CAPÍTULO XI

Elinor Carlisle...

Do outro lado da mesa que os separava Poirot olhou para ela inquisitorialmente.

Estavam os dois sozinhos. Através de uma parede de vidro, um guarda observava-os.

Poirot reparou no rosto delicado e inteligente com uma testa branca, larga, e no suave contorno das orelhas e do nariz. Belas linhas; uma pessoa sensível e orgulhosa, revelando educação, auto-domínio e - alguma coisa mais - capacidade de paixão.

Poirot apresentou-se:

- Sou Hercule Poirot. Fui enviado aqui pelo Dr. Peter Lord que acha que lhe posso ser útil.

- Peter Lord... - murmurou Elinor Carlisle. O seu tom era de quem se recorda. Por um momento sorriu com um sorriso parado. Depois continuou: - Ele foi muito amável, mas acho que o senhor não poderá fazer nada.

- Importa-se de responder às minhas perguntas? - inquiriu Poirot.

- Creia que realmente era melhor não as fazer - disse ela suspirando. - Estou bem entregue. O sr. Seddon tem sido muitíssimo amável. Vou ter um advogado muito célebre.

- Não é tão célebre como eu! - disse Poirot.

Elinor Carlisle teve um movimento de enfado:

- Tem muita fama - disse ela.

- Sim, de defender criminosos. Eu tenho muita fama, de provar a inocência.

Ela levantou finalmente os olhos - olhos de um lindo azul intenso, mergulhou-os nos de Poirot e perguntou:

- Acredita que estou inocente?

- E está realmente?

Ela sorriu com um sorrisozinho irónico.

- São desse género as suas perguntas? É muito fácil dizer que sim, não acha?

- Está muito cansada, não está? - perguntou ele inesperadamente.

Ela abriu muito os olhos, um tanto admirada, e respondeu:

- Estou sim. Como sabe?

- Calculei...

- Ficarei contente quando isto acabar - disse Elinor.

Poirot olhou para ela um instante em silêncio e depois disse: - Estive com o seu... primo. Posso designar assim o sr. Welman, por conveniência?

Ao rosto pálido e orgulhoso subiu lentamente a cor.

Percebeu logo que uma das suas perguntas estava respondida mesmo sem a fazer.

- Esteve com Roddy? - perguntou ela e a voz tremeu-lhe ligeiramente.

- Está a fazer tudo o que pode por si - disse Poirot.

- Eu sei.

A voz dela era brusca e suave.

- Ele é pobre ou rico? - perguntou Poirot.

- Roddy? Não tem muito dinheiro, não.

- E é extravagante?

- Nenhum de nós deu nunca importância ao dinheiro. Sabíamos que um dia...

Calou-se.

- Contavam com a herança? Isso é compreensível - retorquiu Poirot.

E continuou:

- Não sei se soube o resultado da autópsia do cadáver da sua tia? Morreu envenenada com morfina.

- Eu não a matei - disse Elinor Carlisle friamente.

- E ajudou-a a matar-se?

- Se a ajudei...? Ah, compreendo. Não, não ajudei.

- Sabia que a sua tia não tinha feito testamento?

- Não, não fazia ideia.

A voz dele era igual, monótona. As respostas mecânicas, desinteressadas.

- E a senhora fez testamento?

- Fiz.

- Fê-lo no dia em que o dr. Lord lhe falou nisso?

- Foi.

De novo uma rápida onda de cor lhe subiu ao rosto.

- A quem deixou a sua fortuna, Miss Carlisle?

- Deixei tudo a Roddy, a Roderick Welman- respondeu Elinor calmamente.

- Ele sabe?

- Não.

- Não discutiu o assunto com ele?

- Claro que não. Teria ficado horivelmente atrapalhado e desagradar-lhe-ia muito o que eu ia fazer.

- Quem mais conhece o conteúdo do seu testamento?

- Só o sr. Seddon e os seus empregados, creio.

- Foi o sr. Seddon quem lhe redigiu o testamento?

- Foi. Escrevi-lhe naquela mesma noite, isto é, na noite do dia em que o dr. Lord me falou nisso.

- Pôs a senhora mesma a carta no correio?

- Não. Foi para a caixa de correio da casa juntamente com as outras cartas.

- Escreveu-a, meteu-a no sobrescrito, selou-a, fechou-a e deitou-a na caixa, foi assim? Não fez uma pausa para reflectir? Para a reler?

- Sim, reli-a - disse Elinor olhando para ele fixamente: - Depois fui procurar selos, e quando vim com eles, reli a carta para me certificar se tinha dito claramente o que queria.

- Estava alguém no quarto consigo?

- Só Roddy.

- Ele sabia o que a senhora estava a fazer?

- Já lhe disse que não.

- Podia alguém ter lido a carta enquanto estava ausente da sala?

- Não sei... Um dos criados, é isso que quer dizer? Creio que podiam tê-lo feito se por acaso entrassem ali enquanto eu lá não estava.

- E antes do sr. Roderick Welman entrar...

- Sim.

- E ele pode tê-la lido também, não? - disse Poirot.

A voz de Elinor era clara e desdenhosa ao dizer:

- Posso garantir-lhe, sr. Poirot que o meu «primo», como lhe chama, não lê as cartas alheias.

- Eu sei que é essa a ideia geralmente aceite, mas a senhora ficaria admirada da quantidade de pessoas que fazem o que não devem fazer.

Elinor encolheu os ombros.

- Foi nesse dia que lhe veio pela primeira vez a ideia de matar Mary Gerrard? - perguntou Poirot num tom casual.

Pela terceira vez o rubor aflorou ao rosto de Elinor Carlisle. Desta vez foi um rubor escaldante:

- Peter Lord contou-lhe isso?

- Foi nessa altura, não foi? Quando olhou pela janela e a viu a fazer testamento? Foi então, não foi, que pensou que engraçado seria - e que vantajoso - se Mary Gerrard morresse...

- Ele percebeu... olhou para mim e percebeu... - murmurou Elinor.

- O dr. Lord percebe muita coisa... Não é tolo nenhum, aquele rapaz de rosto sardento e cabelo ruço...

- É verdade que o mandou para... para me ajudar?;

- É verdade, sim, minha senhora.

Ela suspirou.

- Não compreendo. Não, realmente não compreendo.

- Ouça, Miss Carlisle. É preciso que me diga exactamente o que aconteceu no dia em que Mary Gerrard morreu: onde foi, o que fez, e mais ainda, quero saber também o que pensou.

Ela olhou para ele. Depois, lentamente, um estranho e ligeiro sorriso aflorou-lhe aos lábios.

- O senhor deve ser um homem incrivelmente simples. Não vê que fácil me é mentir-lhe?

- Não faz mal - disse placidamente Hercule Poirot.

Ela ficou intrigada.

- Não faz mal?

- Não, porque as mentiras dizem ao interlocutor tanto como as verdades. às vezes até dizem mais. Comece. Encontrou a governanta, a sr^a Bishop. Ela quis ir ajudá-la e não lhe consentiu. Porquê?

- Queria estar só.

- Porquê?

- Porquê? Porquê? Porque queria... pensar.

- Queria pensar, está bem. E que fez em seguida?

Elinor de queixo levantado com uma expressão de desafio respondeu:

- Comprei umas conservas para fazer sanduíches.

- Dois boiões.

- Sim.

- E foi para Hunterbury. Que fez lá?

- Subi ao quarto da minha tia e comecei a separar as coisas dela.

- Que é que encontrou?

- Que é que encontrei? - ela franziu a testa. - Roupas... cartas... fotografias... jóias.

- Nada de secreto? - perguntou Poirot.

- Secreto? Não o compreendo.

Elinor continuou:

- Desci à copa e fiz as sanduíches...

- E que pensou? - inquiriu suavemente Poirot.

Os olhos azuis dela faiscaram de repente.

- Pensei na minha homónima Leonor de Aquitânia. ..

- Compreendo - disse Poirot.

- Compreende?

- Sim. Sei a história. Ela deu a escolher à Bela Rosamunda um punhal ou uma taça de veneno, não é assim? Rosamunda escolheu o veneno...

Elinor não disse nada. Ficou branca.

- Mas desta vez não haveria escolha... Continue e depois?

- Pus as sanduíches prontas num prato e dirigi-me à casa do guarda. A enfermeira Hopkins estava lá com Mary. Disse-lhes que tinha sanduíches lá em casa.

Poirot que estava a observá-la disse suavemente:

- Sim, e vieram todas para a casa grande ao mesmo tempo, não foi?

- Foi. Comemos as sanduíches na sala de entrada.

- Sim, sim... sempre em sonho... E depois...

- Depois? - Ela ficou a olhar para ele. - Mary ficou de pé, próximo da janela e eu fui para a copa. Estava ainda, como diz, em sonho... A enfermeira estava lá a lavar a loiça...

Dei-lhe o boião da conserva.

- Sim. E que sucedeu então? Em que pensou depois?

Elinor disse sonhadoramente:

- A enfermeira tinha um sinal no pulso. Referi-me a

ele e ela disse que fora um espinho da roseira que ficava junto da casa do guarda. A roseira junto da casa do guarda... Roddy e eu tivemos uma vez uma questão - há muito tempo - a Guerra das Rosas. Eu era Lancaster e ele York. Ele gostava de rosas brancas. Eu disse que não eram verdadeiras, que nem sequer cheiravam! Eu gostava de rosas vermelhas grandes, escuras e aveludadas, cheirando a Verão... Discutimos muito pateticamente. Recordei-me disto tudo, compreende... ali na copa, e alguma coisa... alguma coisa se extinguiu... O ódio negro que tinha no coração desapareceu ao recordar os tempos em que brincávamos juntos em crianças. Já não odiava Mary. Não queria que ela morresse...

Calou-se.

- Mas mais tarde, quando voltámos à sala e ela estava a morrer...

Deteve-se. Poirot olhou para ela com muita insistência e ela corou.

- Vai perguntar-me outra vez se matei Mary Gerrard?

Poirot pôs-se de pé e disse rapidamente:

- Não lhe vou perguntar mais nada. Há coisas que não quero saber...

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

O dr. Lord foi à estação esperar o comboio como tinha ficado combinado.

Hercule Poirot vinha nele. Tinha um aspecto muito londrino e trazia sapatos de cabedal com ponta comprida.

Peter Lord observou-lhe o rosto ansiosamente, mas Hercule Poirot não denunciava nada.

- Fiz o possível para obter respostas às suas perguntas - disse Peter Lord - Primeiro Mary Gerrard saiu daqui para Londres no dia 10 de Julho. Segundo, não tenho governanta - duas raparigas de caras risonhas tratam-me da casa. Creio que se deve referir à sr^a Slattery que foi governanta de Ransome (o meu antecessor). Posso levá-lo lá esta manhã, se quiser. Combinei com ela para estar em casa.

- Pois sim, também pode ser, ir vê-la já... - disse Poirot.

- Além disso parece-me que queria ir a Hunterbury, não? Posso ir consigo. Admiro-me que ainda lá não tenha estado. Não percebo porque lá não foi quando cá estive da primeira vez. Julgava que a primeira coisa a fazer num caso destes era visitar o local onde ocorreu o crime.

Inclinando um pouco a cabeça para o lado, Hercule Poirot perguntou:

- Porquê?

- Porquê? - Peter Lord ficou um pouco desconcertado com a pergunta. - Não é o que se costuma fazer?

- O trabalho de investigar não se faz com manual! - disse Hercule Poirot. - Basta a nossa inteligência natural.

- Podia encontrar lá qualquer chave - sugeriu Peter Lord.

Poirot suspirou:

- Lê demasiada literatura policial. A polícia deste país é admirável, e não tenho dúvida nenhuma de que fizeram pesquisas muito cuidadosas em toda a casa e arredores.

- à procura de provas contra Elinor Carlisle, não provas a favor dela.

Poirot suspirou de novo:

- Meu amigo, a polícia não é um monstro! Elinor Carlisle foi presa porque se encontraram provas suficientes para se instaurar um processo contra ela, um processo muito forte, diga-se a verdade. Era inútil ir ao local onde a polícia já tinha estado.

- Mas então e agora quer lá ir? - objectou Peter Lord.

Hercule Poirot fez um sinal afirmativo.

- Sim, agora é preciso. Porque agora sei exactamente o que vou investigar. Antes de usar os olhos devemos compreender com as circunvoluções cerebrais.

- Então acha que pode ainda lá encontrar alguma coisa?

- Tenho a impressão de que ainda lá encontraremos alguma coisa, é verdade.

- Alguma coisa que prove a inocência de Elinor.

- Não digo isso.

Peter Lord exclamou de repente.

- Quer dizer que ainda pensa que é culpada?

- Tem de esperar, meu amigo, primeiro que receba uma resposta a essa pergunta - disse Poirot gravemente.

Poirot almoçou com o médico numa agradável sala quadrada com uma janela aberta para o jardim.

- Conseguiu tirar da velha Slattery o que queria? - perguntou Lord.

- Consegui - disse Poirot.
- Que é que o senhor queria dela?
- Conversa! Falar de coisas passadas. Alguns crimes têm raízes no passado. Parece-me que este teve.
- Não percebo uma palavra do que está a dizer - exclamou Peter Lord irritado.

Poirot sorriu e comentou:

- Este peixe está deliciosamente fresco.
- Com certeza - disse Lord impaciente. - Apanhei-o esta manhã antes do pequeno almoço. Ouça cá, Poirot, pode dar-me uma ideia do que está a insinuar? Porquê ocultar-me qualquer coisa?
- Porque, por enquanto, as coisas não estão claras. Esbarro sempre com o facto de que não havia ninguém que tivesse motivo para a matar Mary Gerrard, senão Elinor Carlisle.
- Não pode ter a certeza disso - objectou Peter Lord - Ela esteve bastante tempo no estrangeiro.
- Sim, eu sei, fiz inquéritos.
- O senhor esteve na Alemanha?
- Eu próprio, não. - Com uma ligeira gargalhada acrescentou: - Tenho os meus espões!
- Pode confiar noutras pessoas?
- Evidentemente. Eu não posso andar a correr de um lado para o outro, a fazer, como amador, coisas que por uma pequena quantia alguém pode fazer com proficiência de especialista. Posso garantir-lhe, meu caro, que tenho vários ferros no fogo. Tenho alguns assistentes úteis - um deles um antigo salteador.
- Para que o utiliza?
- A última coisa para que o utilizei foi para uma busca muito minuciosa no apartamento do sr. Welman.
- Que foi ele lá procurar?
- Gosta-se sempre de saber exactamente que mentiras nos disseram - observou Poirot.
- Welman disse-lhe alguma mentira?
- Decididamente.
- Quem mais lhe mentiu?
- Toda a gente parece-me: a enfermeira O'Brien romanticamente; a enfermeira Hopkins teimosamente; a sr^a Bishop verrinosamente. E você próprio...
- Meu Deus! - interrompeu-o Peter Lord, sem cerimónia.
- Está realmente a pensar que lhe menti?
- Ainda não - admitiu Poirot.

Peter Lord recostou-se para trás na cadeira.

- Você é incrédulo, Poirot!

Depois disse:

- Se, já acabou, podemos ir a Huntebury, não acha? Tenho doentes a ver e tratamentos a fazer, depois.
- Estou ao seu dispor meu amigo.

Foram a pé e entraram na cerca pelo caminho das traseiras.

No meio encontraram um rapaz alto e com bom aspecto a empurrar um carro de mão. Tirou respeitosamente o boné ao dr. Lord.

- Bom dia, Horlick. Este é o jardineiro Horlick. Estava cá a trabalhar naquela manhã.
- Estava sim senhor - confirmou Horlick. - Vi Miss Carlisle nessa manhã e falei com ela.
- O que é que ela lhe disse? - perguntou Poirot.

- Disse-me que a casa estava, a bem dizer, vendida, e isso afligiu-me bastante; mas Miss Elinor prometeu que ia falar de mim ao major Somewell e que talvez ele me deixasse ficar - se não me achasse muito novo para jardineiro-chefe - tendo em vista a prática que arranjei aqui a trabalhar com o sr. Stephens.

- Pareceu-lhe que ela estava como de costume, Horlick? - perguntou o dr. Lord.

- Sim, só me pareceu um pouco excitada como se... como se tivesse alguma coisa na ideia.

- Conhecia Mary Gerrard? - perguntou Hercule Poirot.

- Sim, senhor. Mas não muito bem.

- Como era ela?

Horlick pareceu atrapalhado.

- Quer dizer, como era ela à vista?

- Não, não é bem isso. Quero dizer que espécie de pessoa era? - Bem, era uma rapariga assim... com um ar superior, e muito bem falante. Tinha-se na conta, como hei-de dizer... de grande pessoa. Já sabe, a sr^a Welman trazia-a nas palminhas. O pai dela irritava-se com isso. Parecia um leão na jaula.

- Pelo que ouço dizer, o velho tinha muito mau génio - observou Poirot.

- Sim, isso tinha. Sempre a resmungar e a implicar. Nunca tinha uma palavra delicada para ninguém.

- Você estava cá naquela manhã. Em que sítio mais ou menos andava a trabalhar? - perguntou Poirot.

- Na horta.

- De lá não se vê a casa?

- Não, senhor.

- Se alguém se tivesse aproximado da casa e viesse até à janela da copa não teria visto? - disse Peter Lord.

- Não, senhor.

- Quando foi almoçar? - perguntou Peter Lord.

- A uma hora.

- E não viu nada... nenhum homem por aí... ou um automóvel lá fora nada disso?

O homem abriu muito os olhos mostrando certa surpresa.

- Em frente do portão de trás? Estava lá só o seu carro.

- O meu carro? - exclamou Peter Lord. - Não era o meu carro com certeza! Eu fui a Withenbury nessa manhã, e só voltei depois das duas horas.

Horlick pareceu atrapalhado.

- Tenho a certeza que era o seu carro - afirmou ele hesitando.

- Está bem, não tem importância. Bom dia, Horlick.

Poirot e Lord continuaram. Horlick ficou a vê-los um momento e depois seguiu lentamente o seu caminho com o carro de mão.

Peter Lord exclamou com grande entusiasmo:

- Finalmente, uma pista. De quem seria o carro parado aqui naquela manhã?

- Que marca é o seu carro, meu amigo? - inquiriu Poirot.

- Um Ford, verde-escuro. Há muitos, é claro.

- E tem a certeza que não era o seu? Não se enganou no dia?

- A certeza absoluta. Estive em Whitenbury, regressei tarde, almocei qualquer coisa e foi então que me chamaram por causa de Mary Gerrard, e vim a correr.

- Então, meu amigo, parece que encontrámos finalmente uma coisa tangível.

- Esteve aqui alguém naquela manhã... alguém além de Elinor Carlisle, Mary Gerrard e a

enfermeira Hopkins...

- Isso é curioso - disse Poirot. - Venha, procedamos às investigações. Vejamos, por exemplo, supondo que o homem (ou mulher) queria aproximar-se da casa sem ser visto, que faria? A meio do caminho havia um carreiro que atravessava uns arbustos. Meteram por ali e, a certa altura, Peter Lord agarrou o braço de Poirot e apontou para uma janela.

- Ali está a janela da copa onde Elinor Carlisle esteve a fazer as sanduíches.

Poirot concluiu:

- E daqui, qualquer pessoa podia vê-la a fazê-las. A janela estava aberta, se bem me lembro.

- Estava aberta de par em par - disse Peter Lord. - Lembre-se que era um dia de muito calor.

Hercule Poirot reflectiu:

- Se alguém quisesse observar o que se passava, sem ser visto, daqui seria um bom local.

Os dois homens consideraram a hipótese e Peter Lord disse:

- Há aqui um bom local, atrás destes arbustos. E há sinais de pés. A erva já cresceu outra vez mas podem ainda ver-se bastante bem.

Poirot foi para junto dele e disse reflectindo:

- Sim, é um bom local. Não se vê do caminho, e esta abertura na sebe deixa ver bem a janela. E, então, que fez o nosso amigo que esteve aqui? Fumou, talvez?

Baixaram-se, examinando o solo e afastando as folhas e os ramos.

De repente, Hercule Poirot soltou uma exclamação.

Peter Lord interrompeu a sua própria busca.

- Que é?

- Uma caixa de fósforos, meu amigo. Uma caixa de fósforos vazia enterrada no solo, molhada e deteriorada.

Pegou no objecto com cuidado e delicadeza, e apresentou-o por fim sobre uma folha de papel que tirou da algibeira.

- É estranha. Meu Deus! Fósforos alemães! - exclamou Peter Lord.

- E Mary Gerrard tinha vindo recentemente da Alemanha!

- Temos finalmente qualquer coisa! Não pode negá-lo - disse Peter Lord exultante.

- Talvez... - admitiu Hercule Poirot sem entusiasmo.

- Mas co'os diabos, homem! Quem é que havia de ter fósforos estrangeiros, por estes sítios?

- Bem sei, bem sei - disse Hercule Poirot.

Os seus olhos perplexos dirigiram-se da abertura na sebe para a janela.

- Não é tão simples como pensa - disse ele. - Há uma grande dificuldade. Não está a vê-la?

- O que é? Diga-me.

Poirot suspirou.

- Se não está a vê-la... Mas venha, continuemos.

Continuaram até à casa. Peter Lord abriu a porta de trás com uma chave.

Seguiu à frente até à cozinha passando por um corredor onde havia um bengaleiro de um lado e uma copa do outro.

Na copa os dois homens olharam à volta.

Tinha os costumados armários com portas de correr para os vidros e as louças. Havia um fogão de gás e duas cafeteiras, e numa prateleira, latas onde se lia chá e café.

Havia um lavadouro, um suporte de loiça e uma mesa em frente da janela.

Peter Lord explicou:

- Foi nesta mesa que Elinor Carlisle fez as sanduíches.

O fragmento do rótulo de morfina foi encontrado nesta frincha do chão, por baixo do lavadouro.

- As buscas da polícia são muito cuidadosas. Quase nada lhes escapa - comentou Poirot.

Peter Lord começou a argumentar violentamente:

- Não há provas que Elinor tivesse tido o tubo nas mãos! Alguém a estava a observar daquela sebe além. Digo-lho eu.

Ela foi à casa do guarda e essa pessoa viu a oportunidade e introduziu-se aqui, desrolhou o tubo, reduziu alguns comprimidos de morfina a pó e pô-los sobre a sanduíche de cima. Não reparou que tinha rasgado um pedaço do rótulo do tubo e que este se introduzira na frincha. Afastou-se rapidamente, pôs o carro em marcha e partiu.

Poirot suspirou.

- Mas você não compreende, homem! É extraordinário quão obtuso um homem inteligente pode ser.

- Quer dizer que não acredita que alguém estivesse naquela sebe a observar esta janela? - perguntou Peter Lord irritado.

- Sim, acredito... - condescendeu Poirot.

- Então temos de descobrir quem foi!

- Não precisamos de ir longe, parece-me.

- Quer dizer que sabe?

- Tenho uma ideia vaga.

- Então os seus ajudantes que fizeram averiguações na Alemanha trouxeram-lhe alguns elementos...

- Está tudo aqui na minha cabeça, meu amigo - disse Hercule Poirot, batendo na testa. - Venha, passemos revista à casa.

Estavam finalmente na sala onde Mary Gerrard tinha morrido.

A casa tinha uma estranha atmosfera: parecia viver de recordações e presságios.

Peter Lord abriu uma das janelas e exclamou com um ligeiro arrepio:

- Esta casa parece um túmulo...

- Se as paredes falassem... - disse Poirot. - Está aqui tudo, tudo, nesta casa - o princípio de toda a história.

Fez uma pausa e depois continuou:

- Foi aqui nesta sala que morreu Mary Gerrard.

- Encontraram-na sentada ali, naquela poltrona, ao pé da janela... - esclareceu Peter Lord.

Hercule Poirot disse pensativo.

- Uma rapariga bonita, romântica. Fez projectos ou intrigas? Era uma pessoa enfatuada que se dava ares? Era suave e meiga, não pensando em fazer intrigas... uma jovem no começo da vida... uma rapariga que era uma flor...?

- Fosse o que fosse - disse Peter Lord. - Ninguém quis que ela morresse.

- Penso se... - começou Hercule Poirot.

Lord olhou para ele fixamente:

- Que quer dizer?

Poirot abanou a cabeça.

- Ainda não.

- Já passámos revista à casa toda. Já vimos tudo o que havia para ver aqui. Vamos agora à casa do guarda.

Estava também tudo em ordem: as casas com pó, mas arrumadas, e sem objectos de uso pessoal. Os dois homens demoraram-se ali apenas alguns minutos. Ao saírem Poirot mexeu nas folhas de uma roseira que havia perto. As rosas eram vermelhas e cheiravam muito bem.

- Sabe o nome desta roseira? É Zephyrine Drouhin, meu amigo - exclamou Poirot.
- Que interessa isso? - disse Peter Lord irritado.

Hercule Poirot explicou:

- Quando estive com Elinor Carlisle ela falou-me de umas rosas. Foi então que comecei a ver, não uma luz clara, mas o fraco lampejo de luz que se observa num comboio quando se está quase a chegar ao fim de um túnel. Não é bem a luz do dia mas a promessa dessa luz.
- Que lhe disse ela? - perguntou àasperamente Peter Lord.
- Falou-me da sua infância, de brincar aqui neste jardim, e como ela e Roderick Welman constituíam partidos diferentes. Eram inimigos porque ele preferia a rosa brancade York, fria e austera, e ela, segundo me disse, adorava rosas vermelhas, a rosa vermelha de Lancaster. Rosas vermelhas que têm cheiro e cor, paixão e calor. E é essa a diferença entre Elinor Carlisle e Roderick Welman, meu amigo.
- E isso explica alguma coisa? - disse Peter Lord.
- Explica Elinor Carlisle - que é apaixonada e orgulhosa e que amava desesperadamente um homem que era incapaz de a amar...
- Não o compreendo... - disse Peter Lord.
- Mas eu compreendo-a... Compreendo-os a ambos. Agora, meu amigo, vamos outra vez àquela pequena clareira entre os arbustos.

Foram. O rosto sardento de Peter Lord estava perturbado e zangado.

Quando chegaram ao local, Poirot ficou imóvel algum tempo, e Peter Lord observava-o.

De repente o detective deu um suspiro de aborrecimento.

- É realmente tão simples - disse ele. - O meu amigo não vê o erro fatal do seu raciocínio? Segundo a sua teoria, alguém, possivelmente um homem que tivesse conhecido Mary Gerrard na Alemanha veio aqui no propósito de a matar. Mas veja, amigo, veja! Use os olhos que tem na cara, já que os do espírito parece que não lhe servem. Que vê daqui: uma janela, não é? E à janela - uma rapariga. Uma rapariga a fazer sanduíches! Isto é, Elinor Carlisle. Mas pense um minuto no seguinte: Quem é que havia de dizer ao observador que aquelas sanduíches iam ser oferecidas a Mary Gerrard? Ninguém sabia isso senão a própria Elinor Carlisle - mais ninguém! Nem mesmo Mary Gerrard, nem a enfermeira Hopkins. Portanto, eis o que acontece: Se um homem estivesse aqui a observar, se depois se dirigisse à janela, saltasse para dentro e tocasse nas sanduíches, que pensava ele? Pensava, devia pensar, que as sanduíches iam ser comidas por Elinor Carlisle...

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

Poirot bateu à porta da casa da enfermeira Hopkins.

Esta abriu-lha com a boca cheia de bolo.

- Que mais quer, sr. Poirot? - perguntou ela sacudidamente.

- Posso entrar?

Com certa má vontade a enfermeira Hopkins afastou-se e permitiu que Poirot entrasse. Demonstrou-lhe a sua hospitalidade oferecendo-lhe chá, e, um minuto depois Poirot olhava com ar desconsolado para uma chávena de uma bebida escura.

- Acabado de fazer, está quente e forte! - disse ela.

Poirot mexeu cuidadosamente o chá e sorveu heroicamente um gole.

- Faz alguma ideia do que me traz cá? - perguntou ele.

- Não posso saber ao certo sem o senhor me dizer. Não tenho pretensões de ler nos espíritos alheios.

- Vim pedir-lhe que me conte a verdade.

A enfermeira Hopkins levantou-se colérica:

- Que quer dizer com isso, posso saber? Sempre falei verdade. Não sou pessoa para usar disfarces. Declarei francamente no inquérito o desaparecimento do tubo de morfina quando muitas no meu lugar teriam ficado impávidas e não teriam dito nada. E no entanto eu sabia muito bem que seria censurada pela falta de cuidado em deixar a minha maleta por aqui e por ali; e todavia é uma coisa que pode acontecer a qualquer pessoa! Fui censurada por isso - o que não será muito bom para mim na minha profissão, posso garantir-lhe. Mas não me importei com isso! Sabia algumas coisas que se relacionavam com o caso e declarei-o. Agradeço-lhe, sr. Poirot, que guarde para si as insinuações mas s! nada há acerca da morte de Mary Gerrard sobre que eu não tenha sido clara e franca como a luz do dia, e se o senhor pensa de maneira diferente agradecia-lhe que se explicasse. Não escondi nada, absolutamente nada! E estou pronta a prestar juramento e apresentar-me no tribunal para o declarar.

Poirot não tentou interromper. Sabia muito bem a técnica de lidar com uma mulher zangada. Deixou-a irritar-se e recuperar a calma. Depois falou-lhe suavemente:

- Não estou a insinuar que haja qualquer coisa sobre o crime que a senhora não tivesse dito.

- Então que está a insinuar, posso saber?

- Pedi-lhe que contasse a verdade - Não acerca da morte mas acerca da vida de Mary Gerrard.

- Ah! - A enfermeira Hopkins pareceu de súbito embaraçada. - Com q1e então é aí que quer chegar? Mas isso não tem nada a ver com o crime.

- Eu não disse que tinha. Disse que a senhora se estava a negar a dar informações sobre ela.

- Por que não, se nada tem a ver com o crime - Poirot encolheu os ombros.

- E por que se há-de recusar...?

- Porque é da mais comum decência! - exclamou a enfermeira Hopkins com o rosto muito vermelho. - Já morreram as pessoas, todas as pessoas a quem o caso dizia respeito. E ninguém mais tem nada com isso!

- Se são apenas conjecturas, talvez não. Mas se sabe realmente a verdade é diferente.

- Não sei bem o que quer dizer...

Poirot ofereceu:

- Eu ajudo-a. Notei umas alusões da enfermeira O'Brien e tive uma longa conversa com a

sr^a Slattery que tem uma excelente memória para acontecimentos que se passaram há mais de vinte anos. Vou dizer-lhe exactamente o que soube. Há mais de vinte anos houve um caso de amor entre duas pessoas. Uma delas era a sr^a L. Welman, viúva há anos e que era uma mulher capaz de um amor profundo e apaixonado. A outra pessoa era Sir Lewis Rycroft que tinha a grande infelicidade de ser casado com uma mulher que estava loucassem cura possível. A lei naquele tempo não admitia a hipótese de liberdade pelo divórcio e a sr^a Rycroft cuja saúde física era excelente podia viver até aos noventa. A ligação entre estas duas pessoas foi, creio, suspeitada, mas eram ambos discretos e cuidadosos em manter as aparências. Depois Sir Lewis Rycroft morreu na guerra.

- E que mais? - disse a enfermeira Hopkins.

- Suponho - disse Poirot - que nasceu uma criança depois da morte dele e que essa criança era Mary Gerrard.

- Parece-me que sabe tudo o que há a saber! - exclamou ela.

- Também me parece. Mas é possível que a senhora tenha uma prova definitiva de que as coisas são assim.

A enfermeira Hopkins ficou um momento sentada em silêncio, franzindo a testa, depois abruptamente levantou-se, atravessou o quarto, abriu uma gaveta e tirou um sobrescrito que entregou a Poirot.

- Já lhe digo como isso me veio ter às mãos. Eu tinha as minhas suspeitas. Por um lado a maneira como a sr^a Welman olhava para a rapariga, e por outro o que ouvia murmurar. E o velho Gerrard disse-me quando estava doente que Mary não era filha dele.

«Depois da morte de Mary acabei de arrumar a casa do guarda, e numa gaveta, entre outras coisas do velho, encontrei essa carta. Leia o que diz.

Poirot leu o que estava escrito no topo, a tinta muito desvanecida: Para Mary - para lhe ser entregue depois da minha morte.

- Este papel não é recente! - observou Poirot.

- Não foi Gerrard quem o escreveu - explicou ela. - Foi a mãe de Mary, que morreu há catorze anos. Destinava-se à rapariga, mas o velho conservou-a entre as suas coisas e por isso ela nunca a chegou a ver -e ainda bem que não viu! Pôde andar sempre de cabeça levantada, e não teve razão para se sentir envergonhada.

Fez uma pausa e continuou:

- Estava selada, mas quando a encontrei confesso-lhe que a abri e li, logo naquele instante, o que, diga-se, não devia ter feito. Mas Mary tinha morrido, eu calculava mais ou menos o que a carta dizia, e pensei que não interessasse a mais ninguém. Contudo, não me agradou destruí-la, porque achei que talvez não fosse bom fazer isso. Mas aí tem, é melhor lê-la o senhor.

Poirot leu a folha de papel escrita numa letra pequena e angulosa:

O que aqui fica escrito é a verdade, caso ela venha a ser precisa.

Eu era criada de quarto da Sr^a Welman em Hunterbury, e ela era muito boa para mim. Aconteceu-me uma desgraça, e ela amparou-me e retomou-me ao seu serviço quando tudo acabou; mas a criança morreu. A minha senhora e Sir Rycroft gostavam um do outro, mas não podiam casar, porque ele já era casado e a mulher estava num manicómio. Era um senhor muito distinto e dedicado à Sr^a Welman.

Morreu e ela disse-me pouco depois que ia ter um filho. Depois foi para a Escócia e levou-me consigo. A criança nasceu lá - em Ardlochrie. Bob Gcrrard, que me tinha virado as costas e que me abandonou quando eu estava em dificuldades, começou outra vez a escrever-me.

Combinou-se que casaríamos, viveríamos na casa do guarda e ele julgaria que a criança era minha. Vivendo ali, seria natural que a Sr^a Welman se interessasse pela criança, cuidasse da sua educação e lhe desse um futuro. Ela achou que seria melhor para Mary nunca saber a verdade. A Sr^a Welman deu-nos uma boa quantia em dinheiro; mas eu tê-la-ia ajudado mesmo sem isso. Fui bastante feliz com Bob, mas ele nunca gostou de Mary. Calei-me sempre e nunca disse nada a ninguém, mas acho que devo escrever isto para o caso de eu morrer.

Eliza Gerrard (de solteira Eliza Riley)

Hercule Poirot respirou fundo e dobrou a carta.

- Que vai fazer com isso? - perguntou ansiosamente a enfermeira Hopkins. - Já morreram todos ! Não serve de nada revolver essas coisas. Toda a gente nestes sítios respeitava a sr^a Welman; nunca se disse nada dela. Todo esse escândalo antigo seria cruel. E o mesmo sucede com Mary. Era uma rapariga adorável. Por que há-de toda a gente saber que era filha ilegítima? Deixemos descansar os mortos é o que lhe digo.

- Tem de se pensar nos vivos - retorquiu Poirot.

- Mas isto nada tem a ver com o crime - repetiu ela.

- Pode ter até muito - afirmou Hercule Poirot gravemente.

Saiu de casa da enfermeira Hopkins, deixando esta de boca aberta a olhar para ele.

Tinha caminhado um pouco quando se apercebeu duns passos hesitantes atrás dele. Parou e voltou-se.

Era Horlick, o jardineiro de Hunterbury. Tinha uma cara de atrapalhão e torcia e retorcia o boné com as mãos.

- Desculpe, mas posso dar-lhe uma palavra?

Horlick falava engolindo as sílabas.

- Com certeza. O que é?

Horlick retorceu o boné ainda com mais fúria e disse, desviando a vista com uma cara de aflição e embaraço.

- É por causa do carro.

- O carro que estava ao pé do portão de trás naquela manhã?

- Sim senhor. O dr. Lord disse hoje de manhã que não era o carro dele... mas era.

- Tem a certeza disso?

- Sim senhor. Por causa do número. Era MSS 2022. Reparei especialmente nisso, MSS 2022. É conhecido cá na terra por Miss Dois e Dois! Por isso tenho a certeza.

Poirot sorriu.

- Mas o dr. Lord diz que estava em Withenbury nessa manhã.

Horlick repetiu com um ar infeliz:

- Pois é. Eu ouvi. Mas era o carro dele... Ia jurar que era.

- Obrigado, Horlick, é isso precisamente o que pode ter que fazer... - disse Poirot.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO PRIMEIRO

Estava calor ou frio no tribunal ? Elinor Carlisle não sabia bem. às vezes sentia-se a escaldar, como se tivesse febre, e logo a seguir tremia de frio.

Não tinha ouvido o fim do discurso do advogado de defesa. Tinha voltado ao passado - revivido lentamente todo o caso, desde o dia em que recebeu a horrível carta até o momento em que aquele agente da polícia, de cara bem escanhoadada, tinha dito com terrível fluência:

«A senhora é que é Elinor Katharine Carlisle? Tenho aqui uma ordem de prisão por ter morto Mary Gerrard, envenenando-a, a 27 de Julho passado, e devo avisá-la que tudo o que disser será registado por escrito e pode ser usado como prova no seu julgamento.» Horrível e assustadora fluência... Sentia-se apanhada por uma engrenagem, bem lubrificada, trabalhando suavemente, uma engrenagem desumana e fria.

E agora aqui estava, sentada no banco dos réus sob o foco da publicidade, com centenas de olhos, que não eram nem indiferentes nem desumanos, olhando-a com curiosidade e maligna satisfação...

Só os jurados não olhavam para ela. Embaraçados, conservavam os olhos desviados, numa atitude estudada... Pensava:

«É porque sabem o que vão dizer brevemente...»

O dr. Lord estava a prestar declarações. Era o mesmo Peter Lord, o jovem médico de rosto sardento e alegre que tinha sido tão bom e afável em Hunterbury? Estava muito direito, rigidamente profissional. As suas respostas saíam monotonamente: tinham sido chamado a Hunterbury pelo telefone; mas chegara demasiado tarde para fazer qualquer coisa; Mary Gerrard morrera poucos minutos depois dele chegar; a morte, na sua opinião, fora provocada por envenenamento com morfina numa das suas formas menos vulgares - o tipo «foudroyante».

Sir Edwin Bulmer levantou-se para interrogar a tesemunha.

- O senhor era já há tempo médico assistente da falecida sr^a Welman?

- Era.

- Durante as suas visitas a Hunterbury e em Junho passado teve ocasião de ver a acusada e Mary Gerrard juntas?

- Várias vezes.

- Que diz da atitude da acusada para com Mary Gerrard?

- Perfeitamente simpática e natural.

- Nunca viu quaisquer sinais daquele «ódio saturado de ciúme» de que se tem falado tanto?

- perguntou Sir Edwin Bulmer com um ligeiro sorriso desdenhoso.

- Não - respondeu firmemente Peter Lord.

Elinor pensou: Mas viu - ele viu... acaba de dizer uma mentira para me favorecer... Ele sabia...

A Peter Lord sucedeu o cirurgião da polícia. As suas declarações foram mais longas e mais pormenorizadas. A morte tinha sido devida a envenenamento com morfina e era do tipo chamado «foudroyante». Pediram-lhe que explicasse aquele termo. Fê-lo com certo prazer. A morte por envenenamento com morfina podia ter diversos aspectos.

O mais comum era um período de intensa excitação, seguido de sonolência e narcose, com as pupilas contraídas. Uma outra, não tão vulgar, fora classificada pelos franceses como

«foudroyante». Nestes casos um sono profundo sobrevinha pouco tempo depois - cerca de dez minutos; as pupilas ficavam geralmente dilatadas...

A audiência tinha sido interrompida e aberta novamente. Houvera algumas horas de depoimentos médicos especializados.

O dr. Alan Garcia, distinto analista, falou com prazer e muitos termos científicos do conteúdo do estômago: pão, conservas de peixe, chá, presença de morfina... mais termos científicos e vários números decimais. Quantidade ingerida pela morta, avaliada em quatro grãos aproximadamente.

A dose fatal podia ser às vezes apenas de um grão.

Sir Edwin levantou-se ainda calmo.

- Gostaria que isso ficasse perfeitamente claro. Não encontrou no estômago nada senão pão, conserva de peixe, chá e morfina? Não havia outros alimentos?

- Mais nenhuns.

- Quer dizer que a vítima não comeu senão sanduíches e chá durante um espaço de tempo considerável?

- Exactamente.

- Havia alguma coisa que mostrasse em que veículo especial a morfina tinha sido ingerida?

- Não compreendo bem.

- Eu explico: A morfina podia ter sido ingerida na conserva de peixe, no pão, ou na manteiga do pão, no chá, ou no leite que se juntou ao chá?

- Evidentemente.

- Não havia indicação especial que a morfina estivesse na conserva de peixe em vez de estar em qualquer outro alimento? - Não.

- E a morfina podia de facto ter sido ingerida separadamente, isto é, sem qualquer veículo? Podia ter sido simplesmente ingerida em forma de comprimidos?

- Sim, podia.

Sir Edwin sentou-se.

Sir Samuel interrogou a seguir:

- Contudo, é de opinião que, quando quer que a morfina tivesse sido ingerida, foi ao mesmo tempo que os alimentos e a bebida? - Sim.

- Obrigado.

O inspector Brill fez o juramento com uma fluência mecânica. Estava ali militarmente e impassível desfiando as suas declarações com a facilidade de quem tinha prática do que estava a fazer.

- Fui chamado à casa... A acusada disse: «Deve ter sido a conserva de peixe que estava estragada...» busca das premissas... um boião de conserva de peixe lavado estava no lavadouro na copa, outro meio-vazio... mais busca na copa e na cozinha...

- Que encontrou?

- Numa fenda, do soalho próximo da mesa, encontrei um pedacito de papel.

O pedaço de papel em questão foi apresentado ao júri.

"COMPRIMIDOS HIPO HidrOMORFINA"

- Que acham que seja?

- Um pedaço de um rótulo como os usados nos tubos de vidro que contêm morfina.

O advogado de defesa levantou-se compassadamente e, com à-vontade, perguntou:

- Achou este pedaço de papel numa fenda do soalho?

- Sim.

- Parte de um rótulo?
- Sim.
- Encontrou o resto do rótulo?
- Não.
- Não encontrou nenhum tubo de vidro, nem nenhum frasco ao qual pudesse pertencer o rótulo?
- Não.
- Qual era o estado do pedaço de papel quando o encontrou? Estava limpo ou sujo?
- Estava com ar bastante novo.
- Que quer dizer com bastante novo?
- Tinha somente um pouco de pó do chão à superfície, mas de resto estava bastante limpo.
- Não podia lá estar há muito tempo, pois não?
- Não, tinha caído ali há pouco tempo.
- Diria, até, que teria caído ali no próprio dia em que o encontrou, e não antes?
- Sim.

Fungando o advogado sentou-se.

A enfermeira Hopkins, estava no lugar das testemunhas, com o rosto vermelho e um ar virtuoso.

Apesar de tudo, pensou Elinor, a enfermeira Hopkins não era tão temível como o inspector Brill. A desumanidade do inspector Brill causava arrepios. Era como se fizesse parte de uma grande máquina. A enfermeira Hopkins tinha sentimentos e preconceitos.

- O seu nome é Jessie Hopkins?
- Sim.
- É enfermeira e reside no Chalé Rosa em Hunterbury?
- Sim.
- Onde esteve no dia 28 de Junho passado?
- Estive em Hunterbury.
- Tinha sido chamada?
- Sim. A sr^a Welman tinha tido um ataque, o segundo. Fui ajudar a enfermeira O'Brien até se encontrar uma outra enfermeira particular.
- Levava consigo uma maleta?
- Sim.
- Diga ao júri o que continha.
- Ligaduras, pensos, uma seringa hipodérmica e alguns medicamentos, incluindo um tubo de morfina hidroclorídrica.
- Para que fim o tinha?
- Um dos doentes da terra tinha de tomar injeções hipodérmicas de morfina de manhã e à noite.
- Que continha o tubo?
- Continha vinte comprimidos de meio grama de morfina hidroclorídrica cada um.
- Que fez à sua maleta?
- Deixei-a cá em baixo no vestíbulo.
- Isso passou-se na noite de 28. Quando é que voltou a ter ocasião de abrir a maleta?
- Na manhã seguinte cerca das nove horas, precisamente quando me preparava para me ir embora.
- Faltava alguma coisa?
- Faltava o tubo de morfina.

- Referiu-se a esse desaparecimento?

- Falei dele à enfermeira O'Brien, a enfermeira permanente da doente.

- A maleta estava no vestíbulo, onde as pessoas costumavam passar quando entravam ou saíam?

- Sim.

Sir Samuel fez uma pausa e depois perguntou:

- Conhecia a vítima intimamente?

- Sim.

- Que opinião tinha dela?

- Era uma rapariga muito meiga e boa.

- Tinha um feitio alegre?

- Muito alegre.

- Que a senhora soubesse, ela não tinha nada que a preocupasse ou desgostasse?

- Não.

- Na ocasião em que morreu havia alguma coisa que a preocupasse ou lhe fizesse antever um futuro infeliz?

- Nada.

- Não teria tido razão nenhuma para pôr termo à vida?

- Absolutamente nenhuma.

E mais uma vez se repetiu a maldita história. A enfermeira Hopkins acompanhara Mary à casa do guarda, o aparecimento de Elinor, a sua atitude excitada, o convite para comer as sanduíches, o prato oferecido primeiro a Mary.

A sugestão de Elinor de que se lavasse tudo e a sua outra ideia de ir com a enfermeira ao primeiro andar para ela a ajudar a escolher as roupas.

Houve frequentes interrupções e objecções de Sir Edwin Bulmer.

Elinor pensou: Sim, é tudo verdade - e ela sabe-o. Tem a certeza que fui eu. E tudo que diz é verdade - é isso o mais horrível. É tudo verdade.

Ao olhar para a sala do tribunal, viu mais uma vez, a cara de Hercule Poirot contemplando-a, pensativo, quase ternamente. Contemplando-a com demasiada compreensão...

Olhando para ela como quem sabe muita coisa...

O cartão com o pedaço de rótulo colado foi passado à testemunha.

- Sabe o que isto é?

- É um bocado de um rótulo.

- Pode dizer ao júri que rótulo?

- Sim, é um bocado de um rótulo de um tubo de comprimidos hipodérmicos. Comprimidos de morfina de meio grama cada, como o que me desapareceu.

- Tem a certeza disso?

- Claro que tenho. É do meu tubo.

O juiz interveio:

- Há nele qualquer sinal pelo qual possa identificá-lo como sendo o rótulo do tubo que perdeu?

- Não, excelência, mas deve ser o mesmo.

- Tudo o que pode dizer positivamente é que é precisamente idêntico, não é?

- Sim, é isso que quero dizer.

O tribunal encerrou a sessão.

CAPÍTULO SEGUNDO

No dia seguinte.

Sir Edwin Bulmer estava de pé interrogando. O seu modo não era nada suave.

- A respeito da maleta de que se tem falado tanto: deixou-a no dia 28 de Junho, toda a noite, no vestíbulo principal de Hunterbury?

A enfermeira Hopkins confirmou:

- Sim, deixei.

- Isso revela bastante falta de cuidado, não acha?

Ela corou.

- Confesso que sim.

- Tem o costume de deixar medicamentos perigosos por aqui e por ali onde qualquer pessoa os pode tirar?

- Não, claro que não.

- Ah, não? Mas fê-lo nessa ocasião?

- Pois fiz.

- E, é facto, que qualquer pessoa da casa podia ter tirado a morfina se quisesse?

- Suponho tue sim.

- Não tem que supor. É assim ou não é?

- É.

- Não era apenas Miss Carlisle quem o podia ter tirado, poii não? Qualquer dos criados podia. Ou o dr. Lord, ou o sr. Roderick Welman ou a enfermeira O'Brien ou mesmo a própria Mary Gerrard?...

- Suponho q1e sim.

- É assim ou não é?

- É.

- Alguém sabia que tinha morfina na sua maleta?

- Não sei.

- Disse-o a alguém?

- Não.

- Portanto, na verdade, Miss Carlisle não podia saber que havia lá morfina?

- Podia ter aberto para ver.

- Não é muito natural, pois não?

- Não sei.

- Havia outras pessoas que tinham mais probabilidades de saber da existência da morfina do que Miss Carlisle. O dr. Lord, por exemplo. Ele sabia. Estava a dar morfina por receita dele, não era?

- Claro.

- Mary Gerrard também sabia que a tinha na maleta?

- Não, não sabia.

- Ela ia frequentes vezes a sua casa, não ia?

- Não, muitas vezes.

- Devo dizer-lhe que ela estava lá muito frequentemente, e que seria de todas as pessoas da casa a que tinha maior possibilidade de saber que havia morfina na maleta.

- Não concordo.

Sir Edwin fez uma pausa curta.

- Disse de manhã à enfermeira O'Brien que a morfina tinha desaparecido?
- Sim.
- Lembro-lhe que o que realmente disse foi: «Deixei a morfina em casa. Tenho de ir buscá-la.».
- Não, eu não disse isso.
- Não sugeriu que a morfina tinha sido deixada na chaminé do fogão, em sua casa?
- Bem, quando não a encontrei, pensei que talvez tivesse acontecido isso.
- Na realidade, não sabia bem onde a tinha posto?
- Sabia sim. Pu-la na maleta.
- Então porque sugeriu na manhã de 29 de Junho que a tinha deixado em casa?
- Porque pensei que o podia ter feito.
- Devo dizer-lhe que é uma pessoa muito descuidada.
- Isso não é verdade.
- Faz às vezes afirmações bastante imprecisas, não acha?
- Não, não faço. Tenho muito cuidado no que digo.
- Referiu-se a uma picada de uma roseira no dia 27 de Julho, dia da morte de Mary Gerrard?
- Não percebo o que isso tem a ver com o caso!

O juiz perguntou:

- Isso tem importância para o crime, Sir Edwin?
- Sim, Excelência, é uma parte essencial da defesa e tenciono apresentar testemunhas para provar que aquela afirmação é falsa.

E recomeçou:

- Mantém que picou o pulso numa roseira no dia 27 de Julho?
- Mantenho.

A enfermeira Hopkins tinha agora um ar arrogante.

- Quando foi isso?
- Sucedeu precisamente ao sair da casa do guarda para me dirigir à casa grande na manhã de 27 de Julho.
- E em que roseira foi? - perguntou Sir Edwin cepticamente.
- Numa trepadeira com rosas vermelhas logo à saída da casa do guarda.
- Tem a certeza disso?
- Absoluta certeza.

Sir Edwin fez uma pausa e depois prosseguiu o interrogatório: - Continua a afirmar que a morfina estava na maleta quando veio para Hunterbury a 28 de Junho?

- Continuo. Trazia-a comigo.
- Suponha que a enfermeira O'Brien se apresenta, agora, como testemunha e jura que a senhora lhe disse que a tinha provavelmente deixado em casa?
- Estava na minha maleta. Tenho a certeza disso.

Sir Edwin suspirou.

- Não se sentiu nada preocupada com o desaparecimento da morfina?
- Não, preocupada, não.
- Ah, estava então perfeitamente tranquila, apesar do facto de lhe ter desaparecido uma grande quantidade de um medicamento perigoso?
- Não pensei na altura que alguém o tivesse tirado.
- Compreendo. Apenas naquele momento não se lembrou onde o tinha posto.
- Nada disso. Estava na maleta.

- Vinte comprimidos de meio grama, isto é, dez gramas de morfina. O suficiente para matar várias pessoas, não é assim?

- É.

- Mas não ficou preocupada e nem sequer participou oficialmente o desaparecimento.

- Pensei que não tinha importância.

- Devo dizer-lhe que se a morfina desapareceu e, da maneira como desapareceu, a senhora devia, como pessoa conscienciosa, participar oficialmente o desaparecimento.

- Mas não o fiz - disse a enfermeira Hopkins com o rosto muito vermelho.

- Isso foi, sem dúvida, um descuido grave da sua parte. Não parece tomar as suas responsabilidades muito a sério.

Perde muitas vezes esses medicamentos perigosos?

- Nunca me tinha acontecido.

O interrogatório durou ainda alguns minutos. A enfermeira Hopkins perturbada, com o rosto vermelho, contradizendo-se... em suma uma presa fácil para o talento de Sir Edwin.

- É verdade que, na quinta-feira, 6 de Julho, Mary Gerrard fez testamento?

- É.

- Por que fez ela isso?

- Porque achou que o devia fazer. E devia.

- Tem a certeza de que não foi por se sentir deprimida e incerta sobre o futuro?

- Nada disso.

- O facto, porém, mostra que a ideia da morte estava presente no seu espírito, que ela pensava no assunto.

- De maneira nenhuma. Achava simplesmente que era o que devia fazer.

- É este o testamento? Assinado por Mary Gerrard, sendo testemunhas Emily Biggs e Roger Wade empregados de confeitaria, legando tudo o que possuísse na data da sua morte a Mary Riley, irmã de Eliza Riley?

- É isso mesmo.

O documento foi entregue ao júri.

- Que a senhora soubesse, Mary Gerrard tinha alguns bens para deixar?

- Não, naquela altura, não tinha.

- Mas ia ter em breve?

- Sim, ia.

- É ou não um facto que Miss Carlisle começara já a dar a Mary uma quantia considerável em dinheiro, qualquer coisa como duas mil libras?

- Sim, é verdade.

- Miss Carlisle não era obrigada a fazer isso. Foi apenas um impulso generoso da parte dela?

- Sim, fez isso de sua livre vontade.

- Mas certamente que se odiasse Mary Gerrard, como se diz, não lhe daria de sua livre vontade uma enorme quantia em dinheiro.

- Talvez.

- Que quer dizer com essa resposta?

- Não quero dizer nada.

- Muito bem. Então outro assunto: ouviu alguma insinuação maliciosa sobre Mary Gerrard e o sr. Roderick Welman?

- Estava apaixonado por ela.

- Tem provas disso?

- Sabia apenas, mais nada.
- Ah, sabia apenas. Receio que isso não seja muito convincente para o júri. Disse numa ocasião que Mary não queria nada com ele por estar noivo de Miss Elinor e que ela lhe dissera isso novamente em Londres?

- Foi o que ela me contou.

Sir Samuel Attenbury voltou a interrogar:

- Quando Mary Gerrard estava discutindo consigo o texto deste testamento a acusada passou na rua acercou-se da janela e viu?

- Sim, viu.

- Que disse ela?

- Disse: «Com que então está a fazer testamento, Mary? Essa tem graça!». E desatou a rir, a rir. Na minha opinião - disse a testemunha malevolamente - foi nesse momento que a ideia lhe veio à cabeça, a ideia de acabar com a pequena! Lia-se-lhe nos olhos o desejo de a matar.

- Limite-se a responder às perguntas que lhe são feitas. A última parte dessa resposta não deve ser considerada... - disse o juiz àasperamente.

Elinor pensou: «É curioso... Quando alguém diz a verdade não tomam em consideração.». Apetecia-lhe rir, rir histericamente.

Era testemunha a enfermeira O'Brien.

- Na manhã de 29 de Junho a enfermeira Hopkins fez-lhe alguma observação?

- Fez. Disse que lhe tinha desaparecido da maleta um tubo de morfina hidroclorídrica.

- E que fez a senhora?

- Ajudei-a a procurá-lo.

- Mas não o achou?

- Não.

- Que a senhora saiba, a maleta foi deixada de um dia para o outro no vestíbulo, não foi?

- Foi.

- O sr. Welman e a acusada estavam ambos instalados lá em casa na altura da morte da sr^a Welman, isto é, de 28 para 29 de Junho?

- Estavam.

- Quer fazer o favor de nos contar um incidente ocorrido a 29 de Junho, no dia seguinte à morte da sr^a Welman?

- Vi o sr. Roderick Welman com Mary Gerrard. Ele estava a dizer-lhe que a amava e tentou beijá-la.

- Estava nessa altura noivo da acusada?

- Estava.

- Que aconteceu depois?

- Mary disse-lhe que ele se devia sentir envergonhado e admirou-se que fizesse aquilo estando noivo de Miss Elinor.

- Na sua opinião quais eram os sentimentos da acusada para com Mary Gerrard?

- Odiava-a. Costumava olhar para ela como se quisesse aniquilá-la.

Sir Edwin levantou-se de um pulo.

Elinor pensou: «Por que é que fazem questão? Que importância tem? Foi a vez de Sir Edwin Bulmer interrogar:

- É, ou não, verdade a enfermeira Hopkins dizer que pensava ter deixado a morfina em casa?

- Bem, foi assim: depois de...
 - Queira ter a bondade de responder à minha pergunta.
Ela não disse que provavelmente tinha deixado a morfina em casa?
 - Disse.
 - Naquele momento não estava realmente preocupada com isso?
 - Não, naquele momento, não.
 - Porque pensou que a tinha deixado em casa. Portanto, como é natural, não estava preocupada. Ela não pensou que alguém a tivesse tirado?
 - Pois não. Só depois da morte de Mary Gerrard por meio de morfina é que a imaginação dela começou a trabalhar.
- O juiz interrompeu:
- Sir Edwin, acho que já debateu essa questão com testemunha anterior.
 - Peço desculpa a V'. Excelência.
 - Quanto à atitude da acusada para com Mary Gerrard, não houve nunca nenhuma questão entre elas?
 - Nunca houve questão nenhuma, isso não.
 - Miss Carlisle foi sempre amável com a rapariga?
 - Sim. O pior era a maneira como olhava para ela.
 - Sim, pois sim. Mas não podemos guiar-nos por isso. É irlandesa, não é?
 - Sou sim, senhor.
 - Os irlandeses têm uma imaginação bastante viva, não é verdade?
 - Tudo o que disse é verdade - exclamou a enfermeira O'Brien exaltada.

O merceeiro Abbot apresentou-se como testemunha.

Apareceu perturbado, vacilante (todavia ligeiramente satisfeito com a sua importância) As suas declarações foram breves.

A compra de dois boiões de conserva de peixe. A acusada tinha dito: «Há muitos casos de envenenamento com as conservas de peixe.» Tinha um aspecto excitado e estranho.

Não houve interrogatório.

Discurso do advogado de defesa: «Senhores jurados, podia, se quisesse, declarar-vos que não há provas nenhuma contra a acusada. A responsabilidade das provas pertence à acusação e na minha opinião - e sem dúvida na vossa - não provaram absolutamente nada ! A acusação afirma que Elinor Carlisle tendo conseguido apoderar-se da morfina (a qual toda a gente na casa tinha tido oportunidade de tirar e que aliás não se sabe ao certo se lá estaria ou não) decide envenenar Mary Gerrard. Aqui a acusação baseou-se apenas na oportunidade. Procurou provar o motivo mas observo-lhes que foi isso precisamente que não conseguiu fazer. Porque, senhores membros do júri, não há motivo! A acusação falou do rompimento de um noivado. Singular motivo - com franqueza! Se um noivado desfeito é motivo para crime, por que não se cometem crimes todos os dias? esse noivado, reparem, não era um caso de paixão desesperada, era um noivado arranjado por meras razões de família. Miss Carlisle e o sr. Welman cresceram juntos, sempre gostaram um do outro, e gradualmente foram impelidos a um laço mais estreito; mas tenciono provar-vos que era, na melhor das hipóteses, um caso de puro afecto.

(Oh, Roddy, Roddy! Um caso de puro afecto!).

Além disso, o noivado foi acabado, não pelo sr. Welman, mas pela acusada. observo-lhes que o noivado entre Elinor Carlisle e Roderick Welman foi arranjado principalmente para

agradar à sr^a Welman. Quando esta morreu ambos compreenderam que os seus sentimentos não eram suficientemente fortes para justificarem o casamento. Ficaram, porém, bons amigos. Além disso, Elinor Carlisle, que herdou a fortuna da tia, num gesto de bondade mandou dar a Mary Gerrard uma quantia considerável em dinheiro.

E é acusada de ter morto essa rapariga! Chega a ser cómico.

A única coisa que há contra Elinor Carlisle são as circunstâncias em que o envenenamento se deu.

A acusação disse realmente: Ninguém senão Elinor Carlisle podia ter morto Mary Gerrard. Portanto trataram de procurar um motivo possível.

Mas, como vos diise, foram incapazes de achar um motivo, porque não havia nenhum.

Agora vejamos é verdade que ninguém senão Elinor Carlisle podia ter morto Mary Gerrard? Não, não é. Há a possibilidade de Mary Gerrard se ter suicidado. Há a possibilidade de alguém ter mexido nas sanduíches enquanto Elinor Carlisle foi à casa do guarda. Há ainda uma terceira possibilidade. É lógico que se se pode demonstrar que existe uma alternativa possível e consistente para o caso, a acusada deve ser absolvida. Tenciono demonstrar-vos que havia outra pessoa que tinha idêntica oportunidade de envenenar Mary Gerrard, e que tinha um motivo incomparavelmente melhor para o fazer. Tenciono apresentar provas que vos mostrem que havia outra pessoa que tinha possibilidade de obter a morfina e que tinha um excelente motivo para matar Mary Gerrard, e posso também mostrar que essa pessoa tinha uma oportunidade igualmente boa de o fazer. Observo-lhes que nenhum júri no mundo condenaria esta mulher por crime quando não há nenhuma prova contra ela senão a oportunidade e quando, ainda para mais, se pode demonstrar que há provas contra outra pessoa: não só a oportunidade mas também um motivo fortíssimo. Apresentarei também testemunhas para provar que houve juramento falso deliberado da parte de uma das testemunhas. Mas primeiro chamarei a detida para ela vos contar a sua versão da história, e para poderem ver por vós próprios que as acusações contra ela são completamente infundadas.»

Elinor tinha prestado juramento. Respondia às perguntas de Sir Edwin em voz baixa. O juiz, inclinado para diante para ouvir, disse-lhe que falasse mais alto...

Sir Edwin falava suavemente e, encorajando-a, fazia-lhe perguntas cujas respostas ela tinha ensaiado.

- Gostava de Roderick Welman?

- Gostava muito. Era para mim como um irmão ou um primo. Sempre o considerei como primo...

O noivado... impelida a isso... muito agradável casar com alguém que sempre se conheceu...

- Não era, decerto, o que se podia chamar um caso de paixão? (Paixão? Oh, Roddy...).

- Bem, isso não... bem vê, conhecíamos-nos tão bem...

- Depois da morte da sr^a Welman houve entre ambos uma ligeira sensação de afastamento?

- Sim, houve.

- Como explica isso?

- Acho que era em parte por causa do dinheiro.

- Do dinheiro?

- Sim. Roddy sentia-se constrangido. Achou que as pessoas podiam pensar que ele casava comigo por interesse...

- O noivado desfez-se por causa de Mary Gerrard?

- Acho francamente que Roddy estava bastante entusiasmado por ela, mas supus que fosse coisa passageira.

- Teria ficado contrariada se não fosse?
- Não, com certeza. Acharia apenas que era um casamento desigual.
- Agora, outro assunto, Miss Carlisle: tirou ou não tirou um tubo de morfina da maleta da enfermeira Hopkins no dia 28 de Junho?
- Não tirei.
- Já teve alguma vez morfina na sua mão?
- Nunca.
- Sabia que a sua tia não tinha feito testamento?
- Não. Foi uma grande surpresa para mim.
- Acha que ela lhe queria comunicar qualquer coisa na noite de 28 de Junho quando morreu?
- Compreendi que ela não tinha feito nenhuma doação a Mary Gerrard e estava desejosa de o fazer.
- E, para realizar os desejos dela, estava disposta a entregar a rapariga uma quantia em dinheiro?
- Sim. Queria realizar os desejos da tia Laura. E estava grata pela bondade com que Mary tratara minha tia.
- A 26 de Julho chegou a Maidenford vinda de Londres e hospedou-se no King's Arms?
- Sim.
- Por que foi lá?
- Tinha um comprador para a casa e este queria tomar posse dela o mais depressa possível. Precisava de tirar os objectos de uso pessoal de minha tia e arranjar tudo.
- A 27 de Julho comprou vários géneros alimentícios no caminho para casa?
- Comprei. Pensei que seria mais fácil fazer lá um almoço género piquenique do que voltar à vila.
- Foi então direita à casa e separou os objectos de uso pessoal da sua tia?
- Sim.
- E depois disso?
- Vim à copa e fiz sanduíches. Depois fui à casa do guarda e convidei a enfermeira da localidade e Mary Gerrard para virem até lá a casa.
- Por que fez isso?
- Quis poupar-lhes uma caminhada de ida e volta até à vila com o calor que estava.
- Foi, realmente, um acto amável e natural da sua parte. Elas aceitaram o convite?
- Sim. Vieram comigo.
- Onde estavam as sanduíches que tinha feito?
- Deixei-as num prato, na copa.
- A janela estava aberta?
- Estava.
- Alguém podia ter entrado na copa enquanto esteve ausente?
- Com certeza.
- Se alguém a estivesse a observar de fora enquanto cortava as sanduíches, o que teria pensado esse alguém?
- Julgo que pensava que me preparava para um almoço género piquenique.
- Não podia saber que outras pessoas iam partilhar o almoço, pois não?
- Não. A ideia de convidar as duas só me ocorreu quando vi a quantidade de comida que havia.
- Então se alguém tivesse entrado em casa, durante a sua ausência, e colocado morfina

numa daquelas sanduíches, seria a si, que estava a tentar envenenar, não é assim?

- Sim, é.
 - Que sucedeu quando chegaram as três à casa grande?
 - Fomos para a sala de entrada. Fui buscar as sanduíches e ofereci-as a ambas.
 - Bebeu alguma coisa?
 - Bebi água. Havia cerveja mas a enfermeira Hopkins e Mary Gerrard preferiram chá. A enfermeira Hopkins foi à copa fazê-lo. Trouxe-o numa bandeja e Mary deitou-o nas chávenas.
 - Bebeu também?
 - Não.
 - Mas Mary Gerrard e a enfermeira Hopkins beberam ambas chá?
 - Sim, beberam.
 - Que sucedeu depois?
 - A enfermeira Hopkins saiu para ir apagar o gás.
 - Deixando-a sozinha com Mary Gerrard?
 - Sim.
 - E depois?
 - Passados poucos minutos peguei na bandeja e no prato das sanduíches e levei-os para a copa. A enfermeira Hopkins estava lá e as duas lavámos as coisas.
 - A enfermeira Hopkins tinha os punhos tirados nessa altura?
 - Sim, tinha. Lavou as coisas e eu limpei.
 - Fez-lhe alguma observação sobre um ferimento num pulso?
 - Perguntei-lhe se se tinha picado.
 - Que respondeu ela?
 - Disse: «Foi um espinho da roseira que fica junto da casa do guarda. Tiro-o depois.»
 - Que atitude era a dela nessa altura?
 - Julgo que estava com calor. Estava a suar e o rosto dela tinha uma cor estranha.
 - Que sucedeu depois?
 - Fomos ao primeiro andar e ela ajudou-me a arranjar as coisas da minha tia.
 - Que horas eram quando voltaram para baixo?
 - Deve ter sido uma hora depois.
 - Onde estava Mary Gerrard?
 - Estava sentada na sala de entrada. Respirava de uma maneira esquisita e estava em coma. Telefonei ao médico conforme as instruções da enfermeira Hopkins e ele chegou um pouco antes dela morrer.
- Sir Edwin lançou os ombros para trás numa atitude teatral.
- Matou Mary Gerrard, Miss Carlisle? (Eis a sua deixa. Levantou a cabeça e olhou em frente).
 - Não!
- Era a vez de Sir Samuel Attensbury a interrogar. Sentiu um baque no coração. Agora estava à mercê de um inimigo! Acabara-se a gentileza, acabaram-se as perguntas a que sabia responder.
- Mas ele começou bastante suavemente:
- Estava noiva e ia casar, disse-nos, com o sr. Welman?
 - Sim, estava.
 - Gostava dele?
 - Gostava muito.

- Não estava profundamente apaixonada por Roderick Welman e violentamente ciumenta do amor dele por Mary Gerrard?

- Não (teria soado com a devida indignação aquele «não»?).

Sir Samuel disse ameaçadoramente:

- Julgo que a senhora planeou afastar deliberadamente a rapariga do caminho, na esperança de que Roderick Welman voltasse para si.

- Nunca faria isso. (Desdenhosamente - com um tom de fadiga. Foi melhor desta vez).

As perguntas continuaram. Era como um sonho... um sonho mau... um pesadelo...

Pergunta sobre pergunta... perguntas horríveis, dolorosas...

Para algumas estava preparada, outras apanhavam-na desprevenida...

Sempre a tentar lembrar-se do papel. Nunca estar à vontade, nunca poder dizer: «Sim, odiava-a... Sim, queria que ela morresse... Sim, todo o tempo que estive a fazer as sanduíches pensei na morte dela...» Permanecer calma e iria respondendo o mais sucinta e indiferentemente possível...

Lutar... Lutar em cada momento.

Acabou... O horrível homem com nariz de judeu sentou-se.

E a amável e untuosa voz de Sir Edwin Bulmer fazia mais algumas perguntas. Perguntas fáceis e agradáveis, destinadas a afastar qualquer má impressão que ela pudesse ter provocado ao ser interrogada pelo advogado de acusação...

Estava de novo sentada no lugar dos réus, olhando para o júri, pensando...

Roddy no tribunal. Roddy ali, pestanejando um pouco, detestando tudo aquilo. Roddy parecendo-lhe muito pouco real.

Mas já nada é real. Tudo gira de uma maneira diabólica.

O preto é branco, o fim é o princípio, o leste é oeste... E eu não sou Elinor Carlisle; sou «a acusada». E quer me enforcem quer me soltem, a vida para mim nunca mais será a mesma coisa. Se houvesse ao menos uma coisa sã a que me pudesse agarrar...

(O rosto de Peter Lord, talvez, com as sardas e aquele seu ar sempre igual...)

Que perguntava agora Sir Edwin?

- Quer fazer o favor de nos dizer quais eram, realmente, os sentimentos de Miss Carlisle em relação ao senhor? Roddy respondeu com a sua voz bem timbrada:

- Eu diria que ela me estimava muito, mas não estava loucamente apaixonada por mim.

- Estava satisfeito com o seu noivado?

- Absolutamente. Compreendiamo-nos muito bem.

- Quer fazer o favor de dizer ao júri exactamente por que acabou o noivado?

- Bem, a morte da sr^a Welman fez-me reconsiderar, e eu não gostei da ideia de casar com uma mulher rica quando eu próprio não tinha dinheiro. Na realidade o noivado desfez-se de mútuo acordo. Ficámos ambos bastante aliviados.

- Agora queira fazer o favor de nos dizer quais eram as suas relações com Mary Gerrard.

(Oh Roddy, pobre Roddy, como deves detestar tudo isto!)

- Achava-a encantadora.

- Estava apaixonado por ela?

- Um pouco.

- Quando foi que a viu pela última vez?

- Deixe-me ver. Deve ter sido a 5 ou 6 de Julho.

- Creio que a viu depois disso - disse Sir Edwin, com uma voz metálica.

- Não, fui para o estrangeiro, Veneza e Dalmácia.

- Quando voltou para Inglaterra?

- Quando recebi um telegrama - deixe-me ver - no dia de Agosto, creio eu.
- Mas parece-me que o senhor estava em Inglaterra no dia 27 de Julho.
- Não estava.
- Então sr. Welman. Lembre-se de que prestou juramento. Não é verdade que o seu passaporte revela que o senhor regressou a Inglaterra no dia 25 de Julho e tornou a partir na noite de 27?

A voz de Sir Edwin tinha um tom subtilmente ameaçador.

Elinor franziu a testa, e de repente voltou à realidade. Por que estava o advogado a ameaçar a sua própria testemunha? Roddy ficou muito pálido. Não disse nada por uns momentos e depois declarou, fazendo um esforço:

- Sim, é verdade.
- Foi visitar Mary Gerrard ao apartamento dela em Londres no dia 25?
- Fui.
- Pediu-lhe que casasse consigo?
- Pedi.
- Qual foi a resposta dela?
- Recusou.
- É rico, sr. Welman?
- Não.
- E tem bastantes dívidas?
- Que tem o senhor com isso?
- Não sabia que Miss Carlisle lhe deixava todo o dinheiro em testamento?
- É a primeira vez que ouço dizer isso.
- Estava em Maidensford na manhã de 27 de Julho?
- Não.

Sir Edwin sentou-se, e o advogado de acusação começou por sua vez o interrogatório.

- Afirmou que, na sua opinião a acusada não estava profundamente apaixonada por si.
- Sim foi isso que eu disse.
- O senhor tem um espírito cavalheiresco, sr. Welman?
- Não sei o que quer dizer.
- Se uma senhora estivesse profundamente apaixonada por si, e o senhor não estivesse apaixonado por ela, sentir-se-ia na obrigação de esconder o facto?
- Evidentemente que não.
- Que colégio frequentou, sr. Welman?
- Eton.

Sir Samuel disse com um sorriso calmo:

- Mais nada.

Alfred James Wargrave.

- É cultivador de rosas e vive em Emsworth, Berks?
- Sim, Senhor.
- Foi, no dia 20 de Outubro, a Maidensford examinar uma roseira que fica junto da casa do guarda em Hunterbury Hall?
- Fui, sim senhor.
- Quer fazer o favor de descrever essa roseira?
- É uma roseira trepadeira, Zephyrine Drouhin. Dá uma flor vermelha muito perfumada. Não tem espinhos.
- Seria possível alguém picar-se numa roseira dessas?

- Seria completamente impossível. Não tem espinhos.
O interrogatório terminou aqui.

- O senhor é James Arthur Littledale, químico especializado, empregado nos laboratórios Jenkins & Hale?

- Sou, sim senhor.

- Quer ter a bondade de me dizer o que é este bocado de papel? A amostra foi-lhe entregue.

- É um fragmento de um dos nossos rótulos.

- Que espécie de rótulo?

- O rótulo dos tubos de comprimidos hipodérmicos.

- Há nesse fragmento elementos suficientes para poder dizer com certeza que medicamento estava no tubo ao qual pertencia esse rótulo?

- Há sim. Posso dizer com absoluta certeza que o tubo em questão continha comprimidos hipodérmicos de Hipomorfina Hidroclorídrica de meio grama.

- Não seria morfina hidroclorídrica?

- Não, não podia ser.

- Por que não?

- Nesses tubos a palavra Morfina está escrita com letra grande. E aqui o fim do m visto com a minha lente, mostra claramente que se trata de um m minúsculo e não de um M maiúsculo.

- Faz favor deixa o júri examinar com a lente. Tem consigo alguns rótulos para mostrar o que quer dizer? Os rótulos foram entregues ao júri.

Sir Edwin recomeçou:

- O senhor diz que isto é de um tubo de Apomorfina hidroclorídrica? O que é precisamente Apomorfina hidroclorídrica?

- A fórmula é $C_{17}H_{17}NO_2$. É um derivado de morfina preparado pela saponificação da morfina aquecendo-a com ácido hidroclorídrico diluído. A morfina perde uma molécula de água. - Quais são as propriedades especiais da Apomorfina?

O sr. Littledale explicou calmamente:

- A apomorfina é o mais rápido e poderoso vomitório conhecido. Actua em poucos minutos.

- Então se alguém tivesse ingerido uma dose mortal de morfina e injectasse hipodermicamente uma dose de apomorfina que sucederia pouco depois?

- Vomitava quase imediatamente e a morfina seria expelida do organismo.

- Portanto se duas pessoas tivessem comido a mesma sanduíche ou bebido do mesmo bule de chá, e uma delas injectasse depois uma dose de apomorfina, qual seria o resultado, supondo que o alimento ou bebida partilhados continham morfina?

- A pessoa que injectasse a apomorfina vomitava o alimento e a bebida juntamente com a morfina.

- E essa pessoa não sofria nada com isso?

- Não.

Houve de repente um movimento de excitação no tribunal e o juiz ordenou silêncio.

- A senhora é Amélia Mary Sedley e reside ordinariamente em Charles Street 17, Boonamba Auckland?

- Sim senhor.

- Conhece uma tal sr^a Draper?

- Sim. Conheço-a há mais de vinte anos.

- Sabe o nome de solteira dela?
- Sei. Estive no casamento dela. Chamava-se Mary Riley.
- A Sr^a Draper é natural da Nova Zelândia?
- Não, senhor, foi de Inglaterra para lá.
- A senhora tem estado presente no tribunal desde o princípio deste julgamento?
- Sim, senhor, tenho.
- Viu essa tal Mary Riley ou Draper, no tribunal?
- Sim, senhor.
- Onde a viu?
- Prestando declarações aqui onde estou.
- Sob que nome?
- Jessie Hopkins.
- E tem a certeza de que esta Jessie Hopkins é a que conhece como Mary Riley ou Draper?
- Não tenho a mínima dúvida.

Um ligeiro tumulto ao fundo da sala do tribunal.

- Quando viu Mary Draper pela última vez sem ser agora?
- Há cinco anos quando veio para Inglaterra.

Sir Edwin disse com uma vénia.

- A testemunha está ao seu dispor.

Sir Samuel, levantando-se com o rosto ligeiramente perplexo, começou:

- Lembro-lhe sr^a Sedley que pode estar enganada.
- Não estou enganada.
- Pode ter feito confusão, pode tratar-se de uma parecença ocasional.
- Conheço muito bem Mary Draper.
- A enfermeira Hopkins é uma enfermeira diplomada que exerce legalmente a sua profissão.
- Mary Draper era enfermeira antes de casar.
- Sabe que está a acusar uma testemunha de ter feito um juramento falso?
- Sei o que estou a dizer.
- Edward John Marshall, viveu alguns anos em Auckland, Nova Zelândia e reside agora em Wren Street 14, Deptford?
- Sim senhor.
- Conhece Mary Draper?
- Conheço-a há muitos anos, de Nova Zelândia.
- Viu-a hoje neste tribunal?
- Vi sim. Apresenta-se como Hopkins, mas era a sr^a Draper com certeza.

O juiz levantou a cabeça e falou numa voz clara e penetrante: - Julgo que era conveniente chamar de novo a testemunha Jessie Hopkins.

Uma pausa... Um murmúrio.

- Jessie Hopkins saiu do tribunal há poucos minutos, Excelência.

IX

Hercule Poirot!

Hercule Poirot assomou ao lugar das testemunhas, prestou juramento, retroceu o bigode e esperou, com a cabeça um pouco inclinada para um lado. Deu o nome, a direcção e a profissão.

- Reconhece este documento sr. Poirot?

- Reconheço.
- Como entrou em posse dele?
- Deu-mo a enfermeira Hopkins.

Sir Edwin disse:

- Com sua licença, Excelência, vou ler alto este documento e pode depois ser entregue ao júri.

CAPÍTULO QUARTO

Discurso final da defesa.

«Senhores jurados, a responsabilidade agora é vossa.

Compete-vos dizer se Elinor Carlisle deve sair em liberdade deste tribunal. Se depois das declarações que ouvistes, ainda creis que Elinor Carlisle envenenou Mary Gerrard, então é vosso dever declará-la culpada.

Mas se vos parecer que há provas igualmente fortes e talvez ainda mais fortes contra outra pessoa, então deveis libertar a acusada sem mais dificuldades.

Já devem ter notado que nesta ocasião os factos deste processo são muito diferentes do que pareciam ser originalmente.

Ontem, depois das dramáticas declarações prestadas pelo sr. Hercule Poirot, chamei outras testemunhas para provarem incontestavelmente que Mary Gerrard era filha ilegítima de Laura Welman. Sendo assim, acontece, que a parenta mais próxima da sr^a Welman não era a sua sobrinha Elinor Carlisle mas a filha ilegítima de nome Mary Gerrard. E portanto Mary Gerrard por morte da sr^a Welman herdava uma enorme fortuna. Esta é, meus senhores, a chave da situação.

Mary Gerrard herdara uma quantia de duzentas mil libras aproximadamente. Mas ela própria não tinha conhecimento do facto. Como também não tinha conhecimento da verdadeira identidade da Hopkins. Devem pensar, meus senhores, que Mary Riley ou Draper deve ter tido uma razão perfeitamente legítima para mudar o nome para Hopkins. Sendo assim, por que não explicou abertamente qual era essa razão? O que sabemos é o seguinte: que por instigação da enfermeira Hopkins, Mary Gerrard fez um testamento em que deixava tudo que possuía «a Mary Riley, irmã de Eliza Riley».

Sabemos que a enfermeira Hopkins, em virtude da sua profissão, tinha possibilidade de obter morfina e apomorfina e conhecia bem as suas propriedades. Além disso provou-se que a enfermeira Hopkins não falou verdade quando disse que se tinha picado num espinho de uma roseira que afinal não tem espinhos. Por que havia ela de mentir se não fosse porque queria dar uma explicação para a marca recentemente feita pela agulha hipodérmica? Lembrai-vos, também, que a acusada afirmou sob juramento que a enfermeira Hopkins, quando ela entrou na copa, tinha mau aspecto e o rosto de uma cor esverdeada, o que é bastante compreensível tendo ela acabado de vomitar violentamente.

Quero ainda frisar um outro ponto: Se a sr^a Welman tivesse vivido mais vinte e quatro horas, teria feito testamento; e provavelmente esse testamento conteria uma doação grande para Mary Gerrard, mas não a designaria como herdeira de toda a fortuna, uma vez que a sr^a Welman entendia que a sua filha ilegítima seria mais feliz se permanecesse numa outra esfera social.

Não me compete a mim declarar culpada outra pessoa, mas sim mostrar que essa outra pessoa tinha idênticas oportunidades e um motivo muito mais forte para o crime.

Observo-lhes senhores jurados que visto sob este ponto de vista, o caso contra Elinor

Carlisle cai pela base ..»

Conclusões do juiz Beddingfeld:

«..Devem concordar que esta mulher administrou realmente uma dose perigosa de morfina a Mary Gerrard no dia 27 de Julho. Se concordam devem absolver a detida.

A acusação afirmou que a única pessoa que tinha oportunidade de administrar veneno a Mary Gerrard era a acusada. A defesa tentou provar que havia outras alternativas.

Há a teoria de que Mary Gerrard se suicidou mas a única prova em que se baseia essa teoria é o facto de Mary Gerrard ter feito testamento pouco antes de morrer. Não há a menor prova de que estivesse deprimida ou se sentisse infeliz ou num estado de espírito que a levasse a acabar com a vida. Sugeriu-se também que a morfina podia ter sido posta nas sanduíches por uma pessoa que entrasse na copa durante o tempo em que Elinor Carlisle foi à casa do guarda. Nesse caso o veneno destinar-se-ia a Elinor Carlisle e a morte de Mary Gerrard fora um engano. A terceira alternativa sugerida pela defesa é que outra pessoa teve uma oportunidade idêntica de administrar morfina e que neste último caso o veneno foi posto no chá e não nas sanduíches. Para fundamentar esta teoria a defesa chamou a testemunha Littledalc, que jurou que o pedaço de papel encontrado na copa era parte de um rótulo de um tubo que continha comprimidos de apomorfina hidroclorídrica, um vomitório muito poderoso.

Foram-lhes mostrados ambos os tipos de rótulos. A meu ver, a polícia cometeu um erro grosseiro em não ter estudado bem o fragmento, comparando-o com o rótulo completo e ter concluído precipitadamente que era um rótulo de morfina. A testemunha Hopkins afirmou que se tinha picado numa roseira que está junto da casa do guarda. A testemunha Wargrave examinou essa roseira e verificou que não tinha espinhos. Os senhores têm de decidir o que foi que causou a marca no pulso da enfermeira Hopkins e por que mentiu ela...

Se a acusação vos convenceu de que foi a acusada quem cometeu o crime, então deveis considerar a acusada culpada.

Se a teoria alternativa sugerida pela defesa é possível e coerente com os factos, a acusada deve ser absolvida.

Peço-vos que decidam com coragem e interesse, tomando em conta apenas as provas que vos foram apresentadas.»

III

Elinor foi introduzida mais uma vez na sala do tribunal.

O júri preencheu os seus lugares.

- Estão de acordo sobre a decisão, senhores jurados?

- Sim.

- Olhai para a ré. dizei se é culpada ou está inocente.

- Está inocente...

CAPÍTULO QUINTO

Fizeram-na sair por uma porta lateral.

Tinha notado rostos cumprimentando-a... Roddy... o detective com os grandes bigodes...

Mas foi para Peter Lord que ela se voltou.

- Quero sair daqui... - murmurou.

Ele levava-a agora de automóvel rapidamente para fora de Londres, e não tinham ainda trocado uma palavra. Ia sentada gozando o silêncio.

Cada minuto a afastava mais do que se passara.

Uma vida nova...

Era o que desejava...

Uma vida nova.

De repente disse:

- Quero ir para um sítio sossegado... onde não haja gente...

- Está tudo arranjado - declarou calmamente Peter Lord.

- Vai para uma casa de repouso. Um sítio sossegado com lindos jardins. Ninguém a incomodará.

- Sim, é isso que quero... - disse ela com um suspiro.

Compreendia-a por ser médico, pensava ela. não a maçava. Dava-lhe uma infinita tranquilidade estar com ele e afastar-se de tudo, sair de Londres... para um sítio seguro...

Queria esquecer tudo... Fora tudo mentira. Tudo passara, desaparecera, acabara juntamente com a vida e as emoções anteriores. Era uma outra pessoa, tímida, indefesa, muito simples e ignorante, que ia começar de novo a vida. Muito tímida e com muito medo...

Mas estar com Peter Lord era reconfortante...

Estavam já fora de Londres atravessando os subúrbios.

- Foi você que fez tudo... - disse ela por fim.

- Não fui eu, foi Hercule Poirot. É um homem das arábias! - exclamou Peter Lord.

Mas Elinor abanou a cabeça e repetiu obstinadamente:

- Não foi voeê. Você é que o foi buscar e o meteu nisto!

Peter fez um sorriso forçado.

- Pois sim, fui eu que o meti nisto...

- Sabia que não tinha sido eu ou não tinha a certeza? - perguntou Elinor.

- Nunca tive bem a certeza.

- Foi por isso que estive quase a declarar-me culpada logo no princípio... porque, bem vê, eu tinha pensado em... Sim, pensei nisso naquele dia em que me encontrou a rir perto da casa da enfermeira.

- Sim, eu percebi... - disse Peter Lord.

- Parece tão estranho agora... Era uma ideia fixa. No dia em que comprei as conservas e fiz as sanduíches pensei para comigo: «Podia misturar aqui veneno e quando ela comesse morreria, e então Roddy voltaria para mim.»

- Pensar essas coisas às vezes ajuda as pessoas a suportar a realidade. Não faz mal nenhum. A pessoa liberta-se pela fantasia. Alheia-se.

- Sim, é isso. Porque de repente passou! Deixei de ver tudo negro. Quando aquela mulher mencionou a roseira junto da casa do guarda, tudo voltou à normalidade...

E com um arrepio continuou:

- Depois quando entrámos na sala e ela estava morta, ou pelo menos a morrer pensei:

«Haverá muita diferença entre cometer um crime e pensar em cometê-lo?»

- Uma diferença enorme! - exclamou Peter Lord.

- Mas haverá realmente?

- Claro que há. Pensar em matar não faz mal nenhum. As pessoas têm ideias disparatadas sobre isso e pensam que é a mesma coisa que planejar um crime! Mas não é. Se se pensar muito em cometer um crime, de repente vê-se claro e percebe-se que é um disparate!

- Você tranquiliza-me... - exclamou Elinor.

- É só uma questão de ver as coisas como elas são.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos e Elinor disse:

- De vez em quando no tribunal olhava para si. Dava-me coragem. Tinha um aspecto de pessoa simples. - E depois riu: - Desculpe!

- Compreendo - disse ele. - Quando se está no meio de um pesadelo a única esperança é qualquer coisa simples. Aliás as coisas simples são as melhores. Sempre pensei assim.

Pela primeira vez, desde que entrara no carro, voltou-se e olhou para ele.

O rosto dele não lhe produziu a mesma sensação que o rosto de Roddy lhe produzia; não lhe deu aquela sensação mista de dor aguda e de prazer; em vez disso fê-la, sentir conforto e amparo.

Como a cara dele é simpática... e engraçada e reconfortante... - pensou ela.

Continuavam pela estrada.

Chegaram por fim a um portão, entraram com o carro e seguiram até a uma casa branca de aspecto sossegado que ficava na encosta de um monte.

- Aqui ficará livre de toda a gente. Ninguém a incomodará - disse ele.

Num impulso ela agarrou-lhe no braço.

- Virá ver-me? - perguntou ela.

- Claro que sim.

- Muitas vezes?

- Sempre que quiser.

- Então venha muitas vezes...

CAPÍTULO SEXTO

- Como vê, meu amigo, as mentiras que as pessoas dizem são tão úteis como a verdade? - disse Hercule Poirot.

- Alguém lhe mentiu? - perguntou Peter Lord.

- Pois mentiu. Por esta ou por aquela razão. É até uma pessoa que tinha obrigação de dizer a verdade e que a respeitava escrupulosamente. Foi a que mais me intrigou!

- A própria Elinor! - exclamou Peter Lord.

- Exactamente. Todas as provas eram contra ela. E ela própria, com a sua consciência sensível e cheia de tédio não fazia nada para dissipar a acusação. Acusando-se a si própria do desejo e não do acto, quase ia abandonando uma luta desagradável e sórdida declarando-se perante o tribunal, culpada de um crime que não tinha cometido.

Peter Lord suspirou exasperado:

- É incrível.

- Não é - disse Poirot. - Ela condenava-se porque se julgava a culpada de acordo com um padrão mais recto do que o exigido pela Humanidade em geral!

- Sim, ela é assim - disse Peter Lord pensativo.

Hercule Poirot continuou:

- Desde o momento em que iniciei as minhas investigações houve sempre a forte possibilidade de Elinor Carlisle ser culpada do crime de que era acusada. Mas cumpri o que lhe prometi e descobri que era possível apresentar provas bastante fortes contra outra pessoa.

- A enfermeira Hopkins?

- A princípio, não. Roderick Welman foi a primeira pessoa a atrair a minha atenção. O caso dele também começou por uma mentira. Disse-me que tinha partido de Inglaterra no dia 9 de Julho e regressado a 1 de Agosto. Mas a enfermeira Hopkins dissera casualmente que Mary Gerrard tinha repudiado as propostas de Roderick Welman quer em Maidensford quer quando se encontrou com ela em Londres.» Mary Gerrard segundo você me informou, foi para Londres a 10 de Julho - um dia depois de Roderick Welman ter partido de Inglaterra. Então quando é que Mary Gerrard tinha tido uma entrevista com Roderick Welman em Londres? Pus o meu amigo salteador a trabalhar e pelo exame do passaporte de Welman descobri que estivera em Londres de 25 a 27 de Julho. Tinha mentido deliberadamente. Tive sempre presente no espírito o espaço de tempo em que as sanduíches estiveram num prato na copa com Elinor Carlisle fora de casa. Mas a pouco e pouco compreendi que nesse caso a vítima designada seria Elinor e não Mary. Roderick Welman tinha algum motivo para matar Elinor Carlisle? Sim, tinha um bom motivo. Ela tinha feito testamento deixando-lhe toda a fortuna; e por um interrogatório hábil descobri que Roderick Welman podia ter tomado conhecimento desse facto.

- E por que mudou de opinião? - perguntou Peter Lord.

- Por causa de outra mentira. Uma mentirazinha muito estúpida e evitável. A enfermeira Hopkins disse que tinha arranhado o pulso numa roseira com espinhos. E eu fui ver a roseira e não tinha espinhos... Portanto, sem dúvida, a enfermeira Hopkins tinha mentido - e a mentira era tão pateta e aparentemente tão desnecessária que me despertou a atenção. Comecei a pensar na enfermeira Hopkins. Até então considerava-a uma testemunha perfeitamente coerente e fiel, apenas com uma forte antipatia pela acusada derivada como era natural da sua afeição pela morta. Mas depois, pensando naquela mentirazinha

desnecessária, examinei muito cuidadosamente a enfermeira Hopkins e o que ela dissera e compreendi uma coisa que ainda não tinha tido a agudeza de perceber antes. A enfermeira Hopkins sabia alguma coisa sobre Mary Gerrard, coisa essa que estava ansiosa por dizer; que queria revelar.

- Julguei que fosse precisamente o contrário! - observou Peter Lord, surpreso.

- Aparentemente era. Representou muito bem o papel de alguém que sabe alguma coisa e não quer dizer! Mas quando voltei a pensar no caso cuidadosamente, compreendi que tudo o que ela tinha dito sobre o assunto fora proferido tendo em vista um fim diametralmente oposto. A minha conversa com a enfermeira O'Brien confirmou-me essa impressão. Hopkins tinha-se servido dela inteligentemente e sem a enfermeira O'Brien ter consciência disso. Era evidente, portanto, que a enfermeira Hopkins estava a fazer o seu jogo. Comparei as duas mentiras, a dela e a de Roderick Welman. Seriam ambas inofensivas? No caso de Roderick, respondi logo: sim. Roderick Welman é uma pessoa muito sensível. Admitir que fora incapaz de cumprir o seu plano de permanecer no estrangeiro e fora impelido a regressar à socapa para andar de volta da rapariga que não queria nada com ele, tê-lo-ia ferido terrivelmente no seu orgulho. Uma vez que não estivera próximo do local do crime nem tivera conhecimento dele tomou o caminho mais fácil, evitando coisas desagradáveis (uma característica sua muito marcada) e não mencionou aquela rápida visita a Inglaterra e disse simplesmente que regressara a 1 de Agosto quando recebeu a notícia do crime.

Agora quanto à enfermeira Hopkins, seria a sua mentira inofensiva? Quanto mais pensava mais extraordinária me parecia. Por que é que a enfermeira Hopkins tivera necessidade de mentir por ter uma marca no pulso? Que significava aquela marca? Comecei a fazer perguntas a mim próprio. A quem pertencia a morfina que desapareceu? à enfermeira Hopkins.

Quem podia ter administrado essa morfina à sr^a Welman? A enfermeira Hopkins. Sim, mas então por que chamara a atenção para o seu desaparecimento? Só podia haver uma resposta para isto, se fosse a enfermeira Hopkins a culpada, porque significava que o outro crime, a morte de Mary Gerrard, já estava planeada e escolhido um bode expiatório, e seria preciso que a pessoa escolhida tivesse tido oportunidade de obter morfina. Havia outros pormenores que se ajustavam à ideia. A carta anónima escrita a Elinor, destinada a criar animosidade entre Elinor e Mary. A ideia era, sem dúvida, que Elinor viesse e quisesse pôr termo à influência de Mary sobre a sr^a Welman. O facto de Roderick Welman se apaixonar violentamente por Mary, era, é claro, uma circunstância totalmente imprevista, mas a enfermeira Hopkins soube logo aproveitar-se dela. Eis o motivo ideal para o bode expiatório ou seja para Elinor.

Mas qual era a razão dos dois crimes? Que motivo podia haver para a enfermeira Hopkins matar Mary Gerrard? Comecei a vislumbrar qualquer coisa embora ainda vagamente. A enfermeira Hopkins tinha muita influência sobre Mary e um dos modos como exerceu essa influência foi induzindo a rapariga a fazer testamento. Mas o testamento não era em benefício da enfermeira Hopkins. Era em benefício de uma tia de Mary que vivia na Nova Zelândia. E então lembrei-me de uma observação casual que alguém na aldeia me tinha feito, afirmando que essa tia fora enfermeira.

Comecei a ver melhor. A razão do crime estava a tornar-se mais aparente. O passo seguinte foi fácil. Fui visitar uma vez mais a enfermeira Hopkins. Ambos representámos muito bem o nosso papel. Por fim fingiu ter sido convencida a dizer o que desde o início estava desejosa que se soubesse! Não tencionava talvez dizê-lo tão cedo! Mas a oportunidade era boa e ela não pôde resistir. E, de resto, a verdade havia de saber-se de qualquer maneira.

Por isso com pseudo-relutância mostrou-me a carta. E então, meu amigo, acabaram-se as conjecturas. Fiquei sabendo! A carta denunciava-a.

- Como? - perguntou Peter Lord franzindo a testa.

- Meu caro, o cabeçalho da carta era o seguinte:

«Para Mary, para lhe enviarem depois da minha morte.» Mas a maneira como a carta estava escrita revelava perfeitamente que não era Mary Gerrard que devia saber a verdade que ela continha. A palavra enviada (e não entregue) escrita no sobrescrito era também elucidativa. Aquela carta não tinha sido dirigida a Mary Gerrard mas a outra Mary. Eliza Riley escrevera a verdade para a irmã dela Mary Riley que vivia em Nova Zelândia. A enfermeira Hopkins não encontrara aquela carta na casa do guarda depois da morte de Mary Gerrard. Há muitos anos que a tinha em sua posse. Recebera-a na Nova Zelândia, para onde fora enviada depois da morte da irmã.

Fez uma pausa.

- Uma vez descoberta a verdade com a inteligência, o resto foi fácil. A rapidez das viagens aéreas tornou possível a presença, no tribunal de uma testemunha que conheceu bem Mary Draper na Nova Zelândia.

- Suponha que se tinha enganado e que Mary Draper e a enfermeira Hopkins não eram a mesma pessoa? - disse Peter.

- Nunca me engano! - disse Poirot friamente.

Peter Lord riu-se.

Hercule Poirot continuou:

- Meu amigo, sabemos agora alguma coisa desta Mary Riley ou Draper. A polícia da Nova Zelândia não conseguiu obter provas suficientes que confirmassem as suas suspeitas, mas andavam a vigiá-la quando de repente abandonou o país. Houve uma doente dela, uma senhora de idade que deixou à sua «querida enfermeira Riley» uma razoável herança e cuja morte intrigou bastante o médico assistente. O marido de Mary Draper fez um seguro de vida num valor considerável a favor dela e a sua morte foi súbita e inexplicável.

Infelizmente para ela, ele não tinha ainda pago o seguro. Não se sabe quantas mortes mais se lhe podem atribuir. O certo é que é uma mulher sem consciência e sem escrúpulos. Pode-se imaginar que a carta da irmã lhe sugeriu possibilidades tentadoras. Quando a atmosfera na Nova Zelândia se lhe tornou insuportável, como se costuma dizer, e ela veio para Inglaterra e começou a sua profissão sob o nome de Hopkins (uma antiga colega dela do hospital que morreu no estrangeiro), Maidensford era o seu objectivo. Talvez tivesse pensado primariamente em qualquer chantagem. Mas a sr^a Welman não era o género de pessoa que se deixasse enganar, e a enfermeira Riley ou Hopkins muito sensatamente não tentou fazer nada disso. Sem dúvida informou-se e descobriu que a sr^a Welman era muito rica e em qualquer ocasião a sr^a Welman podia ter revelado, sem querer, que não tinha feito testamento.

Então, nessa noite de Junho, quando a enfermeira O'Brien contou à colega que a sr^a Welman pedira para mandarem chamar o seu advogado, Hopkins não hesitou.

A sr^a Welman tinha de morrer sem fazer testamento para que a filha ilegítima herdasse a fortuna. Hopkins, entretanto, tornara-se amiga de Mary Gerrard e adquirira bastante influência sobre a rapariga. Restava-lhe persuadi-la a fazer testamento deixando a fortuna à irmã da mãe; e cuidadosamente inspirou-lhe a redacção desse testamento. Não se mencionava o parentesco: dizia apenas «Mary Riley irmã da falecida Eliza Riley». Uma vez assinado isto, Mary Gerrard estava perdida. A mulher só tinha que esperar uma oportunidade. Já tinha planeado, imagino eu, o método do crime com o uso de apomorfina

para lhe garantir um alibi.

Pode ter pensado levar Elinor e Mary a sua casa, mas quando Elinor veio ter com elas à casa do guarda e lhes pediu que fossem consigo comer sanduíches compreendeu imediatamente que aquela era a oportunidade ideal. As circunstâncias eram tais que era praticamente certo Elinor ser condenada.

- E se não fosse o senhor, seria condenada - disse Peter Lord.

- Não, meu amigo, é a si que ela tem de agradecer a vida - afirmou Poirot.

- Eu? Eu não fiz nada. Tentei...

Calou-se. Hercule Poirot sorriu ligeiramente.

- Sim, é verdade, tentou tudo, não tentou? Estava impaciente por não me ver chegar a nenhuma conclusão. E por outro lado tinha receio de que ela fosse realmente culpada. E por isso, com grande impertinência também me mentiu! Mas, meu caro, não o fez com muita inteligência. De futuro aconselho-o a tratar o sarampo e as bexigas e a não armar em detective.

Peter Lord corou.

- Percebeu tudo? - perguntou ele.

- Levou-me pela mão a uma clareira nos arbustos e ajudou-me a encontrar uma caixa de fósforos alemães que lá tinha posto! Que infantilidade!

Peter Lord pestanejou.

- Esqueça-se disso!

Poirot continuou:

- Conversou com o jardineiro e convenceu-o a dizer que tinha visto o seu carro na estrada; e depois fingiu um sobressalto e disse que não era o seu carro. E olhou para mim com ar de suspeita para me dar a entender que alguém, um estranho devia ter cá estado nessa manhã.

- Fiz uma triste figura - disse Peter Lord.

- E que é que foi fazer a Hunterbury nessa manhã?

Peter Lord corou.

- Era pura patetice... Tinha ouvido dizer que ela estava cá e fui lá acima à casa na esperança de a ver. Não tencionava falar-lhe. Só queria, enfim, só queria vê-la. Daquele caminho entre os arbustos vi-a na copa a cortar pão...

- Carlota e o poeta Werther. Continue, meu amigo.

- Não tenho nada a dizer. Meti-me nos arbustos e fiquei ali a olhar para ela até ela se ir embora.

- Apaixonou-se por Elinor Carlisle a primeira vez que a viu? - perguntou suavemente Poirot.

- Creio que sim.

Houve um silêncio longo.

Peter Lord disse por fim:

- Creio que ela e Roderick Welman casarão e serão muito felizes.

- Meu caro amigo, você não crê nada disso! - exclamou Poirot.

- Por que não? Ela perdoar-lhe-á o caso de Mary Gerrard. Aliás foi apenas um entusiasmo.

- É mais complicado do que isso... Há às vezes, um profundo abismo entre o passado e o futuro. Quando se caminhou pelo vale sombrio da morte e se saiu dele para a luz clara do sol - então, meu amigo, começa uma vida nova... O passado não serve...

Esperou um instante e continuou:

- Uma vida nova... É o que Elinor Carlisle está a começar agora - e foi você quem lhe deu essa vida.

- Não, de maneira nenhuma.

- Foi sim. Foi a sua decisão, a sua arrogante insistência que me impeliu a fazer o que me pedia. Admite ou não agora que é a si que ela deve estar grata?

- Sim, está muito grata - disse Peter Lord pausadamente. - Pediu-me que a fosse visitar muitas vezes.

- Ela precisa de si.

- Não tanto como precisa dele! - exclamou Peter Lord num tom brusco.

- Ela nunca precisou de Roderick Welman - afirmou Poirot. - Amava-o mas era um amor infeliz, desesperado mesmo.

- Nunca me amará assim - disse rudemente Peter Lord com uma expressão parada e amarga.

- Talvez não - disse Poirot com voz suave. - Mas precisa de si, meu amigo, porque só consigo pode vir a ser feliz.

Peter Lord ficou calado.

A voz de Hercule Poirot tornou-se ainda mais suave.

- Por que não aceita os factos? Ela amava Roderick Welman. E que tem isso? Consigo pode ser feliz...